



**UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA**

**CENTRO DE EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO E ARTES
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO**

MESTRADO EM EDUCAÇÃO

AMANDA LUIZA ACEITUNO DA COSTA

**CONSTRUINDO SABERES A PARTIR DO EXERCÍCIO DA
DOCÊNCIA: O PROCESSO DE APRENDIZAGEM DO PROFESSOR
INICIANTE DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

ORIENTADORA: PROF. DR.^a ÂNGELA PEREIRA TEIXEIRA VICTÓRIA PALMA

**Londrina, PR
2012**



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA

CENTRO DE EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO E ARTES
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO

MESTRADO EM EDUCAÇÃO



Londrina, PR
2012

AMANDA LUIZA ACEITUNO DA COSTA

**CONSTRUINDO SABERES A PARTIR DO EXERCÍCIO DA
DOCÊNCIA: O PROCESSO DE APRENDIZAGEM DO PROFESSOR
INICIANTE DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

Dissertação apresentada ao
Programa de Mestrado em
Educação da Universidade Estadual
de Londrina, como requisito para a
obtenção do título de Mestre.

Orientador:
Prof. Dr.^a Ângela Pereira Teixeira
Victória Palma

Londrina – Paraná
2012

**Catálogo elaborado pela Divisão de Processos Técnicos da Biblioteca Central da
Universidade Estadual de Londrina**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

C837c Costa, Amanda Luiza Aceituno.
Construindo saberes a partir do exercício da docência : o
processo de aprendizagem do professor iniciante de
educação física / Amanda Luiza Aceituno Costa. – Londrina,
2012.
149 f. : il.

Orientador: Ângela Pereira Teixeira Victoria Palma.
Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade
Estadual de Londrina, Centro de Educação, Comunicação e
Artes, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2012.
Inclui bibliografia.

1. Educação – Formação de professores – Teses. 2.
Professores – Formação – Teses. 3. Prática de ensino –

**CONSTRUINDO SABERES A PARTIR DO EXERCÍCIO DA
DOCÊNCIA: O PROCESSO DE APRENDIZAGEM DO PROFESSOR
INICIANTE DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

**Dissertação apresentada ao
Programa de Mestrado em
Educação da Universidade Estadual
de Londrina, como requisito para a
obtenção do título de Mestre.**

Comissão examinadora:

Angela Pereira Teixeira Victoria Palma
Universidade Estadual de Londrina

José Augusto Victoria Palma
Universidade Estadual de Londrina

Luciana Maria Giovanni
Pontifícia Universidade Católica
Universidade Estadual Paulista

Londrina, 29 de junho de 2012.

Agradecimentos

Aos meus pais, Luiza e Armando, pelo amor incondicional e pela confiança em todos os momentos da minha vida. À minha irmã Aline, pelos conselhos certos e todo carinho.

À professora Ângela Pereira Teixeira Victória Palma, minha “eterna orientadora”, por ser minha referência maior do que seja ser professor. Agradeço por toda cumplicidade, paciência e sabedoria em mais essa etapa.

Ao professor José Augusto Victória Palma, com todas suas contribuições durante todo o processo, pelas suas perturbações tão ricas e cheias de significado.

À professora Luciana pela disposição e generosidade em participar desse trabalho.

À Vera, pela cumplicidade, lealdade e amizade. Obrigada por simplesmente estar presente, isso me basta.

Aos meus amigos que enchem a minha vida de alegria a cada dia me dando forças pra seguir em frente.

À todos da Escola Municipal Irene Aparecida da Silva que souberam entender minhas ausências e que torceram muito para a conclusão desse trabalho. Mas principalmente por me proporcionarem um cotidiano tão rico e agradável contribuindo de forma tão intensa o meu processo de tornar - me professora.

Aos professores que colaboraram de forma tão disposta e carinhosa com essa pesquisa abrindo a porta de suas salas de aula para que eu pudesse entrar.

Ao Cássio Gomes, pela parceria de anos. Presente ou ausente, essa conquista tem a sua participação.

Aos meus alunos, que tanto me ensinam, que tanto me inquietam, que tanto me completam e que diariamente me mostram a beleza da minha profissão fazendo a minha vida ter sentido!

“A alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo da busca. E ensinar e aprender não pode dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria.”

Paulo Freire

COSTA, Amanda Luiza Aceituno. **Construindo saberes a partir do exercício da docência:** O processo de aprendizagem do professor iniciante de Educação Física 2012. 99 folhas. – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2012.

RESUMO

O processo de tornar-se professor é marcado por diversas etapas formativas. O professor inicia seu processo de aquisição de conhecimentos necessários à docência durante sua experiência enquanto aluno da educação básica, suas crenças, sua história familiar e vivências pessoais. Ao ingressar na universidade, esta tem a função de reorganizar esses conhecimentos do senso comum. É da formação inicial a responsabilidade de reestruturar esses conhecimentos prévios dos futuros professores ao mesmo tempo em que apresenta conhecimentos científicos e pedagógicos necessários para o ensino. Além da trajetória de vida do professor, anterior a graduação, é importante considerar a etapa posterior à formação inicial como importante etapa constituinte do processo formativo. Durante o desenrolar da carreira, seus conhecimentos continuam em processo de contínua construção, reconstrução, relações e reflexão. Entretanto, como ocorre o aprendizado da docência a partir da experiência, em especial como o processo de iniciação na docência favorece a consolidação da profissão é o que pretende ser pesquisado no presente estudo. Para tanto, o estudo trata-se de uma pesquisa qualitativa no qual foi realizado entrevistas com 10 professores iniciantes de Educação Física e posteriormente será realizada a observação de três desses professores com o propósito de encontrar como ocorre o processo de consolidação da docência em especial dos professores iniciantes de Educação Física.

Palavras-chave: Saberes Docentes. Saberes da experiência, professor reflexivo, professores iniciantes.

COSTA, Amanda Luiza Aceituno. **Building knowledge from the practice of teaching: The learning process of beginning teacher of Physical Education** 2012. 99 folhas. – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2012.

ABSTRACT

The process of becoming a teacher is marked by several formative stages. The teacher initiates the process of acquisition of knowledge necessary for teaching during his experience as a student of basic education, their beliefs, their family history and personal experiences. By joining the university, this serves to reorganize these common-sense knowledge. It is the responsibility of training these restructure prior knowledge of future teachers while presenting scientific and pedagogical knowledge needed for teaching. Besides the life trajectory of the teacher, prior to graduation, it is important to step back to the initial stage as an important constituent of the training process. During the course of his career, his knowledge still in the process of continual construction, reconstruction, relationships and reflection. However, as the teaching learning from the experience, especially as the process of initiation into the teaching profession favors the consolidation of what is intended to be researched in this study. Therefore, it is the study of qualitative research in which it was conducted interviews with 10 beginning teachers of Physical Education and will be held later observation of these three teachers with the purpose of finding occurs as the consolidation process of teaching in particular beginning teachers of Physical Education.

Keywords: Knowledge Teachers. Knowledge of experience, reflective teachers, beginning teachers.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Esquema Palma e Palma, 2007	22
---	----

Lista de tabelas e quadros

Quadro 1 – Perfil dos professores	52
--	-----------

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 O PROFESSOR E SEU SABER.....	16
2.1 SABERES DOCENTES	16
2.2 SABERES EXPERIENCIAIS	27
2.3 DIMENSÕES DOS SABERES DA EXPERIÊNCIA	29
3 O PROFESSOR REFLEXIVO NA CONSTRUÇÃO DOS SABERES EXPERIENCIAIS.....	33
4 APRENDER E ENSINAR EM EDUCAÇÃO FÍSICA	40
5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	50
6 ANÁLISE DOS DADOS	55
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	68
REFERÊNCIAS.....	73
APÊNDICES E ANEXOS	75

1 INTRODUÇÃO

Ao realizar alguns estudos em relação aos saberes profissionais necessários para a docência, sempre ficou muito evidente para mim a constituição de alguns deles e em qual momento da carreira eles se apresentavam. Entretanto um dos saberes, os saberes advindos da experiência, durante o processo de constituição da carreira do professor nunca ficou muito claro.

Afinal, que saber é esse que vários estudos afirmam que existe, mas que não se tem uma consistência ao descrevê-lo? Esses saberes aparecem sozinhos? Ao professor basta esperar que eles surgirão de algum lugar? Esses saberes dependem diretamente da ação do professor, do seu trabalho, da sua reflexão e exige esforço e estudo desse profissional? Em que momento e como o conhecimento se configura de fato? O cotidiano escolar interfere na consolidação da docência?

Em meio as dúvidas a respeito dos saberes da experiência aliou-se o fato de eu ser uma professora iniciante, com dúvidas e incertezas para esse momento de início da carreira. Portanto, como esses saberes da experiência estão presentes na formação do professor iniciante e como eles podem auxiliar o professor nesse momento são questões que me surgiram a partir de meus estudos e reflexões no momento de atuação em sala de aula.

Nesse sentido, o processo de construção dos saberes profissionais necessários para a docência perpassa por diversas etapas formativas. Muitos estudos são realizados com o propósito de identificar quais os conhecimentos necessários para a docência e como estes se configuram durante todo o processo de aprendizagem do professor.

Alguns autores como Pacheco e Flores (1999), Tardif (2002), Guarnieri (1996), realizaram estudos a respeito da formação profissional do professor. Em todos esses estudos há um ponto em comum que merece destaque. Trata-se da questão da formação de professores como um todo complexo e contínuo, no qual não se identifica início e fim, mas sim um sistema dinâmico de construções e relações dos conhecimentos durante toda a história de vida pessoal e profissional do professor.

A essência da profissão docente não permite que o professor se estabilize e se acomode no processo de construção de seus conhecimentos, ou que se permita dizer que já está pronto após receber um diploma de conclusão do ensino superior. Dessa maneira, a formação para a docência não se inicia e termina apenas em um curso institucional de formação de professores.

O professor inicia seu processo de aquisição de conhecimentos necessários à docência durante sua experiência enquanto aluno da educação básica, suas crenças, sua história familiar e vivências pessoais. Ao ingressar na universidade, esta tem a função de reorganizar esses conhecimentos do senso comum. É da formação inicial a responsabilidade de reestruturar esses conhecimentos prévios dos futuros professores ao mesmo tempo em que apresenta conhecimentos científicos e pedagógicos necessários para o ensino.

A partir dessas observações é possível identificar a importância de uma formação inicial que possibilite não apenas a transferência de técnicas para o exercício da profissão. Mas sim, que também possibilite ao futuro professor se perceber enquanto agente de sua própria formação até o fim de sua carreira.

Além da trajetória de vida do professor, anterior a graduação, é importante considerar a etapa posterior à formação inicial como importante etapa constituinte do processo formativo. Durante o desenrolar da carreira, seus conhecimentos continuam em processo de contínua construção, reconstrução, relações e reflexão.

De acordo com Guarnieri (1996), é na esfera da formação básica e no exercício da profissão docente que o indivíduo vai construindo o seu processo de tornar-se professor. Essa etapa de formação posterior a graduação é muito enfatizada pelos autores como o momento de constante avaliação de suas ações pedagógicas e conseqüentemente de formação profissional. Tardif (2002), salienta, nessa etapa, a construção dos saberes experienciais necessários ao ensino, esses saberes são frutos da experiência e da prática cotidiana do docente e do seu trabalho como professor na interação com os alunos, na gestão da classe. Para o mesmo autor, o saber do professor não é um conjunto de saberes definidos, mas um processo de construção ao longo da profissão.

Dessa maneira, os saberes experienciais se constroem ao longo da ação docente, refletindo sobre a prática e ao mesmo tempo agindo sobre ela. Schön apud Pacheco e Flores (1983, 1987), Guarnieri (1996), e Tardif (2002), definem essa

tendência de explicar o processo de tornar-se professor a partir da experiência da profissão como “*Epistemologia da Prática*”. Ou seja, o estudo a partir **da** e **sobre** a própria prática configura-se como mais uma etapa do processo formativo do professor.

Mas afinal, que saberes são esses que os professores constroem em serviço, como eles se configuram de fato no decorrer da ação docente são questões que não aparecem tão claras ao se falar de conhecimentos da experiência.

A partir dessas considerações a respeito da formação na prática, o professor é o tema central do presente estudo que é investigar como ocorre o processo de tornar-se professor a partir de sua prática, mais especificamente como o professor iniciante de Educação Física aprende a ensinar no decorrer da profissão, diante disso nossa pergunta principal é: Como o processo de iniciação na docência favorece a consolidação da profissão?

Para conseguir responder a essa questão foi delimitado como objetivo geral da pesquisa, estabelecer relações entre a consolidação da prática profissional de docentes iniciantes e o cotidiano escolar.

Para tanto foi estabelecido os seguintes objetivos específicos: Identificar fontes de aquisição de conhecimentos mobilizados pelos professores durante a prática pedagógica; Mapear a influência da formação inicial no processo de formação profissional; Identificar mediadores presentes no cotidiano escolar e a aprendizagem da docência.

Tendo como foco os professores em início de carreira para compreender como ocorre a construção da profissão docente, se faz necessário delimitar quem são esses professores iniciantes. De acordo com Veeman apud Guarnieri (1996), os problemas que os professores iniciantes enfrentam são quase universais e essa universalidade extrapola as características pessoais desses professores, as situações do local de trabalho e as diferenças dos programas de formação.

Alguns estudos que retratam o processo formativo dos professores delimitam o período que pode ser considerado como início da carreira. De acordo com Veeman apud Pacheco e Flores (1999) e Huberman (1992), o professor iniciante caracteriza-se como aquele que ainda não completou três anos de docência após ter se formado.

O presente estudo está organizado em três capítulos que contribuem para o entendimento de como ocorre a aprendizagem do professor a partir da experiência.

No primeiro capítulo procurou-se evidenciar quais são os saberes docentes necessários para o ensino bem como em qual etapa formativa se desenvolvem, em especial, o saber da experiência. Esses saberes estão inseridos e se constroem em um processo de formação profissional contínuo. Entender a natureza dos saberes profissionais é fundamental para a compreensão de como o professor aprende a aprender e conseqüentemente como ocorre o surgimento dos saberes experienciais.

O segundo capítulo apresenta o saber experiencial como possibilidade de um tipo exclusivo de professor. Trata-se de um professor que analisa e reflete sobre suas ações embasadas em outros saberes advindos de diversos momentos de sua formação profissional. Nesse sentido o saber da experiência não se desenvolve do acaso, mas sim, necessita de um sujeito que o construa, o professor.

O terceiro capítulo diz respeito ao processo de ensinar e aprender em Educação Física. Entender as finalidades do professor de Educação Física na educação escolarizada é fundamental para delimitar como seus saberes se constroem.

Dessa maneira, conhecer os problemas do professor iniciante e como aprende a ensinar no decorrer de sua prática possibilita criar melhores programas de formação de professores e entender como ocorre o processo de chegar a ser professor a partir da ação docente.

2 O PROFESSOR E SEU SABER

2.1 SABERES DOCENTES

A palavra saberes pode significar conhecimentos, experiências, aspirações, informações, ideias e práticas de alguém sobre determinado assunto, ou seja, “*o saber é sempre o saber de alguém que trabalha alguma coisa no intuito de realizar um objetivo qualquer*” (Nóvoa, 1992, p. 11). Logo, ao se falar de saberes docentes, esse objetivo deve ser bem definido, tomando o ensino como foco central da construção desses saberes. O objetivo da docência está muito claro, entretanto os próprios saberes nem sempre são bem definidos, iniciando-se assim, uma incansável busca de delimitar não apenas o que são, mas principalmente o que um professor precisa saber para chegar a seu objetivo, o ensino.

Ao analisarmos a literatura, é possível identificar diversos estudos como Tardif 2002, Pacheco e Flores (1999), Perrenoud (2001), entre outros, que tratam dos saberes profissionais necessários à docência. O assunto é cada vez mais discutido e aprofundado no âmbito dos estudos em educação. A procura e tentativa de identificar quais são os saberes necessários para a docência não termina e nem poderia, justamente pelo fato de serem os seus maiores interessados, os professores, seres humanos em constante mudança e seu trabalho, o ensino, dinâmico. Nesse sentido, por mais que identifiquemos e tentemos nos aproximar de quais são os saberes do professor, o mais perto que conseguiremos chegar serão apontamentos e direções para que as instituições de formação e o próprio professor possam se embasar para a formação profissional.

A primeira vista, o termo saberes docentes pode ser entendido como conteúdos ou assuntos que o professor deve construir para realizar seu ensino, normalmente adquiridos durante os anos da formação inicial. Entretanto, não basta entendermos saberes docentes apenas como assuntos que o docente deve adquirir de uma maneira sistematizada e formalizada, tampouco acreditar que esses saberes são únicos e imutáveis, como prezam alguns modelos de ensino.

Para Serrão (2005), os saberes, muitas vezes, são entendidos como fatos e teorias aceitas, são tidos como certos, significando uma profunda e quase mística crença em respostas exatas. Esse fato acaba criando obstáculos para a

prática reflexiva do professor que é de fundamental importância no processo de construção do conhecimento do professor e, conseqüentemente, do aluno.

Perrenoud (2001), define o professor como sendo um profissional dotado de razão, cujos saberes são regidos por certas exigências de racionalidade que lhe permitem fazer julgamentos em face das condições contingentes de seu trabalho. O autor apresenta ainda que, os saberes nos quais se apóia, o professor, são diversos e plurais. Esses saberes dependem estreitamente das condições sociais e históricas nas quais ele exerce sua profissão e das condições que estruturam seu próprio trabalho em um lugar social dado. E é justamente por esse caráter plural dos saberes que é difícil defini-los e ter um padrão para que todas as instituições de formação de professores possam seguir com programas prontos e definidos. Assim, o que se espera da formação profissional é que esta seja capaz de ensinar o futuro professor a saber sobre o seu saber, ou seja, que forme professores que sejam os agentes de seus próprios saberes.

Hernández apud Lima (2007), afirma que é comum dar mais valor para as propostas de formação do que à compreensão da maneira pela qual a formação recebida afeta a aprendizagem. Dessa maneira, entender como o professor aprende é importante para que o professor aprenda sobre o seu saber, tornando-o capaz de tomar decisões e iniciativas para sua própria formação profissional.

Embora a aprendizagem profissional da docência possa ser identificada como o domínio do saber e do saber fazer, do saber sistematizado e do saber escolar, dos conhecimentos teóricos e metodológicos dos modos do fazer docente... aprender a ser professor não é algo que se conclua após o estudo de determinados conteúdos e procedimentos necessários à sua transposição didática. (LIMA, 2007, p. 42)

A ênfase em uma formação profissional que proporcione ao professor ser dono de seu conhecimento se deve ao fato do ensino não ser um trabalho estável, se modificar de cidade para cidade, de escola para escola, de aluno para aluno, de dia para dia. O ensino se modifica em instantes. Dessa maneira, manter uma formação profissional embasada apenas em domínios técnicos está fadado ao fracasso do ensino.

No sentido de entender como se deseja que o professor conheça sobre o seu saber e esteja preparado para a docência, Gamboa (1997) afirma que o conhecimento de fato só ocorre quando captamos o significado dos fenômenos e desvendamos seu verdadeiro sentido quando recuperamos sua essência nos

contextos que eles ocorrem. Portanto, conhecer é compreender os fenômenos em suas diversas manifestações e contextos. No caso do professor, esse conhecimento é entendido como a capacidade de perceber seu trabalho com todas as suas dinamicidades e saber lidar com isso graças a um saber prévio. Trata-se do “saber sobre o seu próprio saber”, ou seja, saber como ele mesmo aprende a ser professor.

O “saber de seu próprio saber” é um ponto fundamental e que deve ser destacado nos programas de formação profissional de professores, na realidade é o eixo central para pensarmos em professores agentes de seu próprio conhecimento. O saber do seu próprio saber deve ser a essência da formação profissional de professores que percorrerá todos os outros saberes, tanto em formação quanto em serviço.

Nesse sentido fica claro que os saberes são fundamentais para o exercício da docência que devem ser constantemente ressignificados no decorrer da ação profissional. Em algumas profissões ou ofícios os saberes necessariamente exigem uma preparação prática e técnica que podem ser adquiridos em palestra, em curso de curta duração ou ainda apenas resultado da cópia e do treino. No caso da docência apenas esses saberes baseados na técnica não são suficientes. A docência exige conhecimentos e atitudes que muitas vezes não se encontram descritos em um manual e sim que são construídos durante todo o processo de sua ação docente. De acordo com Campos (2007), o saber ensinar, integra diferentes saberes situados em ação. Desse modo, a formação docente deve privilegiar a formação do professor como sujeito reflexivo, que atue sobre o seu saber.

Os saberes profissionais segundo Tardif (2002), são pragmáticos, modelados e voltados para a solução de situações práticas concretas exigindo sempre uma parcela de improvisação e de adaptação a situações novas e únicas, que exigem do profissional reflexão e discernimento para que possa não só compreender o problema como também organizar e esclarecer os objetivos almejados e os meios a serem usados para atingi-los. A utilização do saber docente depende de como o professor compreende como se dá o conhecimento e de suas perspectivas pedagógicas. Ou seja, se o esperado é que os alunos sejam capazes de solucionar problemas, críticos sobre a sua realidade, atuantes e capazes de mudança, os professores também terão que ter essa característica.

Cesário (2008), afirma que não cabe ao professor somente fazer/reproduzir. Seu papel é o de tomar decisões, emitir juízos fundamentais, além

de refletir nos contextos educacionais nos quais exerce sua atividade docente. Ou seja, nesse sentido os saberes devem ser sempre analisados e reformulados de acordo com as situações adversas que podem ocorrer em uma aula e durante todo o processo formativo.

É claro que para realizar essa quantidade de ações, que cabe ao professor, se faz necessário estudo, formação profissional e observação sobre a sua própria atuação. Nesse momento é de fundamental importância ressaltar mais uma vez sobre o papel das instituições de formação profissional não apenas como responsáveis pelo saber fazer, mas também do saber sobre o próprio saber do professor.

Portanto, a formação profissional possui papel fundamental na aquisição dos saberes do professor. Saberes esses que são denominados por Tardif (2002) de saberes docentes, esses saberes são originados por meio de uma construção social que consiste em elementos como a identidade, a experiência de vida, história profissional e significados atribuídos pelo sujeito compondo assim o saber docente. O saber docente envolve “*um trabalho de reflexividade crítica sobre as práticas e de (re) construção permanente de uma identidade pessoal*” (Nóvoa, 1992, p.3). Lima (2007), afirma que a formação profissional não se trata de uma soma de eventos, mas sim, é baseado em diversas experiências e conhecimentos que se iniciam antes da preparação formal para docência e prossegue ao longo da carreira.

De acordo com Moya (2003), a grande maioria das instituições de formação de professor tem-se apoiado no modelo de racionalidade técnica. Argumenta ainda que na concepção de formação do professor como profissional reflexivo não existe um conhecimento prévio com respostas para cada caso-problema, ou que exista uma única solução correta. Neste caso, o profissional competente atua refletindo na ação, criando uma nova realidade, experimentando, corrigindo e inventando por meio do diálogo que estabelece com essa mesma realidade, tendo sempre como base o constructo teórico sustentando essas reflexões.

Serrão (2005), afirma que é necessário romper desde a formação inicial com esse paradigma da racionalidade técnica e burocrática que rege as instituições educacionais para a formação do *practicum reflexivo*.

Os professores desenvolvem como práticos, uma racionalidade da prática que denominamos racionalidade pedagógica. Esta racionalidade é a base para a sistematização dos saberes pela reflexão da prática em ação situada, em que a reflexão do sujeito longe de uma prescrição, efetiva o conteúdo de uma epistemologia da prática elegendo os saberes específicos organizados a partir das experiências docentes. (CAMPOS, 2007, p. 29)

O modelo de racionalidade técnica nos programas de formação inicial de professores é incoerente, pois, a ação de ensinar é complexa, ela objetiva a aprendizagem e inclui lidar com a diversidade cultural presente em uma sala de aula e lida com o inesperado a cada aula, além de serem os professores e os alunos seres humanos que possuem ações, pensamentos, intenções e vontades. Logo um modelo de formação profissional embasado na racionalidade técnica deixa o professor de mãos atadas em qualquer situação inesperada que possa surgir, pois ele não aprendeu a pensar por si só.

Por mais que tentemos enumerar as diversas possibilidades de acontecimentos que poderiam ocorrer em uma aula, seria impossível prever, com segurança, tudo o que pode acontecer no cotidiano da escola. Não podemos antecipar o que o outro indivíduo, que convivemos na relação professor e aluno, imagina e pensa, por serem seres humanos que possuem suas próprias individualidades, deixando mais uma vez claro a inconsistência de um modelo de formação embasado apenas na técnica e no fazer, sem proporcionar ao futuro professor que se pense sobre a sua própria formação

Por isso, ser professor é como define bem Perrenoud (2000), “*decidir na incerteza e agir na urgência.*” Ser professor exige uma série de conhecimentos que vão além dos conhecimentos específicos, da técnica e do saber fazer que podem ser iniciados na formação inicial, mas nunca terminam, esses saberes irão permear toda a ação profissional do futuro professor.

Em meio a desafios e incertezas o professor deve desenvolver sua especificidade que é a de ensinar, e ao fazer isso, assume diversas responsabilidades e tarefas, que são inerentes ao processo de ensino em que se busca a aprendizagem efetiva do educando. Tarefas essas que não conseguiriam ser explicadas e baseadas apenas em uma formação técnica ou em um manual de “como se ensina”, pela simples razão da ação de ensinar ser uma especificidade humana. E para que de fato o ensino ocorra, é preciso que o professor compreenda o que faz, porque faz, quando faz, para que faz, como faz, quando, o que, como, porque e para que avalia, promova em seus alunos, por meio do ensino, muito mais

que uma simples transmissão de informações e conteúdos ditos como necessários para a formação de um indivíduo.

Entretanto, para que ocorra essas tarefas que o professor desenvolve e que está inerente ao processo de ensinar, são necessários, por parte dos professores, muito mais que o conhecimento construído durante o curso de graduação, é preciso que o professor continue estudando sempre. Esses estudos devem estar baseados em saberes, alguns autores preferem chamar de competências como Perrenoud (2000) e Campos (2007).

Esses saberes ou competências docentes não se tratam de uma lista ou grade de conteúdos específicos que o professor deve adquirir durante sua formação inicial, mas sim, “(...) *constroem-se, na formação, mais também ao sabor da navegação diária de um professor, de uma situação de trabalho à outra*” (LÊ BOTERF in PERRENOUD, 2000, p.15).

Mizukami (2002) acredita que a formação inicial sozinha não dá conta de toda a tarefa de formar os professores, porém, ocupa um lugar muito importante no conjunto do processo total dessa formação. Moya (2003), acrescenta ainda que a formação contínua permite gerar mudanças, sua finalidade também é propiciar a revisão de um conjunto de atitudes e de procedimentos quanto à utilização do conhecimento.

É no processo formativo contínuo que o professor adquire e aperfeiçoa seus saberes necessários para a ação de ensinar. Não há um momento de término ou uma conclusão desses saberes que em uma determinada fase da profissionalização e sim um ciclo de aprofundamentos e de novas aprendizagens. Palma e Palma (2007), indicam em um esquema, ações que podem promover os saberes profissionais docentes durante todo o processo formativo inicial e contínuo, como mostra o esquema a seguir:



Figura 1 – Esquema Palma e Palma, 2007.

Nota-se, para a construção necessária dos saberes, a ação docente, perpassa por etapas espiraladas necessitando de uma constante análise coletiva e individual, ou seja, a discussão, o diálogo sobre a ação, abstração, reflexão, individualidade e subjetividade de cada profissional para se chegar aos saberes docentes que estarão sempre dispostos a reavaliações e renovações, como um ciclo que se renova a cada retomada de pensamento.

Portanto, “(...) Tornar-se professor constitui um processo complexo, dinâmico e evolutivo que compreende um conjunto variado de aprendizagens e de experiências ao longo de diferentes etapas formativas” (PACHECO e FLORES, 1999, p. 45).

Este processo de formação deve promover a oportunidade do professor refletir e reavaliar seu conhecimento a partir da realidade vivida.

(...) a formação continuada está na possibilidade de que os professores promovam discussões e reflexões enfatizando e valorizando a pesquisa, a auto-avaliação sobre o próprio fazer pedagógico, participando da produção do seu conhecimento, tendo certeza de que essa produção de conhecimento é móvel, portanto, provisória, estabelecendo assim, rupturas com o modelo educacional da racionalidade técnica (PALMA, 2001, p. 28).

Esse conjunto variado de aprendizagens e de experiências que fazem parte de todo o processo formativo, deve ser entendido que essa construção se dá desde a formação inicial até o término da carreira docente e pode ser denominado como os conhecimentos científicos, pedagógicos, psicológicos, filosóficos, antropológicos e os conhecimentos que o professor constrói através da

experiência do seu cotidiano de sala de aula. Isso só é possível se houver um diálogo, realizado pelo próprio professor entre a sua ação e a base teórica que lhe dá sustentação para o seu agir.

No período da formação inicial, esta se encarrega por apresentar alguns tipos de saberes que podem e devem ser revistos durante o processo de formação contínua. São os chamados saberes científicos e pedagógicos.

O professor necessariamente deve obter um conhecimento científico sobre o conteúdo que irá ensinar em sala de aula em um nível mais avançado do que seus alunos e conhecimentos pedagógicos para que seja possível a construção desse conhecimento com seus educandos. Eis aqui, outro saber necessário no processo formativo do professor, os conhecimentos pedagógicos e científicos referentes à sua área de conhecimento.

Estes conhecimentos científicos normalmente são pautados em teorias, pesquisas e estudos científicos sobre os diversos fenômenos do mundo das diversas áreas de estudo. São conhecimentos e informações que o professor necessariamente necessita conhecer em maior quantidade que os alunos.

Os saberes científicos são aqueles que dizem respeito aos conteúdos específicos da área de atuação de cada profissional. Nesse caso específico de saber, o professor tem a responsabilidade de conhecer mais do que o aluno. São conhecimentos específicos da disciplina em que o professor sai do senso comum e passa a ter conhecimentos científicos que sustentam seu conhecimento e sua ação docente.

Tardif (2002), acrescenta ainda que os profissionais devem se apoiar em conhecimentos especializados e formalizados, na maioria das vezes, por intermédio das disciplinas científicas em seu sentido amplo, incluindo, evidentemente, as ciências naturais e aplicadas, mas também as ciências sociais e humanas, assim como as ciências da educação.

Freire (1996), afirma que alguns professores podem conhecer muito bem a matéria que vão ensinar, ou seja, os saberes científicos. Entretanto para que ocorra o ensino efetivamente, não é suficiente apenas os conhecimentos científicos, pois, um profissional pode conhecer muito sobre os conhecimentos de sua área específica, porém se não souber construir e proporcionar a aprendizagem desses conteúdos com os alunos, de nada adianta seus conhecimentos científicos no que se refere a ação docente.

É nesse momento que aparecem os saberes pedagógicos que são responsáveis pelo sucesso ou não do ensino do professor. Através dos conhecimentos pedagógicos, o professor viabiliza possibilidades de estudos para seus educandos e avalia seu ensino.

Os conhecimentos pedagógicos são aqueles em que o professor aprende como o aluno aprende. São conhecimentos que capacitam o professor a criar situações mais propícias a aprendizagem de acordo com determinada perspectiva ou modelo de educação que o profissional escolha seguir.

Os saberes pedagógicos englobam conhecimentos como organizar e dirigir situações de ensino-aprendizagem, avaliações, administrar situações problemas de acordo com o nível dos alunos; ensinar conteúdos que sejam pertinentes a série e ao grau de conhecimentos dos alunos, entre outros.

Outro ponto importante é que o professor conheça quais são seus deveres enquanto educador, quais são os objetivos da escola, os diversos paradigmas educacionais, as teorias de ensino e aprendizagem, as teorias de currículo, de avaliação e as abordagens de ensino para então, criar e estudar estratégias para que se chegue a esses objetivos satisfatoriamente.

Perrenoud (2000), afirma que a noção de competência ou saberes profissionais designará aqui uma capacidade de mobilizar diversos recursos cognitivos para enfrentar um tipo de situação, ou seja, nesse contexto os saberes profissionais são subjetivos e não determinados, dependendo do bom senso e da reflexão do professor para decidir a melhor forma de agir em determinada situação. É aqui que se faz necessária a real formação do professor apresentando atitudes com características de autonomia que poderá refletir sobre a sua ação. Possibilitando dessa forma, um profissional crítico que constrói seu conhecimento e não apenas o que reproduz, ou que segue manuais como se fossem regras padronizadas como verdade absoluta. Portanto, para esses saberes que necessitam da reflexão e da subjetividade do professor, não apenas de sua memorização, seria impossível criar uma lista de saberes, mas sim, situações diversas em que o professor tem autonomia para agir conforme achar necessário.

Outro conhecimento importante ao professor é o saber disciplinar. Esses saberes estão presentes nos conteúdos das disciplinas que compõem a formação inicial que é responsável pelas alterações de estigmas e conceitos inadequados que o estudante (futuro professor), aprendeu no período anterior a

formação inicial na fase de observação. Os saberes disciplinares são oriundos da tradição cultural e da própria sociedade que produz estes saberes. Tardif (2002), faz uma crítica a formação para o magistério que sempre esteve dominada por esses saberes disciplinares produzidos em numa redoma de vidro e sem nenhuma conexão com a ação profissional. Esses saberes disciplinares são importantes e necessários, porém, deve ser oportunizado a reflexão a partir deles, por meio de uma leitura da realidade.

De acordo com Costa (1996), uma formação profissional para professores com qualidade é uma formação que proporcione profundos conhecimentos científicos e pedagógicos. Nesta formação, o futuro professor, deve aprender a responder as perguntas: o que ensinar, porque ensinar, para que ensinar e como ensinar. Deve aprender ainda um vasto repertório de habilidades de ensino e apresentem competência técnica. O curso de formação inicial deve promover nos professores a compreensão da importância da qualidade do ensino e que o seu papel fundamental é promover a aprendizagem.

Para Tardif (2002), esses conhecimentos especializados, nos quais alguns derivam dos saberes científicos, devem ser adquiridos através de uma longa formação de alto nível, na maioria das vezes, de natureza universitária que no caso seria a formação inicial. Essa formação é sancionada por um diploma que possibilita o acesso a um título profissional, título esse que protege um determinado território profissional contra a invasão dos não diplomados e dos outros profissionais.

Nota-se então que a formação inicial tem um papel de fundamental importância na aquisição dos saberes profissionais. Logo se esta não consegue atingir o seu objetivo que é mudar as concepções inadequadas que o aluno traz com ele no início da graduação e proporcionar o conhecimento específico de sua área, provavelmente esse fator acarretará em problemas durante a ação deste futuro professor em sala de aula.

Nesse sentido podemos estabelecer algumas características dos saberes necessários à docência que são exclusivos do professor baseando-se em Tardif (2002):

Primeiramente os saberes dos professores são temporais, na medida em que se constituem durante toda a vida do professor desde o momento que ele nasce, provém de sua própria história de vida.

Os saberes profissionais dos professores são plurais e heterogêneos, pois, derivam de várias fontes. De acordo com esse mesmo autor, um professor se serve de sua cultura pessoal, que provém de sua história de vida e de sua cultura escolar anterior, também se apóia em conhecimentos adquiridos na universidade, na experiência, e em tradições peculiares de professores. Além disso, os professores necessitam atingir diversos objetivos que nem sempre necessitam dos mesmos tipos de conhecimento, deixando a ação docente ainda mais complexa e plural.

Finalmente, a relação travada na intervenção pelo docente são os seres humanos, logo, os saberes docentes necessitam ter o ser humano como atenção central.

O professor deve se atentar para o fato de apesar de ministrar aula para uma classe com vários alunos, cada aluno é um indivíduo é único e possui sua própria individualidade.

A aquisição da sensibilidade relativa às diferenças entre os alunos constitui uma das principais características do trabalho docente. Essa sensibilidade exige do professor um investimento contínuo e a longuíssimo prazo, assim como a disposição de estar constantemente revisando o repertório de saberes adquiridos por meio da experiência. (TARDIF, 2002, p. 267).

Dessa maneira, se trabalhamos com seres humanos, esses saberes devem estar focados também nessa especificidade humana. Freire (2006), afirma que o professor deve estar convencido como uma de suas consequências é o de ser o seu trabalho uma especificidade humana. A prática docente exige do professor um alto nível de responsabilidade ética que se encontra inserida na própria capacitação científica do professor.

Moya (2003), sinaliza que a essência da formação continuada é a construção coletiva do saber e a discussão crítica reflexiva do “saber fazer”. Não se apresenta por si só como a solução para os problemas de qualidade no ensino, mas abre perspectivas de construir ações coletivas, na busca da qualificação do trabalho docente.

Tardif (2002), denomina esse conhecimento como saberes experienciais, que é fruto da experiência e da prática cotidiana do docente e da sua ação como professor na interação com os alunos, na gestão da classe. Para o mesmo autor, o saber do professor não é um conjunto de saberes definidos, mas um processo de construção ao longo da profissão.

2.2 Saberes experienciais

Os saberes experienciais se constroem ao longo da ação docente, refletindo sobre a prática e ao mesmo tempo agindo sobre ela.

Os saberes experienciais são essencialmente práticos, não encontram-se descritos em currículos e sim constroem-se ao longo da prática docente por meio da reflexão e análise do professor em cima de sua ação.

Tardif (2002), afirma que não existe trabalho sem um trabalhador que saiba fazê-lo, ou seja, que saiba pensar, produzir e reproduzir as condições concretas de seu trabalho.

O trabalho – como toda práxis exige, por conseguinte, um sujeito do trabalho, isto é, um ator que utiliza mobiliza e produz os saberes de seu trabalho. Não poderia ser diferente com os professores, os quais realizam um trabalho que não é simples nem previsível, mas complexo e enormemente influenciado pelas próprias ações e decisões destes atores. (TARDIF, 2002, p.236)

Dessa forma, os saberes experienciais não são definidos pelo tempo de serviço do professor e sim dependem de como o professor lida com o conhecimento do seu trabalho no cotidiano escolar. De acordo com Baptista (1998), o cotidiano é um espaço privilegiado da intervenção profissional, no qual emergem exigências imediatas e são desenvolvidos esforços para satisfazê-las, lançando mão de diferentes meios e instrumentos.

A construção do conhecimento a partir da experiência é favorecidos a partir dos conhecimentos e da história de vida que constituem cada professor ao mesmo tempo em que depende do tempo, espaço e circunstâncias em que estão sendo formados, “... implicam historicidade na medida em que são construídos no curso da história e têm sempre uma história de que são produto.” (BAPTISTA, 1998, p. 112).

A maneira como o professor articula e operacionaliza os seus saberes adquiridos na sua casa, na formação inicial, no contexto escolar com colegas de profissão e com os próprios alunos determina a qualidade do saber experiencial de cada professor. Visto que são esses saberes individuais, cada professor constrói o seu, não é possível descrever as construções advindas da

experiência em um manual, por serem experiências nas quais apenas quem as vivenciou é capaz de entender e atribuir significado a elas.

Baptista (1998) ao falar sobre a ação profissional no cotidiano defende esse saber como complexo que se constrói na inter-relação entre conhecimentos já constituídos e postos à mão e novos conhecimentos em processo de construção.

Em síntese, a construção do saber profissional, tendo como horizonte a intervenção, realiza um tríptico movimento: de crítica, de construção de um conhecimento “novo” e de nova síntese no plano do conhecimento e da ação, em um movimento que vai do particular para o universal e retorna ao particular em outro patamar, desenhando um movimento em espiral de relação ação/conhecimento... (BAPTISTA, 1998, p. 119).

Assim, é possível perceber mais uma vez como todos os saberes se articulam entre si, e têm uma relação direta com a construção de novos saberes, inclusive os experienciais. Não é possível delimitar nomes e colocá-los em um momento da vida do profissional no qual devem ser adquiridos, simplesmente por fazerem parte de todo o percurso profissional do professor. O máximo que é possível delimitar é o momento no qual cada saber pode ser apresentado com maior intensidade e formalidade ao professor. Como por exemplo, os saberes científicos e pedagógicos são apresentados de maneira organizada e estruturada na formação inicial, entretanto isso não significa que estes não voltem à tona no momento da construção dos saberes experienciais. Pois os saberes experienciais dependem justamente da inter-relação desses saberes adquiridos anteriormente, para a construção de novos conhecimentos.

Entretanto, esses conhecimentos advindos da experiência dependem também de um conhecimento prévio do professor sobre a sua ação, sobre a essência do trabalho docente.

O saber experiencial só ocorre se o professor estiver disposto a adquiri-lo, ou seja, esse saber não acontece naturalmente, muito menos decorre do passar do tempo. O saber experiencial depende da ação consciente de seu agente, no caso o professor. Se faz necessário a consciência do professor sobre a importância de avaliar-se, de se colocar sempre como aprendiz e não apenas mero transmissor de informações. Acima de tudo é necessário que o professor entenda a complexidade do ensino, avaliando sempre a sua ação e acima de tudo, percebendo que nunca estará pronto, pois, a docência lida com humanos que agem,

pensam e se modificam constantemente e a cada dia é uma nova história, com novos agentes, com um novo cotidiano.

2.3 Dimensões dos saberes experienciais

Baseando-se nos estudos de Tardif (2002, 2009), e na tentativa de delimitar como os saberes da experiência se configuram no processo de tornar-se professor, é possível estabelecer três dimensões para que esses saberes de fato se construam: a experiência do cotidiano; a experiência e as relações humanas; e a experiência e a descoberta da identidade profissional.

A experiência do cotidiano diz respeito ao saber fazer do professor, o seu dia a dia, sua organização da aula, suas atitudes no momento de sua ação. É um saber prático, mas que não fica restrito apenas nas repetições de suas execuções. Por meio da experiência do cotidiano, o professor exerce o seu trabalho construindo e reconstruindo os seus saberes, é o momento no qual o professor se permite tentar, experimentar, fazer e refazer. De acordo com Tardif (2009) a experiência cotidiana do trabalho em classe corresponde a um processo de tentativas e erros, de titubeios e de ajustes progressivos aos fatos e às situações.

Para o professor em início de carreira esse saber esta presente com maior intensidade, pois, é o primeiro contato com a dinâmica da sala de aula e do cotidiano escolar. Tardif (2009), defende que a experiência do cotidiano permite ao jovem professor desenvolver práticas operantes para enfrentar a variedade das situações cotidianas, porém, essas práticas operantes não são simples comportamentos moldados pelo contexto mas dependem diretamente das respostas intelectuais do docente que são originadas dos conhecimentos anteriores, da história pessoal do professor e da relação que o professor faz desses conhecimentos prévios com a sua prática cotidiana para então criar as suas próprias práticas operantes.

Os estudos que tratam da comparação entre os especialistas e os novatos em ensino mostram que os professores experientes possuem, durante o trabalho em classe, modelos cognitivos simplificados e eficazes dos acontecimentos que lá ocorrem, o que lhes permite centralizar sua atenção nos elementos essenciais da situação e improvisar, se necessário, respostas operatórias eficazes...os docentes novatos tem dificuldade em "ler" a classe e em organizá-la de maneira intelectualmente eficaz e econômica para eles: correm em busca dos acontecimentos em vez de provocá-los. (TARDIF, 2009, p. 35).

Embora a aprendizagem baseada no cotidiano apareça mais presente e tenha seu maior impacto no início da carreira do professor, ela continua aparecendo ao longo da carreira, justamente pelas peculiaridades e complexidades que possui o cotidiano e os seus agentes.

A segunda dimensão trata-se da experiência e as relações humanas. O professor exerce o seu trabalho com pessoas que pensam a todo momento, têm vontades e necessidades, e executam suas ações em uma rede de relações interagindo com o tempo e espaço constituindo um cotidiano. Por ser esse cotidiano do professor complexo, e ele mesmo ser um ser humano em constante mudança e desejos, a experiência exerce um importante aprendizado para o professor no momento das relações que se travam no contexto escolar com os outros agentes do processo. Os outros professores, coordenação, direção, aspectos burocráticos, pais e é claro os alunos, formam uma complexa rede de relações humanas na qual o professor precisa lidar para realizar o seu trabalho.

A relação com o outro é essencial, pois, o próprio ensino é uma relação direta com o outro, feita por humanos, não podendo ser de outra forma e que exige essa relação humana. Logo, a experiência nesse momento e nessas relações também constituem-se como um dos momentos de aprendizagem do professor que só podem ser estabelecidos no momento que o professor começa a atuar.

Destacando o professor iniciante nesse processo de aquisição dos saberes da experiência por meio das relações humanas podemos destacar o momento que o professor entra na escola e algumas informações, regras e normas de condutas e do próprio funcionamento da escola lhe são apresentados. Nesse momento a relação humana é de fundamental importância, pois se esse momento não for feito pode complicar o trabalho desse professor iniciante que já tem tantas ansiedades e descobertas pela frente.

A experiência do ensino não é apenas uma questão de controle das situações cotidianas; ela remete também à experiência de si, diante de e com os outros. Viver dia após dia esta experiência, isto também é tornar-se um professor. (TARDIF, 2009, p. 36)

A terceira dimensão para que o saber da experiência ocorra trata-se da experiência e a descoberta da identidade profissional. Esse é o momento delicado e que delimita como o professor vai lidar com o trabalho que pretende fazer por provavelmente vários anos de sua vida, portanto, acarretará em consequências

não apenas para a sua vida profissional, mas também para a pessoal. É o momento em que o professor percebe de fato, o significado de seu trabalho, do ensino. Considero que nesse momento o professor entenderá o real significado de ensinar e a influência que terá no aluno, colocando o ensino e a tentativa de mudança como essência de seu trabalho.

Nos estudos de Tardif (2009), com professores sobre os saberes da experiência, o autor nos relata sobre o processo identitário do professor que em meio às afirmações dos professores sobre esse assunto, é possível destacar a questão da experiência da sobrevivência em classe, no início de sua carreira, que tem para eles como valor de sua escolha profissional. Outro momento destacado pelos professores é quando relatam a decepção por não conseguirem fazer o seu trabalho com algumas crianças “que lhes escapam”. Esse sentimento de decepção, mas ao mesmo tempo vontade de superar as dificuldades, aprender mais e conseguir proporcionar o ensino aos alunos demonstra a relação que o professor estabelece com a sua profissão.

Ao ouvir esses professores, adquiri a convicção de que essas experiências moldavam profundamente seu ethos da profissão. Aos seus olhos, uma pessoa que não viveu tais experiências dificilmente poderá se tornar um docente. (TARDIF, 2009, 37).

A partir das três dimensões: a experiência, as relações humanas, e a experiência e a descoberta da identidade profissional é que os saberes experienciais podem se estabelecer no processo formativo do professor. As três dimensões não ocorrem isoladas, e sim, se inter-relacionam durante o cotidiano escolar e muitas vezes atravessam a vida pessoal do professor. É possível perceber que para que tais condições ocorram, se faz necessário que o professor seja ativo e protagonista de sua formação profissional, pois, os saberes da experiências não são passivos e se constroem apenas pelo desenrolar do tempo e dos dias de docência, eles dependem da relação direta que o professor assume com a sua prática e a sua formação profissional.

Porém, entender essa complexidade do ensino é uma tarefa complexa e não surge do nada. Exige um empreendimento de tempo e reflexões acerca do que seja educação, escola e de qual a função do professor. Por isso é importante ressaltar a importância da formação inicial nesse momento. É a formação inicial quem dará condições para que o professor construa seus conhecimentos experienciais, mesmo que não seja ela a responsável pela construção desses

saberes. Mais uma vez nota-se a inter-relação dos saberes em um sistema espiralado que nunca se fecham, mas sempre se relacionam.

“A formação inicial não é uma fase completa na vida do professor e sim uma primeira etapa: no entanto, se ela preparar bem (desenvolvendo atitudes de disposição para o estudo, para a busca de referências na prática e para a investigação), o professor transporá os obstáculos do cotidiano escolar e terá maior segurança nas decisões.” (RIBAS, 2000, p. 38).

Ribas (2000) faz uma crítica severa em relação aos cursos de formação inicial que promovem desarticulação das disciplinas, que define primeiro a necessidade do aluno aprender as ciências fundamentais, depois, aplicadas para depois aplicá-las a prática. Pois, para um ensino crítico e de qualidade se faz necessário “ adotar outros *parâmetros para que o professor desenvolva habilidades de formador e estimulador do pensamento e da inteligência do aluno.*” (Ribas, 2000, p. 56)

Portanto, preparar o professor para uma profissão complexa e multifacetado não é tarefa fácil e não pode ficar somente na responsabilidade das instituições de ensino e dos cursos de formação inicial. O professor deve assumir-se como o principal agente na sua formação, atuando e interagindo com os seus saberes, construindo e reconstruindo-os, no momento de sua prática profissional. Porém é claro que ele não aprende isso sozinho, o futuro professor precisa de conhecimentos científicos, epistemológicos, específicos, pedagógicos que devem lhe ser apresentados pela universidade, mas principalmente a condição de poder se enxergar de forma ativa na construção de seu conhecimento é o principal conhecimento que a universidade deve lhe proporcionar. Caminhando assim para a formação de um prático reflexivo, ou seja, um professor que reflita sobre a sua ação de forma a relacionar os outros conhecimentos de forma organizada e estruturada.

Apenas dessa maneira os saberes da experiência de fato poderão ocorrer. Assim, para a concretização dos saberes da experiência se faz necessário um professor que não seja alienado e satisfeito com o que já tem muito menos um professor que acredita que seu saber é único e imutável.

O saber da experiência é complexo e com muitas dimensões exigindo assim um professor que saiba lidar com toda essa diversidade dos saberes da advindos da experiência.

Dessa forma, ao se falar de saberes experienciais, está intrínseco um modelo e uma concepção de professor que sabe lidar com esses saberes sem

cair no automatismo e na prática pela prática. Portanto, inevitavelmente ao se falar sobre saberes da experiência nos remetermos a um professor que saiba fazê-lo, trata-se então do professor reflexivo.

3 O PROFESSOR REFLEXIVO NA CONSTRUÇÃO DOS SABERES EXPERIENCIAIS

O cotidiano escolar apresenta diversas peculiaridades e situações que seriam impossíveis de serem descritas e premeditadas antes que elas de fato ocorram. Cada escola, cada professor e cada aluno são únicos bem como as relações que travam entre eles. Logo, como é possível dar qualidade para os cursos de formação de futuros professores se por mais que tentemos não conseguimos prever todas as situações que podem ocorrer na sala de aula? Como preparar o futuro professor para o inesperado e surpresas do dia a dia na escola?

De fato, pensar em uma formação profissional que responda a todas essas perguntas é tão complexo como o próprio cotidiano escolar. Na tentativa de responder a essas questões alguns estudos na área de formação de professores defendem que o professor deve assumir-se enquanto protagonista de sua formação, não apenas nos anos da graduação, mas também, durante toda a carreira docente. Ou seja, o professor deve atuar de forma ativa na sua formação profissional, não esperando programas prontos, mas sim buscando soluções de acordo com suas necessidades.

Nesse sentido é importante ressaltar o papel dos saberes experienciais no processo formativo do professor. Tais saberes dependem diretamente da relação que o professor estabelece com a sua prática, caso isso não ocorra, os saberes experienciais também deixam de ocorrer dando lugar apenas ao fazer pela repetição. Os saberes da experiência representam uma importante fase durante todo o processo formativo, entretanto não ocorrem naturalmente, exigindo assim um professor que os operacionalize. Ou seja, se faz necessário um professor que atue refletindo a sua realidade e a sua prática constantemente.

No caminho de se chegar a um professor capaz de construir seus saberes experienciais por meio da reflexão e da ação, alguns estudos sobre o modo de agir do professor foram e são realizados atribuindo-lhes alguns adjetivos como

professor reflexivo, pesquisador, investigador entre outros. Em todos esses conceitos há um ponto em comum que é a ação do professor a partir da investigação da realidade vivida. Entretanto essa ação é estruturada e organizada pelo professor a partir de seus conhecimentos pessoais, profissionais e experienciais.

A investigação do seu trabalho é feita com base na sua realidade, no seu cotidiano e de todos os elementos que compõem sua prática. Trata-se de uma investigação com propósito e objetivo definido.

É centrada em mudanças significativas no seu ensino. O professor investiga o seu trabalho na busca de melhorá-lo. O conceito de investigação na prática do professor foi abordado por Costa (2005), ligando o termo investigação ao entendimento de pesquisa ação. Nesse caso, o professor é visto como um pesquisador de sua própria prática, trata-se de uma pesquisa diferente das pesquisas acadêmicas por ser o seu campo de investigação a própria prática e sem certas exigências burocráticas. O professor assume-se na condição de pesquisador de seu próprio trabalho na busca de transformá-lo.

Muitas vezes percebe-se um distanciamento entre professores da educação básica com professores acadêmicos como se apenas os de trabalho universitário pudessem ser de fato pesquisadores. Para que ocorra a aproximação desejada, Perrenoud (2002), propõe ampliar a concepção de pesquisa e da formação em pesquisa, o hiato entre essa formação e o desenvolvimento de uma postura reflexiva depende dessa ampliação. Acrescenta ainda a necessidade de criar nos cursos de formação dispositivos que contribuam para o desenvolvimento da prática reflexiva, mesmo sem focar na pesquisa, pois o pensamento reflexivo automaticamente levará para a formação de pesquisadores.

De acordo com o dicionário Michaelis (2004), pesquisa esta ligada a ação ou efeito de pesquisar; busca; indagação; inquirição; investigação. Significados esses que podem ser entendidos também no conceito de professores reflexivos, sendo a pesquisa e a reflexão elementos fundamentais para o processo de tornar-se professor, e conseqüentemente, de construção dos saberes da experiência.

Zeichner (1993), centra suas investigações sobre a maneira de como os professores aprendem a ensinar e no modo de ajudar os professores a aprenderem a ensinar, a partir da formação de professores, como práticos reflexivos. Para isso o autor considera dois fatores essenciais: a problematização da prática

como sendo o início do processo de reflexão do professor e a relação do desenvolvimento do professor com a luta pela justiça social.

Entende-se que a problematização da prática como sendo o início do processo de reflexão do professor é o ponto chave para entendermos como se constitui um professor reflexivo e a construção de seus saberes experienciais. Os saberes experienciais se constroem ao longo da ação docente, refletindo sobre a prática e ao mesmo tempo agindo sobre ela, são essencialmente práticos, não encontram-se descritos em currículos e sim constroem-se ao longo da prática docente por meio da reflexão e análise do professor em cima de sua ação.

A problematização da prática como início do processo de reflexão do professor é o ponto de partida para responder como as instituições de formação de professores podem preparar os futuros professores para as situações que irão encontrar em sala de aula. Um programa de formação profissional deve contemplar em seus currículos, além do saber fazer, favorecer uma profunda reflexão acerca de como o professor aprende a aprender, apenas assim, o futuro professor poderá, de fato, ser preparado pelas instituições de formação. Essa aprendizagem exige do professor a reflexão e análise constante de suas ações e o aprendizado de como pode solucionar as questões que o incomodam. Nesse sentido o conceito de professor reflexivo deve permear toda a estrutura dos cursos de formação de professores.

Pimenta (2005), investigou os estudos de Donald Schön sobre reformas curriculares nos cursos de formação inicial que propõe que a formação dos profissionais não se dê mais na apresentação de técnicas e métodos prontos para posteriormente acontecer sua aplicação prática.

O profissional assim formado, conforme a análise de Schön, não consegue dar respostas às situações que emergem no dia-a-dia profissional, porque estas ultrapassam os conhecimentos elaborados pela ciência e as respostas técnicas que esta poderia oferecer ainda não estão formuladas. (PIMENTA, 2005, p.19).

Dessa maneira, a solução é proporcionar ao futuro professor condições para que ele aprenda a pensar sobre a sua prática, de acordo com Perrenoud (2002), não é possível formar profissionais reflexivos sem inserir essa intenção no plano de formação. Para o autor, a formação inicial deve ter profissionais para se especializar nas questões práticas, estudos de caso e estágios, mas nem por isso esses professores devem se afastar do conceito de professor

reflexivo. O professor depois de formado deve continuar a sua formação profissional nesse mesmo sentido, de se formar a partir das práticas e do seu cotidiano.

Ou seja, é nesse sentido que o professor deve ser reflexivo, a partir de sua ação coloca todos os seus saberes a tona para a resolução de seus conflitos, se coloca em uma posição de constante avaliador de sua prática observando se seus objetivos foram atingidos ou não. O professor reflexivo pensa sobre a sua ação na busca de melhorá-la a partir da análise crítica sobre o seu trabalho.

Tardif (2002), define o movimento de análise e construção dos saberes profissionais como epistemologia da prática, sendo o estudo do conjunto dos saberes utilizados realmente pelos profissionais em seu espaço de trabalho cotidiano. A epistemologia é o lugar de criação da aprendizagem dos saberes docentes. A epistemologia da prática sugere que o conhecimento seja produzido na ação e sobre a ação de ensinar: ação/reflexão/ação refletida. (Lima e Gomes, 2005).

Mas como se constrói esse professor reflexivo se a reflexão é inerente ao ser humano, sendo essa a característica que nos difere dos animais? A todo o momento refletimos sobre alguma coisa, que roupa usar, qual caminho seguir, entre muitas outras ações diárias. De fato, o ser humano reflete a todo instante, sendo redundância aderirmos o termo reflexivo para professores, entretanto, o que se defende aqui é que essa reflexão é em cima do trabalho do professor, a partir de sua didática visando os seus objetivos e finalidades educacionais. Qualquer outro tipo de reflexão que não seja nessas condições não pode ser considerado como ação do que se define como professor reflexivo. Pimenta (2005), afirma que o termo professor reflexivo começou a ganhar força no início dos anos 90, do século XX, confundindo a reflexão enquanto adjetivo, como atributo próprio do ser humano, com um movimento teórico de compreensão do trabalho docente.

Para entender o que se espera de um professor reflexivo se faz necessário esclarecer o que seja a reflexão que se espera desse professor.

Nesse sentido, Dewey (1959), diferencia o ato do simples pensamento para o pensamento reflexivo. Essa diferença se dá devido a dois fatores: a dúvida e a pesquisa. O pensamento reflexivo se origina na dúvida, na inquietação com alguma coisa. Após a dúvida o que vem em seguida é a tentativa de solucionar essas dúvidas, sendo nesse momento que o pensamento rotineiro se diferencia do pensamento reflexivo.

Rodrigues (2005), afirma que a dúvida é solucionada por meio das sugestões que se originam nas experiências já vividas pelo sujeito, criando assim, um repertório de ação. A partir das experiências já existentes, o sujeito faz novas coordenações de pensamento que promove pensar em novas maneiras e estruturas para a solução de um problema novo, estando nesse momento o pensamento reflexivo presente.

É importante ressaltar o papel que a experiência ganha no processo da reflexão. Por meio da experiência é que se faz possível o pensamento reflexivo. Nesse sentido a experiência é de fundamental importância no pensamento reflexivo, desde que analisada e reelaborada para uma nova ação em um novo contexto, por meio dela é possível surgirem novas dúvidas abrindo possibilidades para que o conhecimento se construa.

Na tentativa de diferenciar o pensamento rotineiro do pensamento reflexivo, Dewey (1959), estabelece cinco etapas percorridas pelo pensamento reflexivo. A primeira etapa diz respeito ao surgimento da dúvida, apenas quando se estabelece uma situação da qual não conseguimos dar continuidade é o momento que o pensamento reflexivo se inicia; a segunda etapa diz respeito a entender a dúvida estabelecida, pois, quando se tem claro qual é o problema e como este se configurou até o momento é que se faz possível encontrar soluções para sua resolução; a terceira etapa esta relacionada a hipótese, de acordo com o autor ela servirá de orientação para mais observações “para saber se o novo material é o que a hipótese pretende que seja” (p.115); a quarta etapa esta relacionada ao raciocínio, momento em que o pensamento pode ser desenvolvido e aprofundado e a quinta etapa configura a verificação da hipótese.

Embora Dewey tenha delimitado essas cinco etapas no pensamento reflexivo, essas etapas não são fixas. Podendo por exemplo, no momento da verificação da hipótese aparecer uma nova dúvida ao invés da solução do problema. Dessa maneira o pensamento reflexivo inicia na dúvida, porém antes da dúvida já existe uma reflexão que é o que Dewey (1959), denomina de situação pré reflexiva. Nota-se que o pensamento reflexivo não tem um início nem fim, embora ele sempre inicie na dúvida, é impossível constatar quando de fato a dúvida se iniciou, pois para que a dúvida ocorra se faz necessário uma ação pré reflexiva que também depende de outras dúvidas e experiências passadas para que ela se estabeleça.

Assim, tendo a dúvida como elemento norteador do pensamento reflexivo, Schön (2000) também se dedicou a obras que tratam da reflexão a partir da dúvida ou de uma situação perturbadora denominando esse processo de prática reflexiva. Para o mesmo autor, as experiências podem apresentar elementos surpresas, que podem ser descartadas e abandonadas ou solucionadas por meio da reflexão. Essa reflexão pode ser entendida de três maneiras: reflexão na ação, a reflexão sobre a ação e a reflexão sobre a reflexão na ação.

A reflexão na ação trata-se da reflexão no momento e no local que a dúvida acontece; a reflexão sobre a ação tem como foco também a dúvida, porém ela aparece depois que o fato ocorreu; a reflexão sobre a reflexão na ação permite dar a dúvida novos significados, além daquele que já lhe foi atribuído no momento em que ocorreu.

Tanto o pensamento reflexivo de Dewey como a prática reflexiva de Schön, exigem do professor uma auto análise constante de suas ações, atitudes, concepções e acima de tudo continuar a estudar aprofundadamente sobre os assuntos relacionados a docência, bem como os específicos da sua área de atuação. Para os autores, não há evolução no pensamento se não houver um problema para que se busque uma solução.

Isaia e Bolzan (2007), alertam para o fato de que a reflexão sobre a própria prática seja uma condição para o desenvolvimento profissional do professor. É necessário uma reflexão planejada, na qual o professor avalia a sua prática educativa. Um profissional reflexivo, reflete sobre a sua prática na tentativa de uma constante melhora na sua intervenção. Reflexão essa que permita ao professor analisar se os objetivos e finalidades de seu trabalho estão sendo alcançados e caso não estejam, que sejam passíveis de mudança e reorganização.

Tardif (2000), afirma que não existe trabalho sem um trabalhador que saiba fazê-lo, ou seja, que saiba pensar, produzir e reproduzir as condições concretas de seu trabalho.

O trabalho – como toda práxis exige, por conseguinte, um sujeito do trabalho, isto é, um ator que utiliza mobiliza e produz os saberes de seu trabalho. Não poderia ser diferente com os professores, os quais realizam um trabalho que não é simples nem previsível, mas complexo e enormemente influenciado pelas próprias ações e decisões destes atores. (p.236)

De acordo com Dorigon (2008), a reflexão surge associada ao modo como se lida com os problemas da prática, a possibilidade da incerteza, estando aberta a novas hipóteses, dando forma a esses problemas e construímos novos caminhos. Dessa maneira, o professor deve se posicionar em uma atitude de alerta perante as dúvidas que podem surgir na prática. Essa postura é o que Dewey (1959), chamou de situação pré reflexiva, pois, apenas o professor que se coloca em uma situação pré reflexiva consegue enxergar as dúvidas que podem aparecer reformulando suas práticas.

Entretanto, mais uma vez é importante ressaltar que o professor não se torna reflexivo da noite para o dia, ele se constrói profissional a cada dia, evidenciando mais uma vez a necessidade de uma formação que possibilite essa reflexão e análise constante sobre o seu trabalho. Veiga (2008), afirma que a reflexão não é um produto mecânico, ela expressa uma orientação em face da ação e trata a relação entre o pensamento e ação em situações históricas reais nas quais nos encontramos e está a serviço de interesses humanos, sociais, culturais, e políticos.

O professor reflexivo, nesse sentido, deve estar sempre atento ao seu próprio saber, se colocar sempre aberto a novas possibilidades e acima de tudo ter a consciência de que sempre pode aprender mais. A forma como os professores devem lidar com os problemas da prática para a construção de um professor reflexivo é o maior desafio dos programas de formação inicial de professores.

De acordo com Bolzan (2009), a medida que observamos como os professores aprendem, podemos compreender porque ensinam desta ou daquela maneira, ou seja, os seus conhecimentos e visões de homem, mundo, sociedade e ensino interferem diretamente na sua prática pedagógica.

A formação deve ser pensada e ofertada focando a educação que se deseja. A educação almejada será consequência do professor formado. Se desejamos um ensino crítico, com autonomia docente e discente, no qual a reflexão esteja sempre presente, a formação inicial como contínua devem contemplar essa dimensão, não cabendo mais um ensino apenas técnico e reprodutivo.

Junot (1998), afirma que o excesso de termos e adjetivações para o professor remete a um tipo de formação e professor desejado, e mostra uma tentativa de mudança na educação e em como a formação dos professores deve

preparar seus futuros profissionais. Essa concepção é a de um professor que acima de tudo é humano e se torna professor a cada dia.

O aprendizado docente e a construção de específicos saberes profissionais passam por toda sua trajetória de vida... A chamada formação inicial oferece instrumentos e prepara-nos o caminho abrindo horizontes para o exercício da docência. Mas é no trabalho cotidiano que efetivamente configuramos nosso jeito peculiar de ser e atuar, conferindo – nos uma identidade permanentemente em mutação. (JUNOT, 1998, p. 303).

O cotidiano, tão necessário para a construção dos saberes da experiência também é fundamental para o professor reflexivo, isso porque os saberes da experiência aconteçam se faz necessário um professor reflexivo. Logo o que o professor reflexivo, crítico, pesquisador ou simplesmente, o professor, fazem no decorrer de sua ação docente é construir os saberes experienciais que são plurais, complexos, científicos, pedagógicos, específicos, epistemológicos, práticos e únicos. São únicos por serem seus agentes também únicos e com suas próprias percepções e vivências, com caminhos diferentes, porém com o mesmo objetivo, o ensino.

O pensamento ou a reflexão,(...) é o discernimento da relação entre aquilo que tentamos fazer e o que sucede em consequência. Sem algum elemento intelectual não é possível nenhuma experiência significativa(...) Na descoberta minuciosa das relações entre os nossos atos e o que acontece em consequência deles, surge o elemento intelectual que não se manifestara nas experiências de tentativa e erro. À medida que se manifesta esse elemento aumenta proporcionalmente o valor da experiência. Com isto, muda-se a qualidade desta; a mudança é tão significativa, que poderemos chamar reflexiva esta espécie de experiência – isto é, reflexiva por excelência. (DEWEY, 1959, p.158-159).

4 APRENDER E ENSINAR EM EDUCAÇÃO FÍSICA

Entender o processo de aprendizagem do professor iniciante de Educação Física no seu cotidiano escolar é o objetivo do presente trabalho. Logo, se faz necessário estabelecer o que se entende, qual a função do professor de Educação Física, bem como as finalidades dessa disciplina na escola para que se possa compreender um pouco mais a respeito do cotidiano escolar do professor.

Até meados do século XIX, o conhecimento era proporcionado, as crianças, dentro das próprias casas por pais ou professores particulares. Esse sistema beneficiava uma parcela pequena da sociedade, as classes sociais com

melhores condições financeiras que podiam pagar por esse acesso ao conhecimento. Logo, os mais ricos, acabavam por ocupar as profissões nobres, enquanto os desfavorecidos economicamente não tinham a mesma oportunidade de estudo, ocupando funções de trabalho em que a mão de obra era menos remunerada e não tão qualificada.

Esse sistema de acesso ao conhecimento não proporcionava oportunidades iguais a todos, logo, o surgimento da escola foi de fundamental importância, pois, para Pimenta (2000), pode-se dizer que a identidade da escola se dá na compreensão da democratização do ensino. Sabe-se que apenas o acesso a escola para todos não é suficiente, é necessário investir na qualidade desta escola, entretanto, a ideia de escola para todos na época passa a ser um grande passo em direção a democratização do ensino.

Segundo Moya (2003), a instituição escola foi criada justamente para ser um dos veículos da educação, uma educação sistematizada, de maneira ordenada, organizada em conteúdos específicos que lhes são pertinentes. Uma espécie de organização social do saber. De acordo com Palma, Oliveira e Palma (2010), o conhecimento escolar é um recorte do saber historicamente produzido que deve ser dosado e sequenciado para efeitos de ensino aprendizagem na escola.

Dessa maneira a escola enquanto espaço social e cultural permite que o processo educacional institucionalizado ocorra de forma organizada. Nesse sentido, a educação escolarizada pode ser entendida como um processo que organiza e possibilita estudos mais aprofundados de conhecimentos que estão presentes na vida dos alunos, porém, mais do que apresentar saberes específicos de cada área de conhecimento, deve ter uma preocupação com a condição humana.

Nesse sentido, a educação enquanto processo de formação e desenvolvimento do ser humano, está diretamente relacionada às concepções e aos valores morais e sociais que regem a sociedade. Para compreender estas relações, é necessário romper os muros institucionais e contextualizá-las à totalidade das atividades humanas. (PALMA, OLIVEIRA e PALMA, 2010, p. 31).

A escola deve ser entendida como espaço sociabilizador e propício a inter-relações do humano, ou seja, é responsável por colaborar com a construção de um cidadão inserido em uma sociedade na qual todas as suas ações terão influências positivas ou negativas sobre ele mesmo ou com outro ser humano. É neste espaço que o indivíduo é permitido e instigado a se apropriar, entender os

saberes que foram considerados pela sociedade como valiosos e propícios à sua formação e dessa forma poder, através da mediação do professor, e da coordenação entre os saberes, construir novos conhecimentos, até mesmo modificando, ressignificando suas ações, posturas e opiniões. É aqui que ocorre o encontro das diferentes culturas trazidas para aquele contexto com a cultura local e o conhecimento científico proposto e adotado para resolver e amenizar as problemáticas identificadas.

Uma das funções do órgão social que denominamos escola é proporcionar um ambiente simplificado. Selecionando os aspectos mais fundamentais e que sejam capazes de despertar reações da parte dos jovens, estabelece a escola, em seguida, uma progressão, utilizando-se dos elementos adquiridos em primeiro lugar como meio de conduzi-los ao sentido e compreensão real das coisas mais complexas (DEWEY, 1959, p. 21).

A educação que estamos considerando aqui é a que faz o educando pensar, refletir, compreender o mundo em que está inserido, se entenda como um ser atuante no mundo, nas quais todas as suas ações vão ter consequências, positivas ou negativas, se entenda como um sujeito que faz a história. E entenda, ainda, que depende dele, ser ético e analisar o que seja melhor dentro das suas possibilidades.

Nesse sentido que consideramos a educação escolarizada como muito mais ampla do que a simples transmissão de conteúdos, o professor nessa situação tem sim a função de proporcionar que o aluno compreenda conteúdos que lhe são necessários, porém, o professor não deve ficar alienado ao que acontece apenas dentro dos muros escolares, deve analisar o que acontece fora da escola, com os principais fatos que ocorrem na sociedade e no cotidiano do aluno, não se limitando ao ensino de conteúdos, mas sim, entendendo que com sua ação de ensinar irá fazer a sua parte na tentativa de uma sociedade melhor por meio de sua ação docente.

Freire (1996), afirma que, para ser professor, além de ensinar é necessário ter uma preocupação com a natureza humana. Aponta ainda a respeito da ideologia que deve ter o professor para ensinar, ideologia essa de não acreditar que os sonhos morreram em meio a uma sociedade capitalista, na qual todos buscam o lucro e prezam pela praticidade e rapidez, e o que é válido hoje é o pragmatismo pedagógico.

A escola tem a função de coordenar e proporcionar a cada indivíduo a real noção das diversas influências dos vários meios sociais que ele vive e como cada realidade influi no contexto educacional, além de proporcionar uma formação que o torne sujeito ativo com clareza da sua condição no mundo. De acordo com Pimenta (2000), a identidade da escola é garantir que as crianças e os jovens sejam capazes de pensar e articular soluções para se apropriarem da riqueza da civilização e dos problemas que essa civilização produziu.

A educação escolar possibilita aos alunos o domínio do conhecimento cultural e científico. Essa educação socializa o saber sistematizado e desenvolve capacidades cognitivas e operativas para a atuação no trabalho e nas lutas sociais pela conquista dos direitos de cidadania (LIBÂNEO, 1991).

Para organizar e possibilitar esse conhecimento cultural e científico, o processo educativo escolarizado é sistematizado, normalmente, através de áreas de conhecimento com suas devidas disciplinas. Estas disciplinas são responsáveis por organizar os saberes específicos de cada área e que deverão ser estudados ao longo da educação básica na instituição escolar.

De acordo com Fazenda (2007), para existir a construção das disciplinas e do conhecimento, é necessário um projeto educacional que contenha intencionalidades de concretização de objetivos em função de construir uma teia de saberes, dar sentido entre as áreas do saber. Sem um projeto educacional, as disciplinas podem simplesmente ficar soltas, cada uma com seus fins, sem mesmo entender o porquê estão na instituição escolarizada.

Uma disciplina serve essencialmente para sistematizar e se aprofundar em uma determinada área de conhecimento, entretanto, deve-se ter o cuidado de não isolá-la como se fosse única ou mais importante do que as outras. As disciplinas devem ser entendidas e relacionadas entre si para uma melhor compreensão do mundo. Pensando dessa forma, a existência da disciplina facilita a compreensão do todo.

Nesse sentido, para estabelecer o que deve virar campo de estudo de uma disciplina e qual conhecimento deve ir para escola ou não, é necessário analisar o momento histórico, político e econômico para, a partir desse momento, perceber qual conhecimento é valioso para a vida do sujeito.

Uma disciplina, para que se estabeleça como tal, deve apresentar saberes de uma determinada área de conhecimento que são importantes para a

formação do cidadão e que irão contribuir em seu cotidiano de acordo com a sociedade e a época em que vivem. Sendo assim, uma disciplina pode ser essencial em um determinado momento e em outro deixar de ser em razão do momento histórico que passamos.

Os campos acadêmicos profissionais compartilham símbolos e outras características com disciplinas nas quais buscam suporte, mas cada um deles tem um aspecto 'artesanal' diferente, ou competência técnica, e sua comunidade acadêmica não se restringe ao ambiente universitário, necessitando envolver aqueles que estão utilizando o conhecimento em diferentes espaços. (REIS, 2002, p. 68).

Dessa maneira, o que se espera das áreas de conhecimento que estão presentes hoje nas instituições de ensino é que venham a contribuir na formação do educando para sua vida social, moral, econômica, profissional e pessoal de alguma maneira. As disciplinas devem promover conhecimentos que apresentem sentido e significado para os estudantes, que façam sentido para suas vidas.

Segundo Chervel (1990), se é verdade que a sociedade impõe à escola suas finalidades, estando a cargo dessa última buscar apoio na primeira, para criar suas próprias disciplinas, há toda razão em se pensar que é ao redor dessas finalidades que se elaboram as políticas educacionais e que se realizam a construção e a transformação histórica da escola. Acrescenta ainda que, as disciplinas são o reflexo que a sociedade deve pagar à sua cultura para poder transmiti-la no contexto da escola. Ou seja, é por meio das disciplinas escolares que o saber cultural é transmitido. Devendo assim, a escola selecionar o que de mais presente esta na cultura em determinada época e que será valioso para a vida do educando.

Dessa maneira, as disciplinas que estão hoje na escola representam as necessidades sociais para a formação do sujeito. Dentre as disciplinas presentes no contexto escolar está a Educação Física.

A Educação Física, ao longo de sua história, dentro da escola, sempre sofreu influências do período histórico que passava, retratando em seus objetivos e ações pedagógicas essas influências.

Historicamente, a Educação Física era concebida pela sociedade, e até mesmo por muitos professores, como uma aula para distrair e brincar e não como momento de estudar, pesquisar, analisar, refletir, operar e avaliar.

O termo Educação Física ficava restrito a educar o físico. Portanto, o termo promovia uma alienação, ligado ao biologicismo, ou seja, reducionismo, fazendo nossa grande área de conhecimento não apresentar muito sentido na escola, para a Educação e para a sociedade. Pois, antigamente, era vista como área de atividade, serviu e foi vista como uma Educação Física voltada para o militarismo, para o higienismo, para o esportivismo, entre outros que reduziam e limitavam a qualidade da importância da Educação Física.

A partir da década de oitenta, a Educação Física vem sofrendo grandes e lentas transformações, deixa de ter seu conteúdo reduzido ao fazer esportivo e se apropria de outras manifestações culturais como a dança, a ginástica, o jogo e as lutas. Na busca de novas concepções teóricas e metodológicas, os professores da área melhoram e aprofundam seu embasamento científico através de participação em eventos, congresso, grupo de estudos e de cursos de pós-graduação. Bracht (1999), afirma que o campo da Educação Física passa a incorporar as discussões pedagógicas nessas últimas décadas, que foram muito influenciadas pelas ciências humanas, principalmente a sociologia e a filosofia da educação.

A partir de 1996, aparece no texto da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), 9394/96, que a Educação Física é um componente curricular, favorecendo a superar assim, a idéia de área de atividade. Dessa forma, os estudiosos da área ganharam um grande reforço nas pesquisas que vinha sendo realizada desde a década de oitenta. A disciplina começa a ser mais enfatizada, pelos professores e pesquisadores, como uma área de conhecimento, portanto, apresentando conteúdos que devam ser ensinados e aprendidos no contexto escolar.

A LDB de 1996 é o grande marco para que a Educação Física se afirme de fato como área de conhecimento deixando para trás seu estigma de apenas atividade. Entretanto, o avanço na Lei de nada adianta se não houver uma mudança nos cursos de formação inicial e nas ações dos profissionais da área para legitimá-la. É necessário que os professores atuantes alterem a forma de conceber a escola e a área de conhecimento do paradigma educacional racional e tecnológico

para o paradigma educacional sociointeracionista. Favorecendo assim, para que, a partir da mediação do professor, possa ocorrer a legitimação da área, favorecendo a compreensão da sociedade a respeito do que seja a disciplina Educação Física na escola.

A disciplina Educação Física esta presente na escola há muito tempo. Logo se faz necessário questionar o porquê da mesma estar na escola? Para que? O que de fato estuda? Que sentido e significado? Sem essas respostas não justifica sua presença no contexto escolar.

Mais do que se caracterizar como disciplina escolar nas políticas educacionais, é necessário que a Educação Física se caracterize como área de saber nas instituições de ensino, mostrando sua representatividade e importância na formação do educando no cotidiano durante todo o período escolar.

Essa legitimação, da Educação Física na escola, esta mais do que nunca nas mãos dos professores, que com a ação pedagógica diária, deve afirmar cada dia mais a Educação Física, por meio dos seus conteúdos específicos, como disciplina necessária e indispensável, não mais por obrigatória, como aparece na LDB, mas sim, por ser a única disciplina que estuda, no âmbito escolar, o sujeito que se movimenta e as diversas práticas corporais que o mesmo possa se expressar e se comunicar com os outros.

Portanto, ao ensinar os conteúdos da Educação Física, o professor deve promover estratégias que contribuam para que o educando se compreenda enquanto sujeito atuante na sociedade por meio de seu movimento. Movimento esse que é constitutivo do sujeito e intencional, feito por nós, humanos, a todo instante.

Palma e Palma (2005), consideram que a Educação Física contribui no processo de educação escolarizada para a reflexão dos educandos sobre sua corporeidade, percebendo-se corpo, corpo possível e em movimento. Ou seja, a Educação Física traz como foco central de estudo para a educação o sujeito que se movimenta. Não é qualquer movimento, que já é campo de estudo de outras áreas de conhecimento presentes na escola. A Educação Física trata de um movimento construído, elaborado e reelaborado exclusivamente por seres humanos, portanto, os movimentos culturalmente construídos.

Dessa maneira, a Educação Física deve tratar do homem em movimento. Um movimento feito por seres humanos de forma consciente e intencional. Um movimento pensado, elaborado e estruturado de acordo com as

necessidades estruturais e fisiológicas de nossa evolução e cultura. Entender o porquê e o como essa estrutura é constituída é o que a Educação Física traz para os estudos dentro da escola.

As aulas de Educação Física devem ser entendidas como espaços concretos para a compreensão da construção da motricidade humana, através da produção de abstrações pela criança, relacionadas à generalização e esta aos processos de pensamento. (PALMA, OLIVEIRA E PALMA, 2010, p. 54)

A Educação Física como área de estudo trata de um sujeito que se movimenta com intenção. Essa intenção necessariamente é feita por humanos, que pensa, tem necessidades e se movimenta para realizar suas vontades. A Educação Física deve contribuir para o entendimento do corpo possível, ou seja, do que é o corpo e o que é possível realizar a partir dele. Favorecer, ao estudante, a perceber-se como ser que se movimenta e é a partir desse movimentar que irá evoluir intelectual, social, moral, física e emocionalmente. Um movimento que não pode ser, robotizado e mecânico, pois, para que o estudante chegue ao movimento intencional é necessário uma rede de conhecimentos e acontecimentos. O indivíduo necessita tomar conhecimento do ambiente em que esta, conhecer e perceber o que esta a sua volta, entender para que serve e conseqüentemente entrar em um processo de reflexão, de levantamento de hipótese e avaliação das suas possibilidades e como e qual é a melhor solução para a resolução de determinado problema. Nesse caso, entender qual movimento se adapta melhor em determinada situação. Esse é o movimento intencional que é diferente de um movimento mecânico, robotizado, pois, exige do sujeito, antes e durante a sua execução toda uma articulação de conhecimentos, que foram aprendidos ao longo da sua própria historia, que o possibilite a agir no seu meio social.

Como exemplo desse movimento intencional, podemos citar a ação de chutar uma bola. Para que se possa chutar a bola, antes de tudo, o sujeito precisa compreender o que seja chute, as ações motoras necessárias para realizar tal habilidade, as partes do corpo que estão envolvidas na ação, saber o que é uma bola, se esta em deslocamento ou parada, seu tamanho e seu peso. Esses conhecimentos sobre si mesmo e sobre o objeto, embora pareçam simples, necessitam de reflexão, análise e abstração, por parte do estudante e estão sujeitos a uma constante reelaboração diante de novas situações. No caso do estudante que já chutou uma bola diversas vezes e se depara com uma bola de tamanho e peso

diferentes, terá que se adaptar a nova situação, observando qual a quantidade de força que irá empregar e qual a melhor angulação do pé para um maior sucesso na execução do movimento. Por isso, o conhecimento é sempre inacabado, é um processo resultante da reflexão e análise. Dessa maneira, a ação motora de chutar uma bola não pode ser considerada apenas física.

Todas as nossas ações motoras cotidianas também não podem ser vistas apenas do ponto de vista físico, ou mecânico, visto que, com exceção do movimento reflexo, não há movimento sem intenção.

É importante ressaltar que a ação motora não tem menor nem maior importância do que a ação de reflexão e de tomada de consciência na realização do movimento. Os dois aspectos, motor e cognitivo caminham juntos. São dimensões constitutivas da corporeidade do sujeito (PALMA, OLIVEIRA e PALMA, 2010). O Homem constrói e reconstrói sua história através de suas ideias. Entretanto, essas ideias só são possíveis de serem realizadas porque há um movimento (motor) que o possibilita que essa ideia se concretize. Pereira (2006), define isso como o desejo e a decisão.

Observa-se que temos aqui dois aspectos que merecem ser destacados: o desejo e a decisão. E serão estes a referência reguladora do poder de deliberar ou não, rumo a ação de se lançar e de se projectar em direcção a algo ou alguma coisa. Então, nesse sentido, concluímos que o ser humano, se ele quiser, pode manter-se nos domínios do idealismo centrado no eu penso, sem se deslocar para os das acções. Assim, eventualmente, podemos não nos libertar do horizonte idealista, permanecendo na intencionalidade pensante (PEREIRA, 2006, p.114).

O movimento está presente em nossa vida mais do que se possa perceber e diante do que se considera educação. A Educação Física está presente na escola para promover conhecimentos relativos ao agir por meio desse movimento. Entretanto, se ficarmos apenas nas questões do movimento puro e simples, não é possível alcançar os objetivos educacionais no que se refere a formação do indivíduo crítico, consciente e autônomo de suas ações, por isso se faz necessário não o estudo do movimento para apenas jogar uma modalidade esportiva, mas sim do movimento intencional que promova, ao outro, entender as ideias e intenções daquele que está tentando se comunicando. Um movimento que há abstração, reflexão e análise, antes de ser realizado e por isso justifica-se dentro do sistema educacional. É a partir desse movimentar que o sujeito poderá dançar,

jogar, praticar esporte, ginástica, ou trabalhar, ou seja, a Educação Física favorece que o estudante entenda-se enquanto um sujeito que avança a partir do seu movimento constitutivo.

A Educação Física enquanto área de conhecimento deve ter conhecimentos específicos a serem estudados. Dessa maneira, esse conhecimento deve ser ensinado em todas os anos de escolarização, promovendo uma contribuição para a vida cotidiana do cidadão por meio dos saberes pertencentes a área.

Ao considerar a Educação Física como matéria do currículo escolar, entendemos que ela não pode ter tarefas diferentes dos demais componentes do contexto, muito embora apresente particularidades (saberes) que são próprios da área. Portanto ela deve ser considerada como uma matéria escolar que objetiva o ensino de conhecimentos, sendo o movimento, culturalmente construído, seu referencial primário. (PALMA, OLIVEIRA e PALMA, 2010, p. 49).

Vivemos em um sistema capitalista no qual a preparação para o mercado de trabalho também se faz necessária, porém sem deixar de lado os fatores morais, sociais que abrangem nossa cultura e o ideário do que seja um ser atuante na sociedade. As disciplinas escolares giram em torno dessa preparação e com a Educação Física não é diferente. O que faz a Educação Física essencial para a vida desse sujeito é a peça chave para podermos legitimar nossa área de fato na escola.

E então a Educação Física pode ser também tempo e lugar de investigação e problematização da história de alunos e alunas encarnados e presentes na escola, que revela o conhecimento sobre as práticas corporais da cultura (Vago, 1999, p. 44).

Dessa maneira o processo de aprender e ensinar Educação Física na escola deve ser entendido como campo de análise, reflexão e construção de conhecimentos relacionados ao corpo que se movimenta e como o mesmo se constitui na sociedade. Cabe a nós, da espécie humana, possuidores de uma capacidade de reflexão e ação, ao mesmo tempo denominada movimento, fazer a história por meio de nossa autonomia e liberdade de pensar e agir.

5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Por entender a complexidade e subjetividade do tema a ser estudado, que é o processo de aprendizagem do professor a partir de sua ação docente, esse estudo se caracteriza como uma pesquisa de caráter qualitativo.

Para Richardson (2007), os estudos de caráter qualitativo conseguem descrever a complexidade de determinado problema, analisar a interação de certas variáveis além de contribuir para o processo de mudança de determinados grupos e do entendimento das particularidades dos comportamentos dos indivíduos.

De acordo com Minayo (1996), a abordagem qualitativa possibilita lidar com um universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, além de observar os processos e os fenômenos sociais que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

A pesquisa qualitativa, segundo Ludke e André (1986), apresenta cinco características básicas: tem o ambiente natural como fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento; os dados coletados são predominantemente descritivos; a preocupação com o processo é muito maior do que com o produto; o “significado” que as pessoas dão as coisas e à sua vida são focos de atenção especial pelo pesquisador; a análise dos dados tende a seguir um processo indutivo. De acordo com Ruiz (1996), a indução é um processo de raciocínio inverso ao processo dedutivo. Enquanto a dedução parte de enunciados mais gerais para chegar à conclusão particular ou menos geral, a indução caminha do registro de fatos singulares ou menos gerais para chegar à conclusão desdobrada ou ampliada em enunciado mais geral, o autor acrescenta ainda que no raciocínio dedutivo a conclusão não pode ter extensão maior do que as premissas.

O estudo se caracteriza como um estudo exploratório, por buscar relações e significados de uma realidade, a prática docente. Com o propósito de estudar o professor iniciante e como se configura o seu processo de aprender a ensinar a partir do exercício da profissão, a coleta de dados foi dividida em três momentos distintos. Inicialmente foi realizada uma entrevista semi-estruturada, posteriormente a observação e por fim uma entrevista recorrente.

Para a realização do estudo foram entrevistados dez professores iniciantes de Educação Física e posteriormente para uma melhor aproximação com

o tema foi observado aulas de um dos professores já entrevistados anteriormente. A escolha do professor para a observação foi aleatória.

A opção para fazer a observação se deu pela necessidade de se procurar, na realidade do cotidiano docente, elementos que pudessem colaborar para entender como o professor aprende a partir da consolidação da docência mais especificamente nos primeiros anos da docência. Elementos esses que poderiam passar despercebidos apenas com a entrevista. A partir da observação foi realizada uma entrevista recorrente com o professor para que ele pudesse esclarecer atitudes tomadas durante a aula.

O objetivo da observação como da entrevista recorrente foi o de nos aproximar da realidade do tema estudado no momento em que ocorre criando novas possibilidades de análise.

A escolha dos professores para o estudo se originou na necessidade de buscar a realidade de professores de Educação Física em início de carreira para entender como esses aprendem a partir da experiência.

Dessa maneira, de acordo com Gonçalves (1992), o período de início da carreira do professor pode ser compreendido nos quatro primeiros anos de atuação devido às dúvidas e dificuldades encontradas ainda por esses professores nesse período. Já de acordo com Veeman apud Pacheco e Flores (1999) e Huberman (1992), o professor iniciante caracteriza-se como aquele que ainda não completou três anos de docência após ter se formado.

Para a realização do estudo foi estabelecido como critério de participação, professores que estejam no máximo há três anos no exercício da docência em Educação Física. Foram escolhidos professores formados em Educação Física a partir do ano de 2008 do município de Londrina, aqueles que estavam atuando na escola.

No quadro 1 apresentamos o perfil dos professores participantes da pesquisa.

	P1	P2	P3	P4	P5	P6	P7	P8	P9	P10
Sexo	F	F	M	F	F	F	M	F	F	F
Ano de formação	2008	2009	2008	2010	2008	2009	2008	2009	2009	2008
Tempo de atuação na docência	2 anos	1 ano e seis meses	2 anos	1 ano e seis meses	1 ano e seis meses	2 anos	2 anos	Oito meses	Dez meses	1 ano
Nível de escolaridade que atua	Ed. Infantil	Ed. Infantil e 1º ao 5º	1ª ao 5ª	Ed. Infantil e 1º ao 4º ano	Educação Infantil 1º ao 5º ano	1ª ao 5ª	1ª ao 5º	Ed. Infantil e 1º ao 5º	1º ao 5º	6º ao 9º
Sistema de ensino	Estadual	Particular	Municipal	Municipal e particular	Particular	Municipal	Municipal e estadual	Estadual	Particular	Estadual
Participa de processos de formação continuada	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim

Quadro 1: Perfil dos professores entrevistados

Todos os participantes da pesquisa, tanto no período das entrevistas como da observação, assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido contendo os objetivos da pesquisa e explicando que as informações fornecidas serão utilizadas exclusivamente para fins de pesquisa, respeitando-se sempre o sigilo em relação aos informantes.

Foi realizada uma entrevista com roteiro semi-estruturado (Apêndice A) focalizando os seguintes aspectos: as primeiras impressões ao iniciar a atuação, as dificuldades encontradas, a busca de auxílio para solucioná-las, avaliação da formação inicial recebida e sua influência durante a atuação. A entrevista permite uma melhor compreensão dos significados, dos valores e das opiniões dos atores sociais a respeito de situações e vivências pessoais.

As vantagens da entrevista de acordo com Lakatos e Marconi (2008), é que pode ser utilizada com todos os segmentos da população, além de possibilitar uma flexibilidade e oportunidade para avaliar atitudes e comportamentos, podendo o entrevistado ser mais bem observado. Outra vantagem, apontada pelos autores, é a captação imediata e corrente da informação desejada, uma entrevista bem feita pode permitir o tratamento de assuntos de natureza estritamente pessoal e íntima, assim como temas de natureza complexa e de escolhas nitidamente individuais. A desvantagem da entrevista é que exige uma maior atenção do entrevistador nas respostas e nos gestos e atitudes do entrevistado além de ser um instrumento trabalhoso e que exige mais tempo do pesquisador.

Foram realizadas entrevistas piloto com professores de Educação Física com o objetivo de observar se no roteiro nos apresentavam elementos suficientes para a análise dos aspectos e temas desejados.

A partir dos estudos que envolvem o professor iniciante e o processo de aprender a ser professor, baseando-se em Tardif (2002, 2009), foram estabelecidos três dimensões para auxiliar em categorizar, as respostas dos professores, como os saberes experienciais de fato se constroem: a experiência do cotidiano; a experiência e as relações humanas; e a experiência e a descoberta da identidade profissional.

De acordo com Lakatos e Marconi (2008), a observação ajuda o pesquisador a identificar e a obter provas a respeito de objetivos sobre os quais os indivíduos não têm consciência, acrescenta ainda que não consiste apenas em ver e ouvir, mas também em examinar fatos ou fenômenos que se deseja estudar.

A observação é uma das mais importantes fontes de informações em pesquisas qualitativas em educação. A observação ocorre em um contexto que expressa realidades entre pessoas que agem, se comunicam e interagem com os demais membros do grupo (Vianna, 2007).

Uma desvantagem da observação de acordo com Richardson (1999), é que há alguns fatos difíceis e até impossíveis de serem estudados por meio da observação porque impedem ou dificultam a presença do observador exatamente durante a ocorrência espontânea dos mesmos.

O professor escolhido para a observação foi aleatório. O professor foi observado no período de oito aulas de cinquenta minutos e durante a observação a pesquisadora ficou no fundo da sala de aula ou da quadra sem interferir na aula anotando na planilha.

Essa planilha de registro para a observação foi elaborada pelo Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Física – GEPEF¹ – do Laboratório de Pesquisa em Educação Física – LaPEF – da UEL, e utilizada no trabalho de conclusão de curso de Nishiiye (2008) - (Anexo A) - e posteriormente, para esta pesquisa, foi feita uma pequena adaptação de acordo com a necessidade percebida nas entrevistas dos professores iniciantes, (Apêndice D).

A planilha de registro buscou identificar, na intervenção do professor observado o máximo de elementos que pudessem colaborar para o entendimento de como o professor iniciante continua aprendendo a ensinar a partir da sua prática.

O foco de análise da planilha ficou centrado nas ações docentes e discentes no momento da aula, bem como, quais eram as consequências das atitudes tomadas pelo professor.

A ficha de observação foi dividida em quatro procedimentos, constando: **Iniciativa Docente** (I.Doc), **Resposta Discente** (R.Dis) , **Iniciativa Discente** (I.Dis), **Resposta Docente** (R.Doc). Contemplamos três tipos de atitudes para cada categoria: na iniciativa docente, a Unilateral, a Reflexiva, e a Espontaneísta; na resposta discente, as atitudes foram: Negativa, Refletida, Sem argumento (indução). No procedimento iniciativa discente, as atitudes observadas foram: Antecipação Negativa, Antecipação Reflexiva, a Antecipação Espontânea. Já no procedimento resposta docente foram observadas duas atitudes: Sem consideração e Receptiva.

Ao observar a aula do professor, e fazer os apontamentos na planilha, tínhamos os seguintes parâmetros para essa tarefa:

Iniciativa Docente: *Unilateral (indutiva):* somente o professor se expressava, a aula era um monólogo. *Reflexiva:* quando o professor promovia a contextualização do conteúdo ensinado por meio de questionamento e inquietação dos estudantes. *Espontaneísta:* no momento em que não há intenção por parte do professor de ensinar um conteúdo, o profissional da docência age sem planejamento algum durante a aula. *Organizacional:* no momento em que o professor toma atitudes para operacionalizar a aula. O professor decide posições dos alunos, dos materiais e organiza o espaço de acordo com o seu objetivo da aula. *Relações Humanas:* o professor toma atitudes para a solução de indisciplina, brigas e problemas pessoais.

Resposta Discente: *Negativa:* era quando o aluno se recusava a participar das atividades propostas; *Refletida:* a partir das problematizações propostas pelo professor, pensa e responde de maneira coerente. *Sem argumento (indução):* completa as palavras ditas pelo docente, ou apenas reproduz.

Iniciativa Discente: *Antecipação Negativa:* antes do professor dizer o que seria realizado há uma negação em realizar a propositura feita pelo professor; *Antecipação reflexiva:* quando faz argumentos de algo que está estudando, antes do professor questioná-lo. *Antecipação espontânea:* O aluno sugeria atividades antes do professor, normalmente atividades que eles gostavam de realizar.

Resposta Docente: *Sem consideração:* o professor não dá a atenção necessária ao. *Receptiva:* o professor atende a todos os alunos e há consideração pelo que o estudante faz e fala e tenta contextualizá-las.

No final da observação foi realizada uma entrevista recorrente com o professor observado para elucidar possíveis dúvidas e possuir mais elementos que nos aproxime com o cotidiano do professor em sala de aula. Nesse momento o professor pôde esclarecer as escolhas e atitudes tomadas durante as aulas.

Dessa maneira, a partir do levantamento teórico, das entrevistas e da observação, foram estabelecidas para a análise dos dados três categorias de análise: a experiência do cotidiano; a experiência e as relações humanas e a experiência e a descoberta da identidade profissional.

A partir da aproximação com o cotidiano do professor por meio das entrevistas e da observação buscou-se perceber como as três dimensões para a aprendizagem do professor a partir da experiência encontradas na literatura ocorrem no dia a dia escolar do professor.

6 ANÁLISE DOS DADOS

No decorrer do estudo, foi ficando cada vez mais evidente que o papel da experiência no processo da aprendizagem na docência se trata de uma construção multidimensional e que se constrói a partir das diversas relações estabelecidas no contexto escolar. A relação com o aluno, com outros membros da escola, com a informação, com o conhecimento adquirido na formação inicial, com as informações entre outras relações que se constroem no dia a dia escolar produzindo assim o saber da experiência. Entretanto, para que isso ocorra o professor precisa estar atento ao que se passa em torno de si, das pessoas e das coisas. Ou seja, o professor necessita estar em processo de reflexão constante para dar sentido a pequenas coisas e transformar essa experiência em ação pedagógica. Trata-se do conceito de profissionalidade docente que de acordo com Guedin, Leite e Almeida (2008):

entendida como processo de construção/reconstrução das respostas práticas (saberes profissionais) dos docentes frente às questões que se apresentam na sala de aula, na escola, na relação com os demais profissionais, com os pais, com a sociedade, enfim, e que se traduz na reconfiguração do modo de ser professor e de estar na profissão. (p. 99).

Na busca de entender como o processo de iniciação na docência favorece a consolidação da profissão, foram entrevistados, inicialmente, 10 professores iniciantes de Educação Física.

Os professores foram identificados pela letra “P” seguido do número na ordem em que as entrevistas foram realizadas.

A partir da análise das respostas dos professores iniciantes, foi possível perceber a aproximação entre suas ações em sala de aula, convicções sobre o aprender, a partir da experiência, e as três dimensões para que os saberes da experiência se construam, são elas: a experiência do cotidiano; a experiência e as relações humanas; a experiência e a descoberta da identidade profissional.

As três dimensões para que os saberes da experiência aconteçam foram inicialmente encontrados na literatura baseando-se nas obras de Tardif (2002, 2009), que indicam alguns elementos e características dos saberes da experiência. A partir dessas dimensões encontradas na literatura pode-se buscar elementos na ação cotidiana do professor para poder entender como o saber baseado na experiência se constrói e como a consolidação da profissão favorece a partir dessa experiência.

No momento das entrevistas e da observação, o foco das questões bem como a construção da tabela de observação estava nas três dimensões encontradas inicialmente na literatura.

A possibilidade que tivemos de observar as aulas de um dos professores iniciantes entrevistados foi muito importante, pois nos deu elementos em situação real de aula de observar como o professor aprende a ensinar a partir dos saberes da experiência.

A partir das análises das entrevistas, da observação e da entrevista recorrente pode-se chegar a algumas constatações sobre as três dimensões para a construção do saber da experiência previamente encontrada.

Todas as respostas dos professores apresentaram elementos que as identificaram em uma das dimensões. Logo, o foco central dessa pesquisa é sobre a construção dos saberes da experiência. Nesse momento, na análise dos dados, ~~se~~ as três dimensões dos saberes: experiência do cotidiano, experiência e as

relações humanas e a descoberta da identidade profissional se transformam em categorias de análise.

O que se buscou encontrar nos depoimentos e ações dos professores foram modos de fazer e construir a prática docente, ações essas que foram categorizadas e podem nos dar pistas de como o professor aprende a ensinar no decorrer da profissão como pode ser observado a seguir.

Experiência do cotidiano

A experiência do cotidiano se trata do saber fazer do professor, aquela relacionada às práticas diárias, as relações travadas com sua prática e com o seu saber fazer. Tardif (2009), defende que esse processo se caracteriza por tentativas e erros e a ajustes progressivos aos fatos e às situações. Essas tentativas e erros são de grande importância no processo de aprender a ser professor a partir do momento que se compreende o que o professor faz antes, durante e depois da tentativa e conseqüentemente do erro ou do acerto.

O erro pode ter diferentes funções dependendo da concepção de aprendizagem e ensino. Algumas correntes pedagógicas consideram o erro como um não sucesso. Ou seja, muitas vezes o erro esta associado a questão do fracasso ou até mesmo de uma incapacidade por parte de quem errou. Sendo motivo de punições para quem o cometeu.

O erro está presente em todas as relações humanas, inclusive na relação entre o educando e o objeto de ensino e está, literalmente, ligado à condição cognitiva do sujeito que constrói, por meio dos processos de aprendizagem, os conhecimentos que utilizará em suas representações mentais e em seus planos de ação. (RIZZI, 2005, p.30).

Dessa maneira, a *Experiência do cotidiano* tem no erro o seu maior aliado no processo de construção dos saberes da docência, pois o erro permite ao professor, rever, analisar, refletir acerca do que foi feito, abrindo possibilidades de novas tentativas e aprendizagens. Dessa maneira o erro não é o resultado final, mas sim constituinte do processo de aprendizagem do ser humano.

A partir das entrevistas realizadas foi possível perceber como as tentativas e erros estiveram presentes no cotidiano dos professores iniciantes entrevistados. Como é possível perceber nas falas abaixo:

Às vezes com perguntas mais simples comecei a perceber que não adiantava perguntar muitas coisas, fui tentando não dar as respostas prontas, mas tentava focar em objetivos menores por aula, eu vi que não adiantava esperar que eles dessem conta de responder muitas questões em um dia só. (P1)

No início eu elaborava muitas estratégias de atividades por aula e não conseguia fazer tudo, ai diminui a quantidade e comecei a elaborar menos estratégias mas que tivessem mais haver com o conteúdo possível. (P6)

Percebe-se que os erros presentes nas falas dos professores entrevistados não foram o resultado final, os professores a partir de suas ações que não tiveram o resultado desejado, repensaram suas práticas criando novas maneiras de fazer e lidar com o cotidiano.

Percebe-se na fala de P1, para que ele chegasse a uma posição sobre como lidar com os objetivos da aula, desde a sua formulação até o melhor momento de questionar os estudantes e principalmente quais eram as questões mais apropriadas sobre o conteúdo estudado, foi necessário a prática docente, a vivência do cotidiano escolar. Apenas o cotidiano pôde lhe dar condições para que esse saber se configurasse. É evidente que para tanto foi necessário outros saberes aprendidos em outros momentos de sua formação profissional, como saberes didáticos, científicos entre outros, o professor tem que ter um constructo teórico aprofundado sobre as questões ligadas a docência. Entretanto, o saber que o professor apresenta na sua fala só foi possível de acontecer a partir da interação com o cotidiano, a partir da experiência. Caracterizando assim como Tardif (2009), define um saber da experiência, ou seja, tal saber surge e faz parte da experiência sendo por ela validada.

É possível perceber a partir dos depoimentos a importância das tentativas e erros, mas acima de tudo o que os professores fizeram com essas tentativas. A partir de suas ações se mostraram preocupados com suas atitudes e sentiram a necessidade de ir além, de buscar, de tentar novas opções para então fazer novamente.

Nesse sentido, da aprendizagem como resultado de um ciclo constante de desequilíbrios cognitivos e a busca da retomada do equilíbrio por meio de uma constante interação e atuação com o meio, entende-se que para que ocorra a aprendizagem é necessário que o sujeito seja instigado, provocado, colocado em situações de desequilíbrio para que então a aprendizagem seja significativa.

Abrahão (2007), afirma que os processos de assimilação e acomodação são fundamentais para a superação do erro e, principalmente, para a evolução da inteligência. Quando o sujeito comete o erro pode dar-se conta ou ainda não ter consciência alguma sobre o erro que cometeu.

Pensando no valor positivo do erro percebemos que se o sujeito “errar”, sua tendência será de refletir mais sobre o problema e sobre as ações que empregou para resolvê-lo. Vale dizer que o erro pode levar o sujeito a modificar seus esquemas, enriquecendo-os ... O erro pode ser fonte de tomada de consciência. (AQUINO, 1997, p. 36).

Logo para que esse erro faça parte do processo de construção dos conhecimentos do professor, se faz necessário que o mesmo seja o protagonista de sua formação e da construção de seus conhecimentos. A partir das tentativas satisfatórias ou não, aliadas com os seus saberes adquiridos no decorrer de sua trajetória pessoal, profissional e na formação inicial, o professor deve ser capaz de analisar suas ações e tomar decisões perante seus saberes caracterizando assim um professor reflexivo como afirma Alarcão (2004):

É aquele que pensa no que faz, que é comprometido com a profissão e se sente autônomo, capaz de tomar decisões e ter opiniões. Ele é, sobretudo, uma pessoa que atende aos contextos em que trabalha, os interpreta e adapta a própria atuação a eles. Os contextos educacionais são extremamente complexos e não há um igual a outro. Eu posso ser obrigado a, numa mesma escola e até numa mesma turma, utilizar práticas diferentes de acordo com o grupo. Portanto, se eu não tiver capacidade de analisar, vou me tornar um tecnocrata. (ALARCÃO 2004, p.12).

Na fala dos professores entrevistados foi possível perceber a preocupação com a formação continuada e em como melhorar suas práticas e consolidar sua identidade profissional. Todos os professores entrevistados estão ou estiveram inseridos em um processo de formação continuada após o término da graduação, frequentando grupos de estudos, curso de especialização em nível de lato sensu, e ou mestrado em nível strictu sensu.

No depoimento dos entrevistados há uma consciência de que o professor não é o detentor de todo o conhecimento, mas que constrói seus conhecimentos junto com seus alunos. Consciência essa que é fundamental para que ocorra a experiência do cotidiano.

Você planeja a aula, mas não tem como planejar todas as perguntas que eles vão fazer e tudo o que vai acontecer, então se eu não sei, eu falo que vou pesquisar e trazer na próxima aula. (P9)

A gente nunca sabe de tudo, mas meus alunos não deixam de me respeitar por causa disso, pelo contrário, eles me respeitam porque sabem que eu sempre dou o retorno nem que seja na próxima aula. (P7)

Essa consciência por parte do professor de que não sabe tudo e está sempre disposto a aprender é essencial para um professor reflexivo, pois, apenas assim se coloca aberto a novas aprendizagens. Como afirma Freire (1996), trata-se da consciência do inacabamento, de entender que é um ser em constante aprendizado e assim vai ser até o fim da vida. Essa consciência do inacabamento é a essência do conceito de professor reflexivo.

A experiência e o aprendizado no cotidiano dependem diretamente do professor reflexivo, sem ele não há condições dos saberes da experiência se formarem.

Nesse sentido, todos os professores entrevistados consideraram a experiência importante no processo formativo. Consideraram o cotidiano fonte de conhecimentos e atitudes que não conseguiriam adquirir fora da sala de aula. Entretanto, apresentaram a importância de se ter outros conhecimentos para poderem aprender por meio da prática, ou seja, consideraram a experiência fundamental mas não única. Como é possível perceber nos depoimentos abaixo quando os professores foram questionados como a experiência os ajudava a se tornarem professores:

A experiência pela experiência se você não buscar uma formação continuada, se você não buscar rever aquilo que você está fazendo as vezes eu acho que pode ficar elas por elas sem acrescentar muito para o professor. Mas acho que você tendo a experiência, estando ali na prática, na escola já com aquilo que você continua estudando e aprendendo, aí eu acho que daí são duas coisas que casam só para te ajudar mais e mais no decorrer dos seus anos na escola (P7).

A partir do que eu vou errando, do que eu vou aprendendo com os meus alunos, é o que eu vou aprendendo. Porque você não aprende na faculdade o que é a escola mesmo, é só vivendo ela para saber então junto tudo e isso vai me ajudar muito a melhorar enquanto professor, eu tenho certeza disso. O quanto eu já aprendi estando lá com a experiência das outras professoras, com os meus alunos, a minha postura enquanto professora, não adianta eu falar que eu vou ser brava com meus alunos, é diferente, com um aluno é de uma forma com um e o outro é de outra. Estou aprendendo muito a trabalhar com os meus alunos que eu considero que precisam de um acompanhamento, o como fazer com que eles estejam na aula ou ver as crianças que são excluídas e tentar que elas sejam inseridas. Os conteúdos, já penso hoje isso dá aqui e isso é no ano que vem para outra turma aí eu já deixo uma observação, vou mudar. (P3).

A experiência é importante, mas não é única, acho que é uma somatória de coisas, se não fosse a formação inicial não conseguiria fazer nada do que faço hoje nas minhas aulas. (P8).

A partir dos depoimentos percebe-se que há conhecimentos, atitudes, modos de lidar com a profissão que só são possíveis de serem percebidos e aprendidos a partir da interação com o cotidiano.

O aprendizado docente e a construção de específicos saberes profissionais passam por toda sua trajetória de vida... A chamada formação inicial oferece instrumentos e prepara-nos o caminho abrindo horizontes para o exercício da docência. Mas é no trabalho cotidiano que efetivamente configuramos nosso jeito peculiar de ser e atuar, conferindo-nos uma identidade permanentemente em mutação. (JUNOT, 1998, p. 303).

A experiência do cotidiano apresenta-se como uma condição para que o saber da experiência ocorra, visto as peculiaridades, fenômenos e interações que apenas o dia a dia são capazes de oferecer para o professor. Entretanto, a experiência apenas a contar pelos anos vividos de nada adianta se não estiver inserida nela uma gama de saberes advindos de outras fontes como a experiência pessoal, a formação inicial, os programas de formação contínua bem como a postura que o professor assume frente à seus saberes, sua visão de mundo, escola, estudante, da sua própria disciplina e da sua práxis.

A profissão de professor combina sistematicamente elementos teóricos com situações práticas reais. É difícil pensar na possibilidade de educar fora de uma situação concreta e de uma realidade definida. Por essa razão, a ênfase na prática como atividade formativa é um dos aspectos centrais a ser considerado, com conseqüências decisivas para a formação profissional (LIBANEO, p.230).

Nesse sentido, entender como o professor aprende a partir da consolidação da profissão implica em perceber a experiência em sala de aula como fonte de aprendizagens, com vivências, tentativas e erros, ajustes, reformulações, aplicações aliadas a um saber científico que lhes confere legitimidade. Assim, a experiência do cotidiano se configura como uma das condições para que o professor aprenda a partir da consolidação da profissão.

A experiência e as relações humanas

A segunda condição para que o saber da experiência aconteça diz respeito ao papel das relações humanas no processo de aprender a ser professor. Trata-se das relações estabelecidas no cotidiano escolar do professor com as outras pessoas envolvidas na dinâmica da escola.

A socialização profissional apresenta grande influência no processo de aprendizagem da docência, em especial no professor iniciante que está começando a criar seu modo próprio de ministrar aula e de se portar no novo ambiente de trabalho. De acordo com Furlan (2012), o processo de socialização é permanente e perpassa pela história de vida do profissional até a formação inicial e durante a prática docente, criando valores, normas e conhecimentos de uma comunidade.

Nos depoimentos dos professores iniciantes é possível perceber que a partir da aceitação no grupo, eles se sentiram mais livres para realizarem seu trabalho oferecendo maior qualidade ao que estavam fazendo e criando mais condições para reflexões a partir de suas ações.

Quando tenho dúvidas recorro a livros, internet, pergunto a outros professores de Educação Física que tem na escola, eles me ajudam bastante, tem coisa que eles fazem que da certo comigo e tem outras que não. (P5)

[...] até a diretora entender o jeito que eu trabalhava era bem mais difícil, mas já esta bem melhor, ela foi vendo como eu trabalhava, fui conversando com ela e parece que esta aceitando melhor o meu jeito de trabalhar com a Educação Física. (P9)

As relações humanas travadas no cotidiano escolar envolvem o convívio com outros professores, direção, coordenação pedagógica, funcionários, pais e evidentemente os alunos. Todos os envolvidos no processo educativo assumem relações de convívio diário com o professor. Pois, se a experiência do cotidiano é uma das condições para que o professor aprenda a ensinar, consequentemente os envolvidos no processo educativo que estão presentes nesse cotidiano também assumem uma importante participação na construção dos saberes experienciais do professor.

A experiência é trabalhada como um componente importante na construção de um profissional reflexivo, que toma a sua prática e a relação coletiva que estabelece com outros colegas, elementos de reflexão que possibilitam mudanças. (FRANCO, 2005, p. 223)

Além das relações estabelecidas com o outro ser uma oportunidade de novas fontes para análises e reflexões, por parte dos professores, a dinâmica social com os outros envolvidos da escola influencia os hábitos, posturas e maneiras de ser professor que o iniciante assumirá na sua carreira. Em especial, na relação

com os alunos é possível perceber o maior desafio dos professores iniciantes. Há o medo de como serão recebidos pelos estudantes e de como devem agir. Como é possível perceber no depoimento do professor 7:

No início você não tem o domínio da turma, não os conhece aí você não quer brigar mas também não pode deixar virar bagunça. No início era meio complicado, eu percebi que era muito rígida principalmente quando eles pediam para jogar bola, hoje eu consigo levar algumas coisas na brincadeira e vou contornando com brincadeiras, achei um meio termo com eles. Quando os alunos entendem que a gente quer o bem deles e quer mostrar coisas novas, quando eles trazem coisas sobre as aulas sem eu pedir fico muito feliz e a gente fica mais disposto para pesquisar e ir atrás de coisas diferentes porque você não quer decepcionar-los. (P7)

Percebe-se que a maneira como o professor trava as relações com o grupo repercute em suas ações. O convívio harmonioso com os alunos além de permitir um bom andamento das aulas, garante uma vontade epistemológica por parte do professor, de aprender mais sobre sua prática, sobre seus alunos, criando assim, novas fontes para análise e reflexão.

O convívio com os alunos e as maneiras de interagir e se relacionar com eles caracterizou-se como uma grande preocupação dos professores iniciantes entrevistados. É perceptível a importância que a aceitação, da sua pessoa, pelo grupo, tem para eles.

Ainda sobre a relação do professor com os alunos, ficou evidente nos depoimentos uma dificuldade comum para sete dos professores entrevistados. Trata-se dos conflitos interpessoais dos alunos. Os professores iniciantes acreditam que esse seja o maior desafio que encontraram quando começaram a ministrar aulas e ainda encontram. Ao serem questionados como fizeram para solucionar esse problema, os professores apresentaram muitas respostas que se enquadram na presente categoria de análise que trata-se da interação da experiência com as relações humanas.

Toda hora eles estão brigando, se agarram, se jogam no chão. Antes eu separava, conversava com os dois juntos e pedia para pedirem desculpas mas percebi que é melhor conversar com eles separadamente porque cada um tem seu jeito, um é mais sensível outro é mais ríspido comigo assim, então eu procuro conhecer mais o jeito de cada um pra poder ver como lidar com a situação (P8).

Nas brigas eu sempre falava que aquilo era errado, que era falta de respeito com o outro. Mas aí pensei, quem sou eu para falar isso? Eu tenho a minha formação e as minhas convicções.

Eles vêm aquelas agressões todo dia na casa deles, na rua, quem sou eu para falar que simplesmente é errado? É complicado porque a gente se torna muito pequeno em torno de tantas coisas que acontecem que vão além do ensino. Então hoje, procuro perguntar se gostariam que fizessem aquilo com ele, se ele se sentiria bem com aquilo e tal e assim eu vou tentando ganhar a confiança deles, as vezes da certo, as vezes não.(P10)

A questão da indisciplina é a minha maior dificuldade que eu tinha e ainda tenho, mas bem menos do que quando comecei a dar aula. Você tem que ganhar a confiança dos alunos para eles poderem te respeitar, mostrar o que eles estão perdendo se não colaborarem com a aula. Se eles não vão com a sua cara, principalmente os maiores ai fica bem mais difícil propor alguma coisa diferente para a aula. (P4)

Na oportunidade que tivemos de observar a aula da P6, a questão da indisciplina apareceu algumas vezes. Em todas as situações que atrapalhavam o andamento da aula, a professora chamava a criança pelo nome de forma calma e com um tom de voz firme. Em alguns momentos a criança parava de fazer o que estava fazendo e começa a prestar atenção na aula novamente. Já em outras situações, apenas o chamar a atenção pelo nome não obteve o resultado esperado fazendo com que a professora fosse individualmente até o aluno para conversar com ele em particular.

Na entrevista recorrente foi questionada a essa professora o porquê dessa atitude:

O chamar a criança pelo nome mostra que você conhece o aluno e é uma questão de respeito com ele. Já a atitude de conversar com o aluno separadamente é uma forma de tentar o diálogo e fazer com que pense no que estava fazendo, que estava atrapalhando a aula e incomodando os colegas de turma. Chamar a atenção na frente de todos é pior porque você acaba expondo a criança e ela pode ficar chateada com você.” (P6R)

É possível perceber nos depoimentos dos professores, como a questão da indisciplina e conflitos inter-pessoais estão ligados com a relação que o professor estabelece com o aluno. Há uma preocupação dos professores iniciantes de que os alunos percebam que eles se importam com eles, para poder estabelecer uma relação de respeito e não de autoritarismo.

Outra fonte para aprendizagens que foi evidenciada pelos professores em vários momentos da análise foi quando questionados onde eles pesquisavam ou tiravam suas dúvidas. Dos dez professores entrevistados, seis evidenciaram a relação deles com os outros professores da escola como fonte de

pesquisa. Mostrando assim os outros professores como aliados no processo de aprendizagem da docência.

Aquele professor que esta lá há mais tempo já fez muita coisa que eu não fiz ainda. Não significa que comigo vai dar certo o que ele faz, mas pelo menos você vai para aula mais preparado e sabendo o que pode esperar. (P2)

Essa troca de informações com outros membros da escola é importante, entretanto, não podemos esquecer que é o professor quem decide o que vai fazer em suas aulas. Não se trata de uma reprodução simples do que o outro fez, a relação travada com outros professores é apenas mais uma das fontes de pesquisa, e cabe ao professor decidir o que fazer com aquela informação. Como é possível perceber no depoimento do professor 6:

Ano passado fui fazer uma gincana para comemorar o dia das crianças com perguntas sobre os conteúdos que tínhamos trabalhado desde o começo do ano. O outro professor de Educação Física disse que não ia dar certo porque as perguntas estavam muito difíceis e os alunos não iam conseguir responder ai coloquei as perguntas mesmo assim e coloquei outras mais fáceis também e foi muito bom, as crianças corriam para responder primeiro e um monte sabia a resposta tanto as mais fáceis como as mais difíceis. (P6)

Nota-se, na fala do professor 6, que ele levou em consideração o que o seu colega de profissão sugeriu, entretanto, não desistiu do que ia fazer em função do outro. O professor iniciante criou estratégias para se prevenir caso algo desse errado e tentou fazer o que estava planejado. Percebe-se, nesse caso, a construção do saber da experiência desse professor não apenas no momento da aplicação de sua atividade, mas desde a conversa com o outro para então partir para sua própria análise e reflexão sobre o que deveria ser feito.

Esse processo pode ser identificado com a aquisição de um ethos profissional, tácito, não necessariamente expresso em palavras, que dá ao agente em socialização o sentido do jogo, isto é, oferece-lhe as condições necessárias para discriminar como deve se portar e atuar, qual o grau de tolerância do grupo profissional para com as diferenças e divergências, que expectativas profissionais pode alimentar, que questões podem ser explicitadas, quando, como e a quem se dirigir, o que deve ser valorizado e o que deve ser esquecido ou, pelo menos, não problematizado explicitamente. Contudo, o processo de socialização não ocorre de forma linear, através de uma incorporação progressiva dos valores do grupo de pertencimento, nem o agente socializado é objeto passivo dos agentes e condições socializadoras. Consideramos, então, que, para a compreensão do processo de socialização

profissional, é necessário levar em conta tanto a história do professor iniciante, suas expectativas e projetos quanto as características do grupo profissional a que irá pertencer. (FREITAS, 2002, p. 156).

A partir da análise das entrevistas, da observação e da entrevista recorrente é perceptível como o ensino se trata de uma relação estritamente humana, feita para humanos e por humanos, cada qual com suas convicções, atitudes e experiências pessoais e profissionais diferentes, porém, todos envolvidos no mesmo objetivo, que é o ensino.

Portanto, pensar em uma aprendizagem permanente da docência que se concretize na e pela experiência envolve lidar com as relações travadas nesse percurso com os outros envolvidos na ação. Essas relações são únicas, ou seja, dois professores na mesma escola não terão as mesmas relações e aprendizagens, pois isso depende também da história de vida e experiências de cada indivíduo em um determinado espaço e tempo.

As relações humanas acontecem no cotidiano escolar e são fontes de informações, aprendizagens e trocas. Apenas por isso já podem se categorizar como uma das condições para que o professor aprenda a partir da consolidação da profissão. Entretanto, mais do que isso, a experiência e as relações humanas em especial no início da carreira apresentam-se como fundamentais para a construção da identidade profissional, ou ainda como afirma Freitas (2002), um ethos profissional aliado a sua história de vida familiar, como aluno, suas crenças, a formação inicial que lhe foi proporcionada e a aprendizagem permanente da docência que assume quando inicia sua carreira.

A construção da identidade docente se inicia, em geral, como estudante na trajetória escolar, se firma na formação inicial e se prolonga durante o exercício profissional. Isso requer um processo individual e coletivo e de natureza dinâmica pautado em interações sociais. (FURLAN, 20102, p. 1)

Dessa maneira a segunda categoria, a Experiência e as relações humanas, assume um importante papel no processo de aprendizagem da docência e esta diretamente relacionada com a próxima dimensão que será analisada que trata da Experiência e a descoberta da identidade profissional.

A experiência e a descoberta da identidade profissional

A terceira categoria de análise trata-se da experiência e a descoberta da identidade profissional. Esse é o momento delicado e que delimita como o professor vai lidar com o trabalho que pretende fazer por provavelmente vários anos de sua vida, portanto, acarretará em consequências não apenas para a sua vida profissional, mas também para a pessoal. É o momento em que o professor percebe de fato, o significado de seu trabalho, do ensino. Considero que nesse momento o professor entenderá o real significado de ensinar e a influência que terá no aluno, colocando o ensino e a tentativa de mudança como essência de seu trabalho.

Nos estudos de Tardif (2009), com professores sobre os saberes da experiência, o autor nos relata sobre o processo identitário do professor que por meio das afirmações dos professores sobre esse assunto. É possível destacar a questão da experiência da sobrevivência em classe, no início de sua carreira, que tem para eles como valor de sua escolha profissional.

Outro momento destacado pelos professores, é quando relatam a decepção por não conseguirem fazer o seu trabalho com algumas crianças “que lhes escapam”. Esse sentimento de decepção, mas ao mesmo tempo vontade de superar as dificuldades, aprender mais e conseguir proporcionar o ensino aos alunos demonstra a relação que o professor estabelece com a sua profissão.

Esse é o momento que o professor entenderá o real significado de ensinar e a influência que terá no aluno, colocando o ensino e a tentativa de mudança como essência de seu trabalho.

No depoimento dos professores pesquisados para essa pesquisa, a descoberta pelo prazer em perceber que o seu objetivo foi alcançado aparece diversas vezes como é possível perceber nas falas a seguir:

[...] a maior satisfação é ver que eu atingi o meu objetivo, é ver que a aula deu certo (P5)

esses dias um aluno me disse que falou dos jogos populares que tinha aprendido na aula para a vó dele e ela disse que não conhecia muitos dos jogos que ele estava falando. Ver que meu aluno aprendeu e de certa forma esta levando isso para casa dele é bem gostoso de ouvir (P9)

A maior satisfação eu acho que a volta que o aluno dá para gente, as vezes eles não querem responder, nem pensar, nem nada, outros se interessarem

e ir a mais do que a gente propôs. Acho que essa é a maior satisfação na aula. (P3)

De acordo com Tardif (2009), o processo identitário pode iniciar uma mudança pessoal profunda na pessoa que as vive. O processo identitário do professor é formado por diversas experiências que confirmam a vontade e o desejo do professor atuar com a docência. Ainda para o autor, é no processo identitário que as experiências tomam um novo sentido de ser no processo formativo do professor e começam a moldar seu *ethos* da profissão, sendo difícil uma pessoa que não viveu tais experiências se considerar um docente.

Tanto nas entrevistas como na observação é perceptível a preocupação dos professores em favorecer uma aprendizagem significativa que possa oferecer uma mudança conceitual, atitudinal e de valores em seus educandos.

Os professores iniciantes se mostraram preocupados e muitas vezes angustiados com alguns problemas que ainda não conseguem resolver completamente, tais como: conseguir ensinar todos os conteúdos dentro do tempo, lidar com as situações de conflitos interpessoais, incluir o aluno com necessidade especial nas aulas entre outras situações. Há uma preocupação por parte desses professores com a situação do aluno. Essa preocupação e necessidade, de favorecer a mudança na aprendizagem, acabam sendo mais um provocador para que o professor seja instigado a buscar, procurar criar novas possibilidades de aprendizagem.

Tal condição para que o saber da experiência ocorra só se dá naquele profissional que se identifica com sua profissão e acredita de fato na mudança reconhecendo a identidade profissional de seu trabalho, o ensino.

Dessa maneira, a experiência aliada a descoberta da identidade profissional configura-se como mais uma das condições para que o professor aprenda a partir da consolidação da profissão.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreender o processo de tornar-se professor envolve entender que sua formação está em permanente construção, sendo ressignificada a cada aula, a cada interação com o outro.

Ao propor entender como ocorre o processo de construção dos saberes do professor é preciso colocá-lo como agente de todo o processo formativo frente ao seu saber. Para tanto é necessário que a formação inicial proporcione condições de compreensão do futuro professor continuar a aprender sempre desenvolvendo nele uma capacidade de reflexão e análise perante o seu saber, suas ações, as ações do aluno e dos outros envolvidos no dia a dia escolar.

Nesse sentido, o professor inicia suas primeiras concepções sobre o que é ensino ainda enquanto estudante da educação básica, perpassa pela formação inicial revendo seus pré-conceitos, opiniões e adquirindo saberes específicos, científicos e pedagógicos do ensino até iniciar a docência. E é nesse momento, de início da docência, que os saberes experienciais ganham forma.

Os saberes experienciais são construídos durante toda a carreira profissional. Ocorrem a partir da interação e das relações travadas do professor com o cotidiano escolar. São pela prática validada por serem advindos da interação entre os conhecimentos pessoais, profissionais e a prática docente.

A partir dos estudos de Tardif (2002, 2009), ficam evidenciados a existência e a importância dos saberes experienciais no processo formativo profissional. Entender como esses saberes experienciais se constroem a partir da ação docente foi o desafio para o presente estudo. A partir da busca na literatura e das análises das respostas dos professores entrevistados foi possível chegar a algumas considerações sobre como o professor constrói seu saber a partir da consolidação da docência.

A primeira consideração é que os saberes experienciais só são possíveis de serem adquiridos por um professor que esteja disposto a construí-lo. Ou seja, os saberes experienciais não surgem do acaso nem tampouco se constituem a medida que o tempo passa, o professor necessita estar atento as oportunidades de aprendizagem no cotidiano da sala de aula. Os saberes experienciais necessitam de reflexão, análise constante perante as ações docentes e uma ressignificação caso seja necessário sobre sua ação. Sendo apenas cabíveis de se desenvolver em um modelo de professor reflexivo.

Em segundo lugar, a construção dos saberes experienciais ocorrem a partir da experiência, mas não se isolam nela. A experiência por si só não possibilita condições de uma pessoa tornar-se professor. Para tanto se faz necessário uma formação inicial que proporcione conhecimentos necessários ao

ensino. A construção do saber da experiência vem a partir da interação desses saberes profissionais com a experiência.

Dessa maneira, a consolidação da profissão ocorre quando o professor aprende a aprender perante a sua prática. Trata-se da relação entre tempo de ofício e a qualidade que o professor atribuiu ao seu aprendizado frente as situações cotidianas embasado em conhecimentos científicos, específicos, pedagógicos e epistemológicos de ensino. A consolidação da docência trata-se da consciência do professor de que ele é o protagonista de sua formação e articulador dos seus saberes tendo cada vez mais a consciência de que é inacabado, porém a cada dia com mais repertórios de ação para buscar a aprender mais.

Outra consideração importante é entender a prática como um ambiente de estudo, pesquisa e aprendizagem constante. Tardif (2009), afirma veemente que “*os docentes não são idiotas cognitivos, assim como os teóricos não são imbecis da ação.*” Ou seja, o conceito de práxis deve permear as ações do professor reflexivo para que o saber da experiência seja aprendido.

A partir dos estudos de Tardif (2009), que propõe que o aprendizado por experiência ocorre por meio de três processos diferentes mas que se ligam diretamente um com o outro é que podemos chegar a pistas de como os saberes da experiência se constroem a partir da ação docente por meio das seguintes dimensões:

Primeira Dimensão: *A Experiência do Cotidiano* – Por meio da análise das respostas dos professores às entrevistas e da observação ficou evidenciado como as tentativas e erros podem ser aliados fundamentais no processo de construção dos saberes da experiência. Sendo o professor reflexivo condição para que o saber a partir da prática se concretize, o que se espera é que por meio das tentativas e erros o professor seja instigado a buscar, a pesquisar, analisar refletir juntamente com seu constructo teórico. A Experiência do Cotidiano não tem como ser ensinada em cursos de formação inicial por serem validadas exclusivamente pelas surpresas e interações do cotidiano escolar.

A partir da análise dos depoimentos dos professores é possível perceber como as tentativas e erros desses professores não estavam alienadas. Os professores mostraram se preparar e buscar conhecimentos que lhes embasassem antes, durante e depois das tentativas não deixando se abater caso algo desse errado. É possível inferir que esses professores tem um referencial solido construído

por meio da formação inicial, pois eles estão atentos ao que acontece no cotidiano da sala de aula.

Segunda Dimensão: *A Experiência e as Relações Humanas* – Nos depoimentos dos professores ficou muito evidente a necessidade e a importância de serem aceitos pelos outros pares da escola. Há uma necessidade de que respeitem o seu trabalho, e ao mesmo tempo a importância de se manter uma boa convivência com os demais envolvidos no processo educativo.

Outro fator importante nessa dimensão é entender a relação com o outro, seja o professor, diretor, aluno, funcionários e pais como mais uma fonte de busca e aprendizagem. A partir da troca de experiência com os outros professores, com sugestões e contribuições dos alunos, o professor torna-se professor dia a dia. Contribuindo assim para a construção dos saberes da experiência.

Todos os professores no momento da entrevista apresentaram elementos que tornam as relações humanas uma condição para que o saber da experiência aconteça. Seja evidenciando a importância de ser reconhecido pelo seu trabalho pelos outros membros, pela troca de experiências, pelos conflitos interpessoais com os alunos.

Terceira Dimensão: *A Experiência e a descoberta da identidade profissional* – Todos os professores envolvidos na pesquisa demonstraram uma identificação com a profissão. Em algum momento da entrevista mostraram estar preocupados com a condição do aluno, com o seu aprendizado, com a finalidade de seu trabalho que é ensinar. Conforme os professores foram relatando seus anseios, dúvidas, medos e alegrias foi ficando cada vez mais evidente a relação da construção do saber experiencial com a satisfação do professor em realizar o ensino. Visto que para que os saberes experienciais ocorram se faz necessário empenho, dedicação e análise constante do professor, logo, isso é mais difícil de ocorrer com um professor insatisfeito com seu trabalho.

Os professores entrevistados mostraram-se frustrados quando não conseguiam atingir seus objetivos ao mesmo tempo felizes quando percebiam que estava havendo o ensino, demonstrando assim, a identificação do professor com a profissão.

Dessa maneira, entende-se que para construir saberes a partir da consolidação da docência as três dimensões acima descritas são situações que devem ser constantes quando se fala em aprender a partir da prática.

Compreender o significado do saber da experiência exige entendê-la como um saber plural. De acordo com Tardif (2009), o saber da experiência não é um saber entre os outros, “... *é de algum modo o coração de todos os outros.*”

Os saberes da experiência são todos os saberes em ação. Fica evidenciado assim, a necessidade de compreender o processo formativo como um ciclo de aprendizagens que não tem uma data para iniciar muito menos para terminar. A aprendizagem da docência é a própria essência do trabalho do professor. E ser professor exige esse aprendizado permanente por sermos seres em constante mudança e a sociedade um organismo vivo e complexo que exige essa dinamicidade e autonomia por parte do professor.

REFERÊNCIAS

BAPTISTA, M. V. A ação profissional no cotidiano IN: Martinelli, M. L., ON, M. L. R., MUCHAIL, S. T. (org.) **O Uno e o múltiplo nas relações entre as áreas do saber**, São Paulo : Cortez, 1998.

CARVALHO, M. P. de. **No coração da sala de aula**. São Paulo: Xamã, 1999.

CESÁRIO, M. **Formação de professores de Educação Física da Universidade Estadual de Londrina: tradução do projeto curricular pelos professores**. Tese (doutorado) Universidade Federal de São Carlos, São Paulo, 2008.

CUNHA, M. I. da. **O bom professor e sua prática**. Campinas, SP: Papyrus, 1989 (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico).

COSTA, F. C. **Formação de professores: objetivos, conteúdos e estratégias**; Cruz Quesada, Lisboa - 1996.

COSTA, A. L. A. PALMA, A. P. T. V. PALMA, J. A. V. **Os descaminhos da formação inicial e as influências nas ações pedagógicas do professor de Educação Física**. The FIEP Bulletin, v. 78, p. 445-448, 2008.

DAY, C. **Desenvolvimento profissional de professores – os desafios da aprendizagem permanente**; Porto, Porto editora, 2001.

FRANCO, M. A. C. ET all. **O Papel do professor e sua construção no cotidiano escolar**. Rio de Janeiro, Universidade Sta. Úrsula, 1984, mimeo.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia – saberes necessários a prática educativa**; São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GONÇALVES, J. A. M. A carreira dos professores do ensino primário. IN: NÓVOA, a. (Org.) **Vida de professores**. Porto: Porto editora, 1992. p. 141-169.

GUARNIERI, M. R. **Tornando-se professor: o início na carreira docente e a consolidação da profissão**. Tese de doutorado defendida na Universidade Federal de São Carlos, São Paulo, 1996.

HUBERMAN, M. O ciclo de vida profissional dos professores. IN: NÓVOA, a. (Org.) **Vida de professores**. Porto: Porto editora, 1992. p. 31-61.

ISAIA, S. M. A. **Enciclopédia da pedagogia universitária**. Professores de Licenciatura: concepções de docência. Porto Alegre: FAPERGS/RIES, 2003.

ISAIA, S. M. A e BOLZAN, D. P. V. **Reflexões e práticas em pedagogia universitária**. Construção da profissão docente/professoralidade em debate: desafios para a educação superior. Campinas- SP, Papyrus, 2007.

LAKATOS, E. M. E MARCONI, M. A., **Metodologia Científica** 5. ed. – 2ª reimpr. São Paulo, Atlas, 2008.

LÜDKE, M. e ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo – EPU – 1986.

MYNAIO, M. C. **O desafio do conhecimento**. 4a ed. São Paulo, HUCITEC-ABRASCO, 1996.

MIZUKAMI, M da G. N. **Ensino: as abordagens do processo**. São Paulo: EPU, 1986.

MIZUKAMI, M da G. N. **Escola e Aprendizagem da Docência – Processos de investigação e formação**. São Carlos: Edufscar, 2002.

MOYA, L. F. A **Educação Física escolarizada e os saberes necessários para uma atuação profissional**. Monografia de especialização em Educação Física, Londrina, 2003.

NÓVOA, A. **Os professores e as histórias de sua vida**. In: NÓVOA, Antônio (org.) *Vidas de professores*. Porto: Porto, 1992. p. 11-30.

PACHECO, J. A.; FLORES, M. A. **Formação e avaliação de professores**. Porto: Porto Editora, 1999.

PALMA, J. A. V. **A educação continuada do professor de Educação Física: possibilitando práticas reflexivas**. Tese de Doutorado – Faculdade de Educação Física, UNICAMP, Campinas, 2001.

PALMA, Â. P. T. V. ; PALMA, J. A. V. . **O ensino da educação física: princípios fundamentais para uma relação pedagógica construtivista na educação infantil e ensino fundamental**. Fiep Bulletin, Brasil, v. 75, n. Special Ed, p. 91-94, 2005.

RIBAS, M. H. **Construindo a competência: processo de formação de professores**, São Paulo: Ed. Olho d`água, 2000.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 1999.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis, Rio de Janeiro, Vozes, 2002.

TORRIGLIA, P. L. **Currículo: algumas reflexões sobre as dimensões do conhecimento**. IV colóquio luso-brasileiro sobre questões curriculares VIII colóquio sobre questões curriculares. Florianópolis, 2008.

ZEICHNER, K. M. **A formação reflexiva de professores: idéias e práticas**. Lisboa: Educa – Professores, 1993.

APENDICE A

Roteiro Preliminar da entrevista

Roteiro Preliminar para a Entrevista

Sexo: () M () F

Idade: __

Ano de Formação: _____

Ano que começou a atuar: _____

Participa ou participou de processos de formação continuada? Quais foram?

1. Qual a maior satisfação e a maior dificuldade no momento que iniciou a docência?
- ainda encontra?
2. Você conseguiu solucionar as dificuldades encontradas?
- Como, o que fez para solucionar?
3. Você já ficou durante e após uma aula em situação de dúvida sobre a ação docente?
- caso a resposta seja afirmativa, quais foram? Quais suas atitudes perante as dúvidas?
4. Você considera a formação inicial como suficiente para a prática profissional da docência?
5. Você identifica na organização de sua ação docente e na solução de possíveis problemas a influência da formação inicial? Caso a resposta seja afirmativa de que forma (essas influências) isso acontece?
6. Que conhecimentos da sua formação inicial você utiliza para organizar sua ação docente na escola?
7. Você considera que a experiência na escola te ajuda a se tornar um melhor professor? Por quê?
8. Qual o valor que você atribui para a experiência na construção e consolidação da sua atuação como professor?
9. Em que aspectos esta experiência pode ser fundamental?

APÊNDICE B

Termo de Consentimento Livre e esclarecido - Entrevista

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título da pesquisa:

“PROFISSÃO DE PROFESSOR: Construindo saberes a partir da consolidação da docência”

Prezado(a) Senhor(a):

Gostaríamos de convidá-lo a participar da pesquisa **“PROFISSÃO DE PROFESSOR: Construindo saberes a partir da consolidação da docência”**, realizada em **Londrina/PR**.

O objetivo da pesquisa é **estabelecer relações entre a consolidação da prática profissional de docentes iniciantes e cotidiano escolar, ou seja, entender como ocorre o processo de tornar-se professor a partir da prática profissional**. A sua participação é muito importante e ela se daria da seguinte forma. O pesquisador realizará uma entrevista que será gravada. As questões da entrevista serão sobre os temas referentes ao início da carreira, dificuldades e satisfações encontradas na profissão e formação profissional em Educação Física. A pesquisa envolverá um total de dez professores entrevistados em diversas instituições, nos quais três professores serão escolhidos para realizar a segunda etapa da pesquisa que será a fase de observação. A escolha dos professores ocorrerá por meio de sorteio. Caso você seja um dos participantes sorteado, poderá participar da fase de observação mediante a um novo termo de consentimento livre esclarecido contendo informações sobre a fase de observação.

Gostaríamos de esclarecer que sua participação é totalmente voluntária, podendo você: recusar-se a participar, ou mesmo desistir a qualquer momento sem que isto acarrete qualquer ônus ou prejuízo à sua pessoa. Informamos ainda que as informações serão utilizadas somente para os fins desta pesquisa e serão tratadas com o mais absoluto sigilo e confidencialidade, de modo a preservar a sua identidade.

No final da pesquisa, as entrevistas gravadas serão inutilizadas sendo devidamente destruídas. O sigilo das informações será preservado por meio de adequada codificação dos instrumentos de coleta de dados. Nenhum nome, identificação de pessoas ou locais especificamente interessa a esse estudo. Todos os registros efetuados no decorrer desta investigação científica serão usados para fins acadêmico-científicos e inutilizados após a fase de análise dos dados e apresentação dos resultados finais

O benefício esperado com esta pesquisa é a discussão das temáticas relacionadas a formação profissional, procurando contribuir significativamente para a formação de professores de Educação Física no sentido de alcançar os objetivos e as finalidades educativas da Educação Básica.

Informamos que o senhor não pagará nem será remunerado por sua participação. Garantimos, no entanto, que todas as despesas decorrentes da pesquisa serão ressarcidas, quando devidas e decorrentes especificamente de sua participação na pesquisa.

Caso você tenha dúvidas ou necessite de maiores esclarecimentos pode entrar em contato com a pesquisadora responsável, Amanda Luiza Aceituno da Costa, na Rua Rubens Ávila 150 Ap. 33 Bloco I e no telefone 3371 - 1848 ou procurar o Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da Universidade Estadual de Londrina, na Avenida Robert Kock, nº 60, ou no telefone 3371 – 2490. Este termo deverá ser preenchido em duas vias de igual teor, sendo uma delas, devidamente preenchida e assinada entregue a você.

Londrina, ___ de _____ de 2011.

Pesquisador Responsável

RG: 44 221 729 8 SSP/SP

_____, tendo sido devidamente esclarecido sobre os procedimentos da pesquisa, concordo em participar **voluntariamente** da pesquisa descrita acima.

Assinatura (ou impressão dactiloscópica): _____

Data: _____

APÊNDICE C

Termo de consentimento Livre e esclarecido – Observação

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Titulo da pesquisa:

“PROFISSÃO DE PROFESSOR: Construindo saberes a partir da consolidação da docência”

Prezado(a) Senhor(a):

Gostaríamos de convidá-lo a participar da pesquisa **“PROFISSÃO DE PROFESSOR: Construindo saberes a partir da consolidação da docência”**, realizada em **Londrina/PR**.

O objetivo da pesquisa é **estabelecer relações entre a consolidação da prática profissional de docentes iniciantes e cotidiano escolar, ou seja, entender como ocorre o processo de tornar-se professor a partir da prática profissional**. A sua participação é muito importante e caso aceite, se dará da seguinte forma: serão observadas oito aulas de uma mesma turma, considerando que há duas aulas de Educação Física por semana com a mesma turma, a observação se dará no período de um mês. A observação será pautada em uma tabela de observação previamente elaborada pelo pesquisador com categorias de análise com temas referentes à prática docente no cotidiano escolar. As observações constatadas pelo pesquisador serão anotadas na tabela de observação. No final de cada aula será feita uma conversa com o professor para elucidar possíveis dúvidas. Nesse momento, o professor poderá esclarecer as escolhas e atitudes tomadas. Essa conversa será gravada e transcrita na íntegra.

Gostaríamos de esclarecer que sua participação é totalmente voluntária, podendo você: recusar-se a participar, ou mesmo desistir a qualquer momento sem que isto acarrete qualquer ônus ou prejuízo à sua pessoa. Informamos ainda que as informações serão utilizadas somente para os fins desta pesquisa e serão tratadas com o mais absoluto sigilo e confidencialidade, de modo a preservar a sua identidade.

No final da pesquisa, as entrevistas gravadas serão inutilizadas sendo devidamente destruídas. O sigilo das informações será preservado por meio de adequada codificação dos instrumentos de coleta de dados. Nenhum nome, identificação de pessoas ou locais especificamente interessa a esse estudo. Todos os registros efetuados no decorrer desta investigação científica serão usados para fins

acadêmico-científicos e inutilizados após a fase de análise dos dados e apresentação dos resultados finais.

O benefício esperado com esta pesquisa é a discussão das temáticas relacionadas a formação profissional, procurando contribuir significativamente para a formação de professores de Educação Física no sentido de alcançar os objetivos e as finalidades educativas da Educação Básica.

Informamos que o senhor não pagará nem será remunerado por sua participação. Garantimos, no entanto, que todas as despesas decorrentes da pesquisa serão ressarcidas, quando devidas e decorrentes especificamente de sua participação na pesquisa.

Caso você tenha dúvidas ou necessite de maiores esclarecimentos pode entrar em contato com a pesquisadora responsável, Amanda Luiza Aceituno da Costa, na Rua Rubens Ávila 150 Ap. 33 Bloco I e no telefone 3371 - 1848 ou procurar o Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da Universidade Estadual de Londrina, na Avenida Robert Kock, nº 60, ou no telefone 3371 – 2490. Este termo deverá ser preenchido em duas vias de igual teor, sendo uma delas, devidamente preenchida e assinada entregue a você.

Londrina, ____ de _____ de 2011.

Pesquisador Responsável

RG: 44 221 729 8 SSP/SP

APÊNDICE D

Transcrição das entrevistas

Professor 01

Idade: 26

Sexo: Feminino

Ano de Formação: 2008

Ano que começou a atuar: 2010

Participa ou participou de processos de formação continuada? Quais foram?

Especialização em Educação Infantil e séries iniciais.

Onde você começou a dar aula?

Rede estadual, no PSS

E - Qual a maior satisfação e a maior dificuldade no momento que iniciou a docência?

P1 - A maior satisfação eu acho que a volta que o aluno da pra gente, às vezes eles não querendo responder, nem pensar nem nada alguns assim se interessarem e irem a mais do que a gente propôs. Acho que essa é a maior satisfação.

E: Você ainda encontra essa satisfação?

P1 - Sim, com certeza, a gente elabora as aulas, voltada para eles para os alunos e a gente pensa neles, então se o aluno devolve isso pra gente é que a gente atingiu o objetivo então é satisfatório né.

E: E a dificuldade, você teve ou tem?

P1 - "Vish", várias. Dificuldade primeira é a insegurança, medo porque a gente não sabe o que vai encontrar, que tipo de aluno a gente vai encontrar e a dificuldade porque a gente não tem experiência né, então quando você entra na sala de aula você entra insegura em relação aos alunos, ao conteúdo e eu achei essa a parte mais difícil assim. Em relação aos alunos a gente tenta se controlar pra eles não perceberem isso mas em relação ao conteúdo você tem sempre que estudar, planejar a aula antes porque se não a aula não dá certo né e acaba indo por água a baixo e mesmo planejando vc ainda vai um pouco seguro porque é como se fosse um laboratório né. Toda aula que eu dou, a primeira aula que eu dou eu vejo se da certo se tem que melhorar nisso...

E: Você ainda encontra essas dificuldades?

P1 - A sim.

E: Da mesma maneira eu você percebe alguma diferença do início para hoje em dia?

P1 - Assim, como é no PSS então por exemplo a cada ano, até mesmo durante o ano é uma turma diferente que as vezes pega né então até você conhecer a turma, ver o que eles estavam trabalhando e não você fica insegura né. Se por um acaso fosse uma turma que eu pegasse do começo ao fim pode ser que não. Tem a turma que eu trabalho agora mas é do projeto mais educação então é uma turma assim que eu já conheço, eu sei as dificuldades de cada turma, eu sei o que eu posso levar para eles, o que que eles vão estar evoluindo mais então eu acho que tem essa dificuldade por ser temporário.

E: Você já ficou durante e após uma aula em situação de dúvida sobre a ação docente?

P1: Aham, várias vezes já. Eu acho que a todo momento assim. Em relação ao conteúdo as vezes eu fico com duvida, pra programar a sequencia se vai dar continuidade ou não, pra ver se a forma que eu to avaliando ta sendo correta, coerente porque as vezes a equipe pedagógica não dá suporte. Até mesmo os outros professores não conversam com a gente para trocar experiências falar olha isso é legal já trabalhei com essa turma, nessa idade assim, praticamente nenhum deles troca essa experiência então vc fica a mercê assim. Então eu acho que é você correr atrás. Eu acho q é por isso q os professores mais velhos assim vc olha e fala eles tem mais domínio e tal. Acho q é essa experiência q ele tem a mais q eu né. Mas eu tento fazer a minha parte, vou atrás, se da certo muito bom, se não da, vamos melhorar que na próxima de certo.

E: E vamos supor que em uma aula alguma coisa não dá certo, o que você faz?

P1: Em relação a conteúdo eu busco as dúvidas que os alunos tiveram e eu não consegui responder ai eu vou buscar e em relação a atitude minha eu acho que é pensar se eu fiz errado alguma coisa assim é falar para o aluno, olha aquele dia a minha atitude não foi certa e tal e é buscar sempre, ir buscar pra melhorar, por exemplo surge alguma dúvida dos alunos e a minha aula não supriu aquela duvida né ai na próxima aula eu trago as curiosidades até mesmo que eles falaram ai eu pergunto se você ta certo disso se não ta, eles provavelmente não buscaram, não vão atrás de saciar a duvida deles mas ai eu vou e levo pra eles e falo olha isso foi o que vcs falaram aula passada e tal.

E: Onde são feitas as suas buscas?

P1: Eu tento buscar em livros, mas é muito pouco porque na verdade eu não tenho assim em casa mesmo, acho que aos poucos tem que ir comprando mas é mais na internet mesmo, é mais acessível. E quando surge assim nossa agora tenho q planejar as aulas, como que eu faço ai eu vejo que é importante ir comprando o material, porque é o suporte nosso.

E – E do início, desde a primeira aula que você deu, até hoje, tem alguma diferença na sua ação docente?

P1 – Tem sim porque eu acho que a cada aula a gente vai aprendendo uma coisa, a lidar com os alunos, cada aluno de um jeito, até a forma de olhar pro aluno você vai aprendendo. Com certeza houve mudança e eu sempre tenho que mudar né nossas ações mesmo porque a cada ano é uma turma diferente, eles mudam também. E desde o início acho que a gente não tem essa resposta né. Não tem como falar assim é nisso que eu posso melhorar, mas a cada final de ano, a cada final de semestre da pra ir repensando para os próximos anos.

E - Você considera que a sua formação inicial foi suficiente

P1 – Não foi, eu acho que é difícil, assim, quatro anos pra ser suficiente pra lidar com tanta coisa que a gente lida dentro da sala de aula. Tem coisas assim que até mesmo a graduação eu acho que ela acaba nem falando porque acaba não falando, que é mais a experiência que vai te dar.

E – O que por exemplo?

P1 – Acho que é mais a atitude assim dos alunos com o professor, acho que isso ai não tem como falar, estudar, pode ser que tenha né a parte psicológica não sei, mas eu acho que é a experiência de você lidar com os alunos assim. Tem uns que são especiais e é muito difícil lidar com aluno especial. Então tem coisas que assim se você quer melhorar mesmo, você tem que ir atrás no específico daquilo né e a graduação passa assim as vezes por cima de algumas coisas né, meio superficial e até mesmo a gente como aluno acaba não relevando tanto e depois tem que ir atrás pra suprir essa necessidade.

E - Você identifica na organização de sua ação docente e na solução de possíveis problemas a influência da formação inicial?

P1 – A base acho que é na graduação e é as coisas que a gente não consegue trazer da graduação daí a gente vai atrás né para ver se consegue lidar com isso. Mas a graduação, principalmente porque foi Licenciatura e voltado pra escola, grande

base foi de lá mesmo enquanto assim fundamentação da escola mesmo né eu acho que é basicamente da graduação. Eu acho que assim não digo que ela não preparou assim, preparou pra escola, mas tem muitas coisas que a gente vai ter que ir atrás porque quatro anos foi a grade que eles encontraram pra da suporte aqui né mas assim fora outras coisas de dia a dia é a gente que tem que buscar né, não tem como esperar só de lá. Então tem que buscar também.

E – E o dia a dia, então, que seriam as coisas que a formação inicial não abrangeu?

P1 – Seria mais a parte conteúdo assim, mas eu não sei assim te dizer se precisa melhorar, sei lá se foi por causa da graduação ou não, não sei te dizer se foi por causa de lá?

E – Quais conhecimentos da sua formação inicial você utiliza ppra organizar sua ação docente na escola?

Eu acho que é mais assim com relação a como o aluno aprende né porque acho que se não tiver isso primeiro como idéia, como o aluno aprende e se desenvolve não tem como eu fazer meu plano de aula sem se embasar nisso, é o que eu mais uso assim, é cuidando assim das dificuldades de cada um, não igualando eles tentando trazer atividade diferente pra quem tem dificuldade e sempre avaliando de varias formas porque eles aprendem todo dia e ver o que eles parenderam naquele momento, acaliando pra não ta trazendo aquela avaliação só em um dia e tal e eu acho que é isso.

E- Voce considera a experiencia na escola te ajuda a se tornar um melhor professor?

P1 Sim, ajuda. Ah porque é o que você ta vivendo, você ta aprendendo como ser professor, ta aprendendo a lidar com os launos e é pra isso que a gente saiu da graduação né, pra ta dentro da escola e lá a gente vai aprendendo e a cada dia melhorando né, eu acho que é isso.

E- Que valor você atribuiria pra experiência na construção da sua profissão?

P1 – Experiência... acho que é igual a pessoa ter domínio do conteúdo que é fundamental e a experiência junto, acho que os dois se igualam.

E – Você quer falar mais alguma coisa?

P1 – Ah, não sei, acho que essas dificuldades de lidar com as crianças, com os adolescentes que tem coisa que a gente não consegue dar conta, muitos problemas que eles tem que acabam afetando dentro da sala de aula, as vezes a sexualidade deles estão tão afloradas assim e a gente vendo isso na sala de uala e muitas vezes a gente vê que passa de direção pra direção ai os professores estão já acostumado a deixar daquele jeito e porque também acho que também se for atrás pra melhorar ou resolver problema assim é muito, precisa de muito supрте, então acho que acaba tentando amenisar e tem aluno assim que precisa sabe, não somente atendimento dentro da sala de aula, precisa de atendimento fora porque ai afeta a aprendizagem da turma que ele ta dentro e dele mesmo né que ele acaba atrapalhando os outros e tal.

E – Eu posso entender isso como uma dificuldade o que você esta descrevendo?

P1 – Foi, bastante. Porque daí acaba ficando tudo pro professor, ai ele tem que prestar conta de toda a parte burocrática e o conteúdo em si as vezes fica só no papel ssim, pq ele tem q prestar conta, dar nota, não sei o que e tudo tem um prazo pra entregar então o conteúdo na verdade as vezes fica por segundo plano mesmo e é assim pelo menos na nossa formação que trouxeram pra gente que o conteúdo é o mais importante né então as vezes eu fico me pensando assim nossa será que a tendendia é melhorar ou piorar isso. Porque se a proprpria escola exige essa parte burocaratica e não da suporte para o professor novato, olha melhora aqui ou ali ai acho que o professor por si só cada um vai caminhar para um rumo, ou seja,, vai ser um rumo bom se for um professor que tem uma prientação boa ou não, vai caminhar por um caminho que ele acha que ta certo mas ninguém diz se ta certo ou errado, ai é difícil né.

Professor 02

Idade: 23

Sexo: Feminino

Ano de Formação: 2009

Ano que começou a atuar: 2011

Participa ou participou de processos de formação continuada? Quais foram?

Sim, grupos de estudos

Onde você começou a dar aula?

Escola Particular.

E - Qual a maior satisfação e a maior dificuldade no momento que iniciou a docência?

P2 - Tudo é muito novidade para agente, por mais que você tenha feito estágio eu acho que a cobrança agora enquanto professora da turma, de fazer planejamento e buscar todas essas coisas que cabe ao professor, acaba sendo algo novo e difícil assim de início, mais nesse sentido.

E - Você ainda encontra essas dificuldades?

P2 - Ainda, eu ainda encontro , mais o lidar com os alunos na sala, esse tato de como agir com eles, de em uma aula.. essa parte é a que eu acho mais difícil de lidar com os alunos na aula. Às vezes eu bolo umas aulas, umas estratégias que com uma turma da certo e com a outra já não da, é muito subjetivo isso, essa questão da aula, com um da certo, com outro não e vai mudando.

Eu ainda tenho muitas angústias desde o início da aula, mas tem turmas que parece que pela turma, a aula vai caminhando mais tranqüilo, eu consigo fazer com que a aula caminhe como eu estou planejando, mas tem umas que não, eu chego lá na hora nas aulas, e eu já tenho que pensar em mudar.

E - E uma satisfação?

P2 - Eu tenho planejado o conteúdo eu falo nossa consegui chegar nos meus objetivos e consegui também ver o retorno dos alunos. Mas ver mesmo que os alunos conseguiram entender, participar daquilo que era planejado.

E - Você já ficou durante e após uma aula em situação de dúvida sobre a ação docente?

P2: Já, pra mim conflito interpessoal com os alunos é uma coisa que é bem difícil assim de lidar com eles, por exemplo, eu estou com o primeiro ano e é uma turminha bem agitada na minha aula, e é sempre uma discussãozinha entre eles, entre as crianças, ai eu vou ali ver o que ta acontecendo e do outro lado eles já dispersam, já se espalham. Essa questão assim da aula é que tem sido uma grande dúvida assim pra mim. E outra coisa também é no planejar a aula também, por exemplo eu estava dando expressão corporal, daí você já pensa em algumas perguntas, a maneira como explicar aquele conteúdo de uma maneira que os alunos vão entender perfeitamente, daí você começa a falar e começa a ver que eles não estão entendendo, ai você já tem que mudar de alguma forma com que eles possam entender melhor.

E - isso ainda acontece?

P2 - Uma coisa que eu estava pensando esses dias é que agente tem um ideal de aulas, e as vezes por não alcançar esse ideal, você pensa a minha aula ta toda errada, então uma coisa que eu tento pensar é que talvez eu nunca vou chegar nesse ideal de aula que eu queira. Até pelas crianças, pela baguncinha delas, então eu tenho tentado pensar em chegar nos objetivos mais em curto tempo, sabe. Consegui atingir o objetivo dessa aula, então a aula foi bacana e não esperar ter um ideal de aula perfeito porque sempre sai uma coisinha que eu falo puxa, isso não foi legal, sempre tem uma coisinha que eu poderia ter conversado ali com eles.

E - E como você faz para melhorar isso que não foi legal durante a aula?

P2 - Eu sempre saio das aulas bem pensativa assim, de como pensar até o conteúdo, a maneira como eu trabalhei não foi boa, de tentar pensar para o próximo conteúdo.

E - E você já ficou em uma situação de dúvida quanto ao conhecimento específico?

P2 - Já tive sim, De no conteúdo, buscar informação sobre esse conteúdo e não ter. Ai eu fico na dúvida se eu vou só pelo o que eu sei desse conteúdo e onde é que eu vou achar. Mais específico quando eu estava procurando sobre jogos de perseguição, eu tinha algumas coisas da faculdade mas eu queria encontrar outras coisas, procurei textos na internet e o não achar é ruim sabe daí eu vou mais pelo o que eu aprendi da disciplina de jogos.

E - Onde são feitas as suas buscas?

P2 - Internet, até acho alguns trabalhos de professores conhecidos ma normalmente é resumo.

E - Você considera a formação inicial como suficiente para a prática profissional da docência?

Suficiente eu acho que seria uma graduação muito perfeitinha. Eu acho que a graduação que eu tive na UEL eu consegui ter bagagem muito boa como professora. Mas eu fico pensando que como quando eu cheguei na prática como foi difícil, diferente, não sei se isso acontece com a maioria dos recém formados, mas ai você pensa como é diferente daquilo que eu vi na graduação, nos estágios. Porque o estagio é o que chega mais próximo da nossa aula mesmo depois. Então eu acho que talvez não pelo curso mas por eu não estar tão madura no momento de não ter aproveitado direito o curso. Eu acho assim que ainda falta alguma coisa no curso de licenciatura , mais relacionado a prática. Ou até assim dos professores compartilharem

um pouco mais a experiência que eles tiveram, não sei se o professor de estágio, mas ter mais compartilhado. Agente teve até uma experiência que foi muito bacana no estágio que seria muito legal de acontecer, agente deu uma aula no estágio e a nossa professora, a nossa supervisora deu uma aula junto com agente. Foi muito legal de ver por ser uma pessoa que tem bastante experiência. Pelo menos a nossa, era uma professora que seguia uma linha que agente também achava, que agente concordava com a Educação Física que muitas vezes é diferente da professora que agente encontrava no estágio. Então foi muito legal isso de poder fazer a aula junto com a nossa supervisora.

E - Você identifica na organização de sua ação docente e na solução de possíveis problemas a influência da formação inicial? Caso a resposta seja afirmativa de que forma (essas influências) isso acontece?

P2 - Sim, com certeza. A maneira como eu planejo minhas aulas hoje vem da formação que eu tive. Eu não tive outras experiências em relação a isso. Eu tomo como base aquilo que aprendi mesmo no curso.

E - Que conhecimentos da sua formação inicial você utiliza para organizar sua ação docente na escola?

P2 - No estágio por exemplo, o como planejar uma aula. Também os conteúdos específicos da educação física, esporte, dança e também os conhecimentos metodológicos de todo professor independente se é educação física mas os que envolve a ação do professor em sala de aula. Esses três que eu lembro assim, apesar que o planejamento também envolve o metodológico né.

E - Você considera que a experiência na escola te ajuda a se tornar um melhor professor? Por quê?

P2 - Sim, mas a experiência pela experiência se você não buscar uma formação continuada, se você não buscar rever aquilo que você tá fazendo as vezes eu acho que ela pode ficar elas por elas sem acrescentar muito pro professor. Mas acho que você tendo a experiência, estando ali na pratica, na escola já com aquilo que você continua estudando com aquilo que você continua aprendendo, aí eu acho que daí são duas coisas que casam só pra te ajudar mais e mais no decorrer dos seus anos na escola.

O que eu acho mais interessante é que dependendo do lado que agente tá como agente é julgador assim, fica falando dos outros. E quando agente tá do outro lado agente fala realmente é algo difícil, ser professor não é fácil, tem que ser uma junção de vários conhecimentos de vários saberes pra um momento ali de cinqüenta minutos, aí eu falo nossa eu estudo tanto e tenho q planejar a aula pra cinqüenta minutos ali, parece que é pouco o tempo que agente fica ali, mas eu acho que é esse o caminho mesmo, ser professor não é fácil mas quem quer tem que pagar o preço, tem que correr atrás.

E - Qual o valor que você atribui para a experiência na construção e consolidação da sua atuação como professor?

P2 - Pra mim é igual, ela é tão importante como os outros conhecimentos.

Professor 03

Idade: 33

Sexo: Masculino

Ano de Formação: 2008

Ano que começou a atuar: Setembro de 2009

Participa ou participou de processos de formação continuada? Quais foram?

Sim, grupos de estudos e está fazendo Mestrado em educação.

Onde você começou a dar aula?

Escola Particular.

E - Como que foi o seu início de carreira?

P3 - Acho que foi difícil porque eu tinha poucas aulas e eu estava entrando numa turma no meio do ano, então os alunos já tinham tido um outro professor que deixou as aulas, então eles já tinham uma ideia de Educação Física com outro professor e eles estavam me conhecendo. Eles tinham as expectativas deles e eu tinha também as minhas expectativas de poder dar aula. Porém sempre espera que a Educação Física teria que ser um pouco mais no sentido de jogos, de brincadeiras, de uma coisa um pouco descompromissada, sem conteúdos, que é o que em geral o que a gente espera, que já estejam acostumados. E você tenta trazer um projeto de trazer conteúdos, de trazer conhecimentos para as aulas e tal, dar uma qualidade melhor para as aulas de Educação Física. E eu até então comecei devagar, mas assim também não comecei deixando muito solto, comecei um pouco mais sério, um pouco mais firme porque era início e também queria que os alunos me respeitassem e tal, e eles eram alunos de ensino médio, então eu tive que chegar já de uma certa forma sem deixar a turma muito solta, senão depois eu não conseguiria dar um tom um pouco mais de seriedade para a aula, ou levar, puxar um pouco mais de conhecimento né, se eu já não começasse assim. Então no início era novidade, era tudo novo encararam isso numa boa, estavam dispostos e tal, mas quando eu comecei com conteúdo e tal, em sala de aula, com tarefa de casa, coisas para pensar, coisas para responder, eles começaram a ficar um pouco relutantes com isso. Eles queriam mais atividades físicas, eles queriam mais jogar bola, então no começo minhas dificuldades eram essas, tinha que negociar muito com eles, fazer uma aula um pouco mais leve de conteúdo ou incrementar este conteúdo, porque as vezes um conteúdo de ensino médio não dá pra fazer uma aula 100%

prática, para tentar relacionar com um pouco mais de prática para eles se interessarem, né, mas acho que as dificuldades foram um pouco essas.

E - Você falou das dificuldades, mas e uma satisfação?

P3 - Acho que neste início, eu acredito que quando eu pensava em uma atividade pra colocar a relação com o conteúdo que eu achava que não ia dar certo, que uma parte do conteúdo não ia ter muito sentido fazendo a prática, eu criava lá uma estratégia, alguma coisa e ela funcionava. Eu lembro de uma atividade de ginástica que eles estavam pensando na prática, que a gente foi fazer estudo de ginástica, e a escola é perto do lago Igapó. Combinei coma escola, fiz tudo certinho com a autorização dos pais e a gente saiu da escola durante a aula e ir ao lago Igapó e voltar. Isso eles participaram bastante, foi bem interessante porque é uma prática que já é comum na cidade e nos bairros deles, então eles reconheceram a atividade como sendo da Educação Física, foi bem satisfatório, porém eu acredito que eu esperava um mais, eles estavam com um grau de expectativa ainda muito alto, mas foi bastante satisfatório. Ai foram feitas perguntas do porque de alongar antes e depois. Foram falando e eles estavam tão envolvidos com a atividade que eles acabavam não se preocupando com estas questões, ficavam mais na euforia de caminhar, sair da escola ir andar. Mas mesmo assim foi muito bom, neste aspecto assim foi muito bom. Se eu continuasse mais tempo na escola, porque logo depois eu sai, então se eu continuasse mais tempo lá, provavelmente eu teria conseguido alcançar estes objetivos, assim mais deles relacionarem mais ao conteúdo.

E - Me corrige se eu estiver errada, você acha que a maior dificuldade foi os entenderem a Educação Física e você relacionar os conteúdos do ensino médio com o conhecimento prático. É isso?

P3 - Isso, o que eu percebo é que existe para eles uma grande diferença entre teoria e prática, eles veem a Educação Física como aquela aula que só tem que ser prática e toda vez que tem que fazer alguma coisa de teoria, eles ficam sem vontade, sem interesse, ai as vezes eles ficam com fuga na sala de aula, porque por mais que você prepare uma aula dinâmica, com perguntas, interrogações, você faça atividades com papel para eles relacionarem uma lista, comparações, mesmo que seja rápido, eles tão com livro na mão, eles tão querendo fugir para outra coisa, ficam perguntando se vai sair, sem vai sair ainda, se vai dar tempo de sair, ficam querendo negociar, daqui a gente fala daqui a pouco a gente sai, na ansiedade de sair da sala de aula. Então essa questão deles não conseguem compreender que a aula de Educação Física não é só "fazeção", é um pouco difícil. Ai às vezes eu procurava falar um pouco desta questão teórica, discutir questões teóricas, fazer perguntas para eles durante a atividade, na quadra eles ainda não queriam responder perguntas enquanto faziam a atividade. Então não é uma questão de eu dar aula prática na quadra e teórica na sala de aula, quando eu fazia questões ou intervenções teóricas, ou fazia perguntas, questionamentos sobre as ações na quadra, eles já não queriam responder, ou queriam dar uma resposta rápida para voltar para atividade logo.

E - E como você foi tentando solucionar isso?

P3 - Às vezes com perguntas mais simples. E eu percebi que não adiantava perguntar muitas coisas. Nem dar as respostas prontas, mas eu tentava colocar objetivos menores por aulas, eu percebia que não adiantava esperar que eles dessem conta de muitos conhecimentos, responder muitas questões num dia só. Então eu diminui minhas expectativas do que eles iriam responder, perguntava coisas mais gerais e bem ligado a um objetivo específico de aula mesmo e esperava que eu ia conseguir a resposta de algum aluno, ai no início a gente também tem dificuldade de elaborar a pergunta certa, mesmo para não dar a resposta, mesmo uma pergunta que realmente inquiete, mesmo uma que faça com que eles respondam aquilo que estamos querendo saber, é difícil para o professor imaginar como o aluno ta pensando e provocar ele pra responder de maneira que ele não fique com aquela cara de interrogação, tipo se perguntando o que será que ele ta querendo comigo. Isso acontece muito, você faz uma pergunta e eles ficam pensando ou na duvida porque será que ele ta me perguntando isso. Um pouco é porque eles não tem essa relação de questionamento durante a aula de Educação Física e um pouco porque esta questão do conteúdo, eles nunca pararam para pensar antes.

E - Você já ficou em algum momento de dúvida durante a aula?

P3 - Já, com certeza. Acho que as vezes quando eles vem com perguntas de uma maneira que tenta desrespeitar a aula, querendo dizer que ela não tem importância, que o que eu estava querendo ensinar, não tinha sentido, então a gente fica sempre procurando um significado para as coisas, trazendo um conteúdo que lhe interesse, que eles percebam que na sociedade é importante, que é interessante que eles conheçam, que é por isso que a Educação Física ta na escola, ai de repente eles pegam e te fazem uma pergunta, uma colocação que não que te deixe sem resposta, que chega num momento que você não tem mais argumento, mas sim quando o argumento é o simplesmente não quero, não me interessa. Se um dia eu tiver que, e ai aquele argumento do porque ta na sociedade, temos que conhece-lo, ai vem um e fala, que tem outros conteúdos que a gente se interessa. Ai eu respondia, outro dia a gente pode trazer este conteúdo, ver se ele cabe a aula de Educação Física. Vamos ver sobre os que vocês tem interesse, tem duvidas, ai vocês podem trazer para a gente estudar, que a gente planeja e faz uma aula sim. Mas a gente percebe que este tipo de situação era mais para distrair, para me derrubar, me deixar sem resposta para que eu deixassem eles fazendo o que eles queriam, eles ficavam sempre assim, ele testa o professor, se ele sabia o que estava fazendo, para saber se ele esta lá cumprindo hora, se esta enrolando, eles ficam testando a gente. Então em alguns momentos eu sentia, me deparava com a falta de desinteresse deles que começava a me desanimar, começa a querer deixar para baixo, onde eu continuava e mantinha firme aquilo que eu tinha planejado, as vezes alterava uma estratégia, as vezes tinha planejado uma estratégia para aula seguinte e já trazia ela um pouco antes, meio que em cima da hora para ver se despertava interesse, para tentar ver se mantinha o interesse deles na aula, as vezes dava certo, as vezes não, as vezes eu saia da aula derrotado. Acho que no começo da carreira, eu me sentia muito ansioso, muita expectativa de aula, então assim, um dia antes de eu ir dar aula dormia 4 horas na noite, ficava pensando como que ia ser minha aula, se ia dar certo ou não, aquela ansiedade de como eu vou levar esta aula adiante, então quando a aula terminava, era um alívio, não porque tinha sido ruim, mas porque a aula tinha terminado e querendo ou não eu tinha conseguido dar a minha aula, tinha conseguido ensinar alguma coisa, ou mesmo que eu não tivesse conseguido ensinar, eu tinha colocado um planejamento, uma tentativa de ensino, experimentado alguma coisa, então aquela ansiedade de não saber será que vou conseguir terminar, vou conseguir acabar o que eu planejei, ou ficar sem saber o que fazer, o que que eu vou fazer. Então esta ansiedade sempre foi muito alta no começo, depois ela foi diminuindo. Hoje já to com quase três anos de atuação, já não to com o ensino médio mais, já percebo que esta ansiedade diminuiu bastante. Hoje já sou mais tranquilo, quando acontece uma situação que eu não esperava, ou que me deixa sem controle, eu já reajo mais tranquilo, penso bem, respiro antes de responder, reflito a situação. Antigamente eu tinha mais pressa de responder na hora, fazia as coisas de forma muito rápida. Hoje já fico mais tranquilo, converso, pergunto, penso. Acho que esta calma vem com a prática, que a gente vai aprendendo na prática com eles, e aprendendo a lidar com nossa ansiedade, porque a gente pode observar melhor o que está acontecendo para poder pensar melhor numa resposta para determinada situação.

E - E assim em relação a algum conteúdo específico que você trabalhou na aula, não em relação de não saber, mas de dar algum aduvida, alguma inquietação?

P3 - Já, as vezes este conteúdo que fala sobre estruturas capacitativas, seé para criança pequenas eu utilizo um objetivo mais simples, se for com o ensino médio tem que ser algo mais aprofundado, mesmo porque eles já estão vendo biologia em um nível mais elevado na escola, já tem física, um conhecimento mais consistente para chegar na aula de Educação Física e chegar lá e só fazer ou só conceito, tem que aprofundar um pouco. Algumas vezes eles tinham algumas duvidas, eles vinham, perguntavam, e às vezes por ter estudado aquele conteúdo não esperar aquele tipo de questão, eu dava uma resposta e as vezes não era aquela resposta que eles esperavam porque não tinha estudado aquele conteúdo. Aconteceram poucas vezes, mas as vezes eu fiquei de dar a resposta depois. Vou pesquisar sobre isso e na próxima aula eu trago a resposta para vocês verem o que é, ai na outra aula eu mostrava para eles. Porque você promete que você vai trazer um conhecimento na aula seguinte, o aluno pode até esquecer, mas eu não me sinto bem de esquecer, ai se o aluno lembra e eu esqueci, o aluno pode ter a ideia de que eu não soube responder, dei uma resposta para tapear, ai depois não me interessei pelo caso. Mas isso aconteceu algumas vezes, por exemplo, com o atletismo também, eles me fizeram algumas perguntas de detalhes da modalidade que eu não sabia, como quem ganhou corrida em outra época e tal e veio perguntando e eu não tinha conhecimento, trouxe na outra aula, então são coisas que a gente vai aprendendo. A gente também tem que ter consciência que a gente não sabe tudo e que a gente também esta estudando. Sempre tentei deixar claro para meus alunos que o professor também estuda sempre. Mesmo porque pra gente ganhar um pouco o aluno neste momento que ele não ta te respeitando na aula, dando valor na sua aula, ai eu falava poxa vida eu estudei para dar esta aula, vamos prestar atenção eu preparei esta aula pra vocês, vamos deixar de conversar, tive que estudar pra isso. Então é um momento também que eu procurava trazer eles para os interesses das aulas, para um trabalho. De dizer que a minha aula não era só dar a bola e sentar, que na verdade eu estava interessado em fazer o meu trabalho. Pelo menos isso acho que eles perceberam bastante assim, que eu estava interessado em ensinar alguma coisa e esperar um resultado deles.

E- E essa pesquisa sua, era onde?

P3 - Geralmente internet, apostilas da faculdade, às vezes livro, mas bastante na internet, que as vezes o conteúdo que eu preciso para minha aula tem no livro, mas tem na internet também, em um site, ai fazia roteiro de aula, de questões para poder falando, argumentando e depois estruturava alguma atividade para aquele conteúdo. Então eu partia daquele conteúdo, depois procurava a atividade para fazer a relação, para responder aquele conteúdo e isso não é fácil. Às vezes você ficava pensando na aula da semana que vem o que é que eu vou fazer para relacionar determinada atividade com aquele conteúdo. Então ficar procurando esta relação teoria é pratica, é bastante difícil, por que a minha Educação Física na minha época de escola não foi assim, e a gente aprende na faculdade ou a gente tem os meios, é ensinado algumas questões de como fazer, a gente tem noções gerais, mas na hora de fazer mesmo a aula, o nosso jeito de dar aula, a gente aprende sozinho e é bem diferente do estágio, porque no estágio você pede ajuda para o professor, quem está te orientando percebe que você tem outras preocupações, que é de domínio de aula, de ansiedade, os professores não te ensinam como fazer, olha você vai procurar sua aula primeiro, depois vai agir desta forma, isso a gente constrói sozinho, e isso demora um tempinho, até a gente ter o nosso estilo.

E- E uma situação de segurança durante a aula, já aconteceu?

P3 - Já, um conteúdo que eu já tinha ensinado numa situação de estágio, já tinha experimentado aquela estratégia, vivenciado com os alunos, já tinha visto as falhas, dado uma corrigida nestas falhas, quando chegava com as estratégias mais preparadas, bem estruturadas, eu já me sentia mais seguro, porque dai eu não tinha duvida se ia funcionar ou não, aquela estratégia bem ou mal funcionava, então você traz a estratégia e faz com os alunos e aquilo começa a ter um andamento. Acho que até por isso com o tempo a gente vai ficando mais seguro, fica mais esperto porque justamente tem esta bagagem anterior, daquilo que você já ensinou, já melhorou.

E - Você considera a formação inicial como suficiente para a prática profissional da docência?

P3 - Sozinha não. Eu acho que o próprio formando na formação inicial deve procurar, tem que ter o interesse de aproveitar o que a formação pode oferecer de melhor pra ele e também buscar um pouco fora, porque o estudante também não pode ficar preso ao mínimo que se pede, pois as coisas vão passando e ele também não aproveita, quando o aluno tem o interesse de estudar, ele procura, realmente se interessar pela profissão que ele vai ter depois de formado que é o ser professor, realmente é muito importante e depois quando você começa a ser professor, no meu caso pelo menos eu senti que este interesse ganhou uma proporção diferente, porque eu senti que já não tinha ninguém mais me cobrando, não tinha que dar resposta pra ninguém sobre o que eu estava fazendo, eu tinha eu comigo a todo momento me provando, quer dizer, eu estava procurando ser um professor melhor a cada momento tanto no relacionamento com meus alunos quanto ao não gostarem de mim e ter momentos agradáveis, mas sim de gostarem daquilo que eu estava ensinando, de ter interesse naquilo que eu estava ensinando, de perceber que eles traziam curiosidades de casa, que propõe uma questão eles falam, então no ensino médio, eu senti que isso foi raro de acontecer, de eu propor uma questão e eles trazerem uma sugestão que conheciam, mas agora no ensino fundamental, isso é mais presente, gostam de falar mais, de participar mais, eles tem menos resistência a aula, ao conteúdo que eu estou ensinando, não sei se é pelo histórico da Educação Física deles que está começando agora sem ser tão forçado. Mas como são pequenos, a gente traz esta ideia da importância de estudar os conteúdos da Educação Física, então eles participam mais da aula. Agora no ensino médio, sobre o corpo, obesidade, bulimia, eles tinham muito interesse em falar sobre anabolizante porque eles tinham ouvido falar sobre exercícios de academia, sobre o conteúdo, ensinei sobre ginástica, eles perguntaram bastante coisa sobre ginastica de academia, musculação, alimentação, sobre o que precisava comer, o que não precisava ai que eles começaram a ter duvida, levantar questões. Então quando partiu deste momento, ai eles participavam, perguntavam que até fugiam um pouco da minha aula que no caso era sobre anorexia e bulimia, eles já partiam sobre anabolizantes, queriam saber sobre algum produto, suplemento, ai eles já ficam perguntando outras coisas que já vão para a área da nutrição, para outras áreas, mas isso era bom porque eles mostravam que estavam interessados no conteúdo.

E - Você identifica na organização de sua ação docente e na solução de possíveis problemas a influência da formação inicial? Caso a resposta seja afirmativa de que forma (essas influências) isso acontece?

P3 - Com certeza, acho que a gente também aprende um pouco com os orientadores da gente, com os professores que trabalharam com a gente, então um pouco das dicas que eles davam, o modo como faziam o trabalho deles, o modo como trabalhavam também vai marcando bastante e quando a gente chega na escola como professor, o que a gente tem de experiência é o que a gente fazia quando era estagiário, então um pouco eu copiava da pasta de estagio, hoje está bem diferente minha organização, mas no inicio parecia muito coma pasta de estagio, mudando algumas coisas que eu já não achava mais necessário, acrescentava outras que eu achava que era mais interessante, mas o meu esboço de aula hoje na

hora de planejar, não o planejamento da organização curricular, faço mais detalhado ainda, questões de dias para terminar aquele conteúdo, de dias para eu avaliar por exemplo que eu separo, hoje eu já estou mais sério com isso, senão eu me perco no calendário, não do conta de concluir o que eu planejei, mas na medida do possível eu tento me manter dentro de um certo período de data. Agora os meus planos de aula, eu acabo não escrevendo todos, eu anoto os conteúdos nas minhas próprias folhas por dia que eu vou fazer naquele dia, anoto o conteúdo, meu objetivo e marco a estratégia resumidamente. Ai o quando vou anotar o que não deu certo, não registro, eu não tenho o habito de fazer isso, mas sei que seria uma coisa muito boa se eu fizesse, não sei, acho que neste aspecto minha memória ficou boa, eu consigo me lembrar do que não deu certo, ai já na próxima aula eu já altero, caso eu venha a trabalhar com outra turma da mesma série, já altero minhas estratégias baseado no que aconteceu com a outra turma, ai já modifico, mas não escrevo o que eu mudei. Já de memória eu altero.

E - Mas no começo era mais o que você tinha visto na formação inicial?

P3 - Sim, no começo era mais o que eu tinha visto na minha formação, mas depois acabei criando meu próprio estilo.

E – E o que foi fazendo mostrar este estilo?

P3 - Acho que foi a praticidade, conforme eu ia anotando muito, eu ia ficando um pouco tenso com isso, eu gastava muito tempo com isso, e na hora de ir para a sala de aula isso não era o mais importante no caso, estudar aquele conteúdo para levar, pensar e elaborar qual queria uma pergunta mais importante a ser feita, uma estratégia de que me preocupar com o tempo, por exemplo, se eu vou fazer 15 minutos de questionamentos, se vou direto a atividade, isto depende da estratégia que planejei. Eu parei de querer controlar tudo, uma mania que me deixava ansioso, vou um pouco mais solto para a aula, porque eu queria controlar toda a aula, do que eu ia fazer que ia acontecer, o tempo todo da aula eu queria segurar o tempo na minha mão, hoje eu já chego mais tranquilo porque tenho o conteúdo planejado, tenho a estratégia e meu objetivo. Então eu entro em sala de aula, apresento o conteúdo, ou se é algum conteúdo que estamos estudando, eu pergunto a eles sobre aquele conteúdo para relembra, resgatar algumas coisas da aula anterior para ver se não é só uma resposta qualquer que ele deram em um momento, ou se aquilo realmente foi aprendido, ou seja, eu faço uma avaliação da aula anterior na aula seguinte, eu não me preocupo mais com a hora de fazer, só dependendo do quanto eles falam, participam, eu aproveito mais a opinião deles. Eu não corto a fala deles para correr por causa do que eu tinha planejado. Então as vezes se um conteúdo esta interessante e eles estão participando, eu deixo a estratégia que planejei para outro dia, eu deixo a conversa a atividade fluir, caso esteja sendo útil eu deixo eles conduzirem a aula desta maneira. Ai a aula seguinte, se a atividade rendeu, se eles participaram, estão gostando, eu não corto a atividade, se eu percebo que o lúdico veio eu deixo também eles brincarem e aproveitarem, lógico que eles aprendem conteúdo, mas depois que eu percebo que eles deram conta do objetivo da aula, eu também deixo eles fazerem a atividade mais livremente porque eu acho que também é importante para eles para eles criarem gosto pela aula, então acabo deixando eles a fazerem a atividade sem perguntar muito, e sim fazer intervenções mais curtas porque eles também ficam ansiosos por fazer, então se eu faço perguntas mais simples, eles se interessam mais do que eu fazer um monte de perguntas e eles não agirem, porque antes a minha aula era muito de perguntar. Acho que eu era muito ansioso no inicio, muito querendo ter o controle, dela esta planejada, de dar certo, de funcionar, de não chegar ao meio da aula sem saber o que eu poderia fazer se desse algo errado, e o medo dos alunos perceberem alguma insegurança, ou ficar preocupado em cumprir meus objetivos de aula, dos alunos aprenderem, existe uma ansiedade, mas é de verem eles darem uma resposta adequada para o que a gente esta querendo ensinar, a partir de uma atividade que eles fizeram, eles conseguirem relacionar com o conteúdo, então quando isso acontece, no final da aula você fica muito satisfeito, de ver que você conseguiu planejar a aula de uma maneira e ela deu resultado que você esperava, que eles conseguiram chegar numa hipótese, elaborar uma e conseguiram testar ela, tiveram interesse. Então quando eu ganho isso deles eu já fico muito feliz.

E - E para você perceber esta ansiedade toda sua, demorou? Foi fácil perceber isso?

P3 - Perceber que eu estava ansioso? Não foi difícil.

E- Fazer essa mudança? O que foi mais fácil?

P3 - De perceber que esta mudança tiraria minha ansiedade. Acho que foi acontecendo junto, a gente vai ficando mais solto durante a aula, a aula até começa tensa um pouco, ai depois de um tempo a aula já começa a desencadear de uma forma que não fica amis tão tensa, isso no inicio, hoje já fico mais tranquilo, acho que é até certa autoestima, a gente olha e fala , deu certo uma vez, porque não vai dar certo agora. A gente fica seguro. E se der errado, a gente já está acostumado com alguns fracassos, não se cobra tanto, então aos poucos isso acontece junto, ai a ansiedade vai diminuindo e eu vou percebendo também que levar a aula um pouco mais leve, vai me aliviando um pouco mais, mas até pegar este tempo eu acredito que esta ansiedade inicial é muito importante. Na aula acontece um monte de coisas e eu tenho que pensar no que meu aluno esta pensando, tenho que controlar o tempo da minha aula, tenho que pensar naquilo que eu estou perguntando e nas mil coisas que acontece durante a aula, então perturba mesmo, às vezes um pouco de inquietude deles mesmos, entre ele ali, a falta de atenção, a gente perde muito tempo chamando atenção, buscando que eles prestem atenção no que a gente está dizendo, isso acaba sendo uma coisa que atrapalha muito a aula, mas com certeza com o tempo a gente vai se acalmando, aprendendo a lidar um pouco com isso, dar menos atenção para coisas que não vão te atrapalhar, deixar de lado coisas que são menos importante, se ficar dando importância para tudo que eles querem a gente não da aula, então algumas coisas a gente passa por cima, já vai perguntando, encaminhando sua aula, senão a gente fica para trás, os alunos tomam conta da aula e a gente não.

E - Você consegue visualizar os conhecimentos que você teve na sua formação inicial, na sua ação docente?

P3 - Os conhecimentos que eu aprendi na faculdade, se eu consigo visualizar na minha sala de aula? Às vezes sim, consigo observar todos eles assim, de uma maneira separada, de uma maneira bem complexa eu pude observar todos eles. Às vezes na hora de chamar numa situação de aula, que não é relacionada ao conteúdo, mas é relacionada a questões de carência dos alunos, indisciplina, questões morais, com certeza eu consigo observar algo que aprendi na minha formação inicial ou mesmo de cursos, de leituras que a gente teve depois da formação inicial, em formações continuadas, não é formação inicial, mas a gente continua sempre estudando, estas coisas a gente pode observar onde é que você está aplicando estes conhecimentos, onde você esta vendo se aquilo é realmente verdadeiro ou não, se encaixa naquela situação ou não e ai a gente vai sempre lidando com isso, é dinâmico demais, planeja sua aula, você sai de casa e não tem certeza de que vai dar certo, não tem a mínima certeza se sua aula vai ser aquela, e as vezes por exemplo você tem dois segundos anos no mesmo dia, mesmo conteúdo, planejou a mesma aula, uma aula acontece completamente diferente da outra, e percebo que as vezes com relação a conteúdos a segunda aula é melhor porque eu consegui já alterar algumas coisas, já consegui ver que a primeira aula não deu certo, na segunda aula consigo deixar mais aguçada.

E - Você considera que a experiência ajuda a melhorar sua aula? Consegue te ajudar em algum aspecto?

P3 - Com certeza ajuda. Primeiro na autoconfiança, por que você sente que é capaz de resolver algumas situações problemas que surgem ou mesmo com relação a estrutura da aula que você planejou vai dar certo, se o conteúdo vai de encontro com a estratégia que você planejou, então você já altera numa segunda aula sua estratégia em função do que foi a primeira aula, faz uma pergunta melhor, você faz uma pergunta de uma maneira, ai ele não entende, você já tem mais facilidade em reformular para que eles possam compreender melhor a pergunta, então na aula seguinte já faço a pergunta melhorada, neste ponto você já vai melhorando, ai na outra aula fica mais dinâmica, mais focada neste sentido, não passa por problemas de perguntas que eu poderiam ser feitas e não ficam legais, ai na segunda aula já estão mais elaboradas no sentido de chegar no ponto que eu retendo chegar.

E: Como você considera que essa experiência pode ser fundamental?

P3 - Tanto para mim no ser professor, tanto para com os alunos no sentido deles experimentarem, terem esta experiência a respeito do conteúdo que eu estou ensinando. Então tanto a experiência de ser professor, quanto a experiência durante a aula, são coisas que são importantes, então acho que tudo passa a ser a questão parecida com a da teoria e prática, não da para separar conhecimento teórico da universidade com conhecimento prático da universidade e o conhecimento prático da prática docente. Acho que não são coisas separadas, não consigo ver a universidade separada da escola, não consigo ver a minha aula longe do que eu aprendi na universidade, não sei se porque eu não parei, continuo estudando, sempre presente lá e também minha formação é recente, então consigo ver com mais facilidade o que eu aprendi e colocar em prática dentro da minha aula, ai olho para minha aula as vezes e penso olha isso eu não estudei, mas podia ter tido na minha formação. Mas para o tempo que a gente enfrenta de carreira, 20 ou 30 anos, 4 anos é muito pouco tempo, se for comparar este tempo todo, mas só os apontamentos já são coisas que você aprende e já consegue levar adiante. Na universidade, você aprende o aprender, não o que você vai ensinar diretamente na escola, mas te da condições de você continuar aprendendo sempre, então eu acho que o mais importante da formação inicial deve ser isso, da sua formação inicial te ensinar a como você vai aprender o como ser professor, porque você não vai ter um orientador, um professor, uma aula, um texto indicado por alguém, mas você ir buscar o texto, você ir buscar os meios para procurar, ir atrás do que você quer saber, ou de como você solucionar o seu problema, então esta questão toda de você ir atrás, solucionar seus problemas, te da mais autonomia profissional, porque você entra na universidade achando que você vai aprender tudo e ai depois você vai só aplicar aquilo, ai você não tem autonomia nenhum, porque você é só um reproduzidor daquilo que você viu na faculdade.

E - Você continua estudando?

P3 - Acredito que sim, acredito que sim, acho que por causa da pós-graduação eu estou estudando menos para as minhas aulas na escola, porque eu estudava quando não estava na pós-graduação, então eu senti que as minhas aulas neste sentido poderia estar um pouco melhor, mas eu acredito que não é uma perda que vai prejudicar minhas aulas com meus alunos, mas também sempre que eu posso eu não entro em sala de aula despreparado, mesmo porque na hora de planejar aquele conteúdo eu já tento me acertar de tudo, mas não me preocupo tanto quanto antes eu estudava um conteúdo que as vezes nem ia utilizar na aula, mas para eu ter um embasamento maior, ou se acaba surgindo alguma pergunta, então este tipo de estudo aprofundado eu não acabo fazendo mais hoje, mas eu pretendo continuar após terminar minha pós graduação. Então pretendo continuar com a preocupação com a minha aula em si, me voltar mais para minhas aulas, como se fosse um laboratório mesmo para eu aprimorar o que meu eu ser professor. Eu to narede publica, então lá tem formação continuada que é institucional, não é uma formação continuada que tem um tempo muito grande de durabilidade, são as vezes dois encontros ao mês, ou um encontro ao mês , então este encontro com os colegas acabam ajudando na nossa profissão, e mesmo que eles tenham uma formação diferente da nossa, da minha no caso, uma outra ideia de Educação Física, outra visão, os momentos que eles trazem os conteúdos são muito válidos, eu consigo ver esta importância e eu participo de um grupo de estudos na universidade, grupo de professores que se reúnem para questões da escola, então participam também grupos de estudantes que estão na formação inicial, iniciação científica, então é o modo de você esta ligado a faculdade, de ficar ligado com a realidade da escola mesmo e fazer esta ligação. A gente pode contribuir para a formação dos estudantes que estão se formando, se tornando professores e ao mesmo tempo a gente continua trocando experiências, não perde a vontade de estudar. Cada encontro que você vai que encontra professores, você vai aprender alguma coisa, se sente mais motivado a estudar. Eu acho que se eu tivesse me afastado, é o que eu ouço de alguns colegas que se afastaram que não participam de grupo de estudo, eles se queixam justamente disso, desta vontade de estudar, de compartilhar o que eles estão lendo, então esta troca faz muita falta. Então eu me sinto muito feliz em participar destes grupos de estudos. Todos os professores poderiam participar de um grupo de estudos, de estarem mais ligados a formação.

Professor 04

Idade: 23

Sexo: Feminino

Ano de Formação: 2010

Ano que começou a atuar: 2011

Participa ou participou de processos de formação continuada? Quais foram?

Sim, mestrado e grupo de estudos.

Onde você começou a dar aula?

Rede particular, educação infantil e Fundamental de 1º à 4º Ano.

E - Desde o início qual foi a sua maior satisfação e a maior dificuldade em dar aula?

P4 - A maior satisfação era em saber que era o que eu queria mesmo, ser professora, porque eu gosto muito mesmo, ver que o que eu me propus a fazer tava dando certo, podia dar certo e o reconhecimento da escola assim. A maior dificuldade que eu ainda tenho é em saber se eu to conseguindo mesmo dar conta dos conteúdos, sabe. A in experiência talvez.

E - Mas ainda persiste?

P4 - Nem tanto, mas a in experiência assim, me deixa um pouco angustiada, por exemplo, o meu E15 é uma turma muito grande, tem 24 alunos, é muita criança de cinco anos sozinha e tem vários alunos lá que tem dificuldade, que precisariam de um certo tipo de acompanhamento ou de um olhar com mais cuidado sabe, tanto da escola como da família e eu acho que não tem. Eu já conversei sobre isso com a diretora e com a dona da escola, mas ainda não tem. A escola é muito pobre assim, é uma escola particular de bairro, parece uma creche que virou escola particular. A sala é muito grande e nem a professora de sala tem ajudante, sabe. Então os alunos estão lá e eu não sei até que certo ponto eles estão aprendendo. Então o organizar aquela turma é uma dificuldade muito grande pra mim, o que eu não tive no estágio. Eu achava que no estágio a gente ia assumir turmas grandes e em escolas de bairros que dizem que tem mais problemas e não tive dificuldades e agora nessa escola eu estou tendo com essa turma assim, o controle, não o controlar de ficar em silêncio, mas o controle de tudo de saber se o conteúdo ta sendo válido, ta sendo pertinente pra eles ou não, o que eles estão aprendendo, se eles estão fazendo só porque ta gostoso, essa é minha dificuldade.

E - Essa angústia ainda existe?

P4 - Sim, nessa turma ainda existe.

E - É só em uma turma?

P4 - É.

E - Mas você tinha essa angústia no início também com as outras turmas?

P4 - De conteúdo, se seria válido ou não eu tinha, agora não tem mais assim, já sei que eu posso, já tenho a consciência de que eu posso parar um conteúdo porque eu achei o outro tema pertinente para aquele momento que era necessário falar por exemplo sobre o convívio social sabe, falar sobre alguma outra coisa, então já sei que da pra eu dar uma parada no conteúdo que esta ali no currículo pra falar com eles, porque era mais valido naquele momento.

E - E a que você atribui essa mudança, essa maior segurança?

P4 - Acho que é a segurança mesmo que eu fui tendo enquanto professora, a experiência, a segurança de estar na escola e da coordenação, a diretora lá dá esse suporte pra mim, ela me dá essa certeza de que o meu trabalho ta sendo bom ali, então ela me fez estar segura de que eu podia fazer isso, pela resposta dos alunos também e com o que a gente vai vendo na faculdade nesse processo ainda que não parou de aprendizagem que estou e sempre estarei, acho que vai conciliando tudo sabe.

E - Você já ficou em uma situação de aula em uma situação de dúvida quanto a sua ação?

P4 - Já fiquei em momento de dúvidas de perguntas, as vezes perguntas que a gente não se prepara pra fazer assim, você planeja a aula mas você não sabe, não tem como planejar toda as perguntas que eles vão fazer. Então por exemplo semana

passada, coisinha bem básica mas que é recente pra te falar, eu tava falando com eles sobre equilíbrio então eu quis fazer pelo menos a vivência deles com isso pra começar na primeira aula nada de definição, nada de conceito e que eles tivessem, que a gente fosse conversando e conforme a gente ia fazendo atividades eles iam entendendo o que era isso e eles me perguntaram qual era o nome do que mede o som, o que acontece quando a gente morre com o líquido dentro do ouvido sabe, o que acontece com esse líquido, como é o nome do que mede o som, ou quem é surdo como que acontece, eu sei que pra quem é deficiente auditivo ele tem o equilíbrio, são sistemas diferentes, mas ai falar o como, o como falar pra eles assim de uma maneira que não seja, falar nomes difíceis nada até porque eu não sei os nomes difíceis, ai eu já fiquei nessa duvida assim e falei não, espera que eu vou procurar e na próxima aula eu te trago isso. Essas perguntinhas deles da aula assim, duvidas que vão surgindo.

E - E você levou na outra aula?

P4 - Não , foi essa semana, vou levar ainda.

E - Mas já houve outra situação assim?

P4 - Já, ai eu levo, eles ficam em dúvida com coisas sobre a puberdade, querem saber o que vai acontecendo ai eu procuro e na próxima aula a gente conversa melhor sobre isso. Eu não falo, não, agora não é hora disso, mas a gente conversa e na outra aula eu levo figuras e alguma coisa que a gente possa falar melhor.

E - Essa pesquisa que você faz depois da aula, onde e como é feita?

P4 - Basicamente ou em textos que eu já tenho até da época da faculdade, livros que eu tenho ou na internet mesmo, é difícil eu procurar lá na biblioteca.

E: Você considera a sua formação inicial como suficiente para a sua ação docente?

P4 - Eu considero, eu acho que é muito pessoal o quanto eu aproveitei a universidade, eu sei que ela me deu embasamento, claro, que tudo a gente sabe que pode ser melhor, porque também depende muito de como o professor universitário se posiciona com aquilo que é o compromisso dele com determinada disciplina mas a forma com que eu aproveitei a ajuda desses professores, eu sei que a minha formação foi decisiva para muita coisa, eu vou com isso colocando em pratica juntando para minha experiência que eu vou ganhando com a minha noção de aula, o que é o meu conceito de aula que vai, mas sem esse embasamento, com certeza seria bem diferente.

E - Você consegue perceber na organização da sua ação docente a presença da formação inicial?

P4 - Totalmente, por causa de o como reunir os alunos e fazer com que eles tenham a tomada de consciência, eles perceberem, usar as experiências deles para uma construção de conhecimento novo. Pra eles é terem a autonomia e a responsabilidade e o respeito na sala de aula enquanto tudo, enquanto ele, enquanto os amigos, enquanto a professora, enquanto o material que é deles, a aula que é deles, tudo, essa autonomia assim, a conversa, o como que a construção da aprendizagem mesmo, totalmente, tudo assim.

E: Quais conhecimentos da formação inicial você consegue perceber que estão presentes na sua ação?

P4 - Conhecimento pedagógico, conhecimento específico, conhecimento didático talvez esta dentro do pedagógico. Acho que é isso. Lembro das disciplinas de ensino aprendizagem e a de intervenção docente, pra mim elas são a base parece do curso.

E: Você considera que a sua experiência te ajuda a se tornar professor?

P4 - A partir do que eu vou errando, do que eu vou aprendendo com os meus alunos e o que eu vou aprendendo porque você não aprende na faculdade o que é a escola mesmo assim, é só vivendo ela para saber então junto tudo e isso vai me ajudar muito a melhorar enquanto professor, eu tenho certeza disso. O quanto eu já aprendi estando lá com a experiência das outras professoras, com os meus alunos, a minha postura enquanto professora, não adianta eu falar: eu vou ser brava com meus alunos, é diferente com um aluno estou aprendendo muito a trabalhar com os meus alunos que eu considero que precisam de um acompanhamento, o como fazer com que eles estejam na aula ou ver as crianças que são excluídas e tentar elas serem inseridas sabe, então tudo assim, os conteúdos, já penso hoje assim isso da aqui e isso é no ano que vem para outra turma ai eu já deixo uma observação, vou mudar.

E: Você anota isso?

P4 - Anoto tudo, tenho um caderno, a escola não me cobra, mas eu tenho cadernos de planejamentos meus e eu faço os planos de aulas para todas as aulas, ai depois de cada aula eu já faço anotação ali em cima do que eu acho que posso mudar, a avaliação daquela aula talvez no ano que vem faria diferente.

E: Você tem mais alguma coisa que gostaria de acrescentar?

P4 – Não, não.

Professor 05

Idade: 25

Sexo: Feminino

Ano de Formação: 2008

Ano que começou a atuar: 2011

Participa ou participou de processos de formação continuada? Não, fiz a pós mas não é na área da educação.

Onde você começou a dar aula?

Rede particular, educação infantil e Fundamental de 1º à 5º Ano.

E - Desde o início qual foi a sua maior satisfação e a maior dificuldade em dar aula?

P5 – A maior satisfação acho que é ver os aluninhos assim abraçando e alunos que não conseguiam fazer certo os movimentos e fazem, a evolução mesmo e o carinho que eles tem com a gente. E a maior dificuldade pra mim foi trabalhar com

infantil de um ano e dois anos, por limitação mesmo de não saber questões de brincadeiras e tudo mais, eu tive muita dificuldade.

E - E ainda persiste?

P5 – A satisfação sim, a dificuldade não. É mais difícil trabalhar com o Infantil comparado com as outras séries, mas gosto, dou aula numa boa, vario bastante as atividades e tal.

E - Por que você acredita que essa dificuldade do início passou?

P5 – Eu acho que muito a questão de você procurar, de ir atrás, muita conversa com a Márcia que é a diretora da escola. Ela me apoiava e me mostrava como é lidar com essa idade, o que eles se interessam então acho que foi muito a questão de procura mesmo e de ir atrás de outros profissionais

E - Você já ficou em uma situação de aula em uma situação de dúvida quanto a sua ação?

P5 – Não, porque lá é tudo planejado né, então assim eu não chego lá sem um planejamento.

E - Nunca houve nada na aula que saísse do seu planejamento?

P5 – Em questão disso eu já mudei meu planejamento por questão de comportamento, a turma não estava se comportando ai eu retirei aquele aluno pra fora. E sempre questões havendo perguntas mais que eles fazem, sobre sexualidade, a gente fica mais assim sabe, é, poucas vezes foram, mas já teve. Um aluno uma vez falou sobre a questão de beber cerveja, que dá ânimo, fica meio alegre, eu fiquei meio assim sem saber o que falar sabe porque a gente não sabe até que ponto pode falar a respeito desse assunto.

E - E nessa hora o que você fez?

P5 – Nessa hora a diretora estava na sala dela, escutou e já veio e interferiu sabe, um anjo da guarda caiu, porque eu não ia saber responder sabe eu fiquei olhando pra criança e pensando como ela sabe dessas coisas. Ai a Márcia veio e resolveu.

E – Se essa mesma situação acontecer hoje, você acha que esta preparada?

P5 – Ah eu acho que se acontecer a mesma, ela me falou ah quando acontecer essa situação de sexualidade bebida, conversa desse jeito, se ele sabe se é porque na família tem, o meio dele tem é porque isso realmente acontece ai fala que essa bebida é pra adulto, não é destinada a sua idade e a mesma coisa com a sexualidade.

E – E uma situação de segurança, você já teve durante a aula?

P5 - Já, assim, a maioria das atividades que eu faço e to planejando ta dando certo. A maioria das aulas tem dado certo.

E – E a quê que você atribui isso?

P5 – Acho que é a questão do planejamento mesmo que da uma base, te da confiança, porque a hora que você ta planejando que você fica lá pensando e procurando. Eu acho que é essa questão mesmo, do planejamento que te da essa confiança.

E: Você considera a sua formação inicial como suficiente para a sua ação docente?

P5 – Considero. Eu achei assim a faculdade uma base muito boa, não total, assim, muitas coisas é na prática, não tem o que falar sabe, mas muita coisa, muita coisa mesmo deu base.

E - Você consegue perceber na organização da sua ação docente a na solução de possíveis problemas a presença da formação inicial?

P5 - Ai eu já acho que não, porque geralmente os problemas que eu tenho em aula é de comportamento, questão de conversa e bagunça e eu acho que essa questão a faculdade não me deu nada e nem teria que dá né. É questão de comportamento, como você se impõe enquanto professor, mas acho que isso vem com o tempo eu acho.

E - E, por exemplo, você afirmou que o planejamento é importante para a segurança que você tem em sala de aula, você consegue perceber a influência da formação inicial na hora de planejar?

P5 – Com certeza, foi válida. Ah eu acho que só essa questão de voc-e se organizar para fazer o planejamento, essa organização já é uma base da faculdade. Todo esse planejamento que a gente fazia na faculdade, tinha essa organização. Eu acho que isso vem da faculdade.

E: Quais conhecimentos da formação inicial você consegue perceber que estão presentes na sua ação?

P5 – Eu acho que os conhecimentos, como assim?

E – Se você acha que tem algum conhecimento da formação inicial que esta presente na aula, você se lembra de alguma disciplina?

P5 – Eu como ser professora sabe, a postura sua como professora, eu acho que esse conhecimento pra mim quando eu fiz estágio foi muito importante sabe. De ser professora, de você estar lidando com uma turma e você ta transferindo conhecimentos pra eles entendeu. Essa postura eu acho que vem muito da faculdade, o como agir, como se portar, como falar sabe no estagio eu aprendi bastante. Que foi realmente na prática ali.

E: Você considera que a sua experiência te ajuda a se tornar professor?

P5 – Acho que ajuda porque é só com a prática, você lidando com as situações existentes ali na escola, no dia a dia, em cada aula que faz você melhorar, você mudar, você querer estudar mais sabe. Eu acho que ajuda a escola nisso.

E – Você gostaria de falar mais alguma coisa sobre o seu início de carreira ou alguma coisa que você gostaria de dizer?

P5 – Não, eu acho assim que é difícil, a dificuldade maior é o abrir porta sabe, depois que você ta La dentro, eu acho que você consegue mostrar tudo que a gente tem. Depois que a gente entra, a s pessoas conseguem ver como é diferente, a Educação Física só Licenciatura com toda essa mudança. Mas a oportunidade pra ser dada é difícil, não PE todo mundo que consegue. Acho que é isso.

Professor 06

Idade: 25

Sexo: Feminino

Ano de Formação: 2008

Ano que começou a atuar: 2009

Participa ou participou de processos de formação continuada?

Especialização em educação especial. Participo de grupod e faço o mestrado.

Onde você começou a dar aula?

Rede particular. Educação infantil e ensino fundamental.

E - Desde o início qual foi a sua maior satisfação e a maior dificuldade em dar aula?

P6 – Com relação a que, ensino ou adaptação com a escola?

E – A tudo que envolve a sua atuação docente, o seu ensino, adaptação, planejamento, conteúdo.

P6 – Ah, com certeza, cada momento, cada contexto é um conhecimento que não tem como prever, a cada momento tenho dificuldades mas eu tento superar com os conhecimentos que eu construi mas eu tenho dificuldades sim até em planejar, analisar, avaliar. Tenho dificuldades em alguns aspectos que é o começo. A maior dificuldade que eu encontrei até agora foi em materiais que dizem respeito ao planejamento da aula, eu sei que eu devo ensinar alg, mas como e onde procurar, materiais que tenham o mesmo conhecimento de quando a gente tava sendo formado é difícil, então a gente tem sempre que partir do nosso conhecimento para a busca, seja por meio de livros, internet e é difícil você readaptar aquele saber que esta posto para o que você quer ensinar. Então essa transposição para o que eu encontro com o meu ensino acho que é a maior dificuldade que eu tenho.

E – E a satisfação, você tem alguma?

P6 – Eu me sinto muito satisfeita, muito gratificada quando eu vejo que meu aluno ta compreendendo o que ele ta aprendendo, que ele demonstra que ele entendeu o que eu to ensinando pra ele, quando ele relaciona aquele conhecimento com algo, com alguma outra disciplina ou do contexto dele fora da escola, isso pra mim é o que me satisfaz como professora.

E - E no caso da dificuldade que você afirmou, você buscou solucionar?

P6 – Essa transposição didática, essa busca, eu tento superar, nos grupos de estudos há um diálogo com outros professores, no caso do Márcio que também é professor há mais tempo do que eu, então eu converso bastante com ele, então eu tenho tentado superar dialogando com outros professores também.

E - Você já ficou em uma situação de aula em uma situação de duvida quanto a sua ação?

P5 – Já, já sim. Principalmente em relação a conflitos desde relação de xingamentos até a agressão em si, então você lidar, conversar com eles no momento que eles estão muito nervosos que eles não te ouvem eu acho que é uma dificuldade também e eu, é difícil porque é um conhecimento que inclui um relacionamento sobre o aluno, as vezes a realidade dele, o contexto dele, como que ele ta estudando. Como a gente é professor de Educação Física, a gente não fica muito tempo com esse aluno. Então você entender porque ele esta reagindo de determinada maneira, você conhecer o seu aluno como ele é, como ele ta agindo pra você poder ver como dialogar com ele e até aonde ir com ele. Já aconteceu dúvida também quanto a

perguntas mais específica, quando estava com alunos mais velhos, do ensino médio, daí eu fui buscar, fui pesquisar em outras fontes, mas como eu sempre preparo as aulas e pesquiso sobre aquilo que eu to falando, levo impresso quando é regras ou algo mais assim, quando eu não sei, tem que pesquisar pra retornar na próxima aula.

Eu dialoguei, falei para os alunos, olha isso que vocês estão me perguntando eu não sei, não tenho aqui no planejamento, vou buscar e trago pra vocês na próxima aula pra gente trazer pra discussão. Mas naquele momento não tinha o que fazer, tive que ir buscar e eles também, joguei como um problema para eles pesquisarem para depois a gente discutir.

E – E essa busca sua, normalmente onde que ocorre?

P5 – Ai, talvez pelo pouco tempo eu uso muito a internet, então normalmente quando é regra, normas ou quando é algo mais assim específico com o conhecimento em si.

E – Bom, até agora você falou de uma dificuldade e uma situação de segurança durante sua atuação docente?

P5 – Eu acho que agora como eu to cmainhando para o terceiro ano eu consigo avaliar melhor a minha aula, eu consigo ver realmente se eu estou conseguindo ensinar ou não e eu veio também o instrumento escrito como pra ter um olhar individual porque quando você analisa pela análise do discurso é muito o grupo então os alunos acabam repetindo o que o outro fala e quando você utiliza questões no caderno ou questões individuais e você foca mais pra saber se o aluno sozinho consegue entender aquilo eu acho que é um instrumento bem válido que eu comecei a utilizar com mais frequência.

E – Então, você consegue ver diferença do seu ensino desde 2009 até hoje?

P5 – Eu consigo já ver porque eu consigo também administrar o tempo da aula, antes eu falava muito e os alunos não tinham muita abertura, talvez pela aquela ansiedade de estar começando. Agora eu consigo mais de imediato a problematizar, fazer com que eles pensem mais sobre isso, eu consigo administrar melhor o tempo da aula diante do meu planejamento, isso eu vejo que é bem diferente do começo com agora.

E – Por que você acha que isso ocorreu?

P5 - Eu considero que como eu sempre tenho essa auto avaliação e como foram as aulas, eu tenho um fichamento no caderno, eu tenho o planejamento de como acontecerá a aula e depois o que deu certo da aula ai eu analiso no meu próprio caderno e eu tenho os cadernos anteriores, então eu já fui analisando. Fui auto avaliando meu planejamento, então nesse momento eu vou fazer duas questões, antigamente eu fazia dez, então sobrecarregava a minha aula e eu não conseguia dar conta nunca então a partir do que eu fui experimentando e analisando no contexto da sala de aula eu fui mediando e fui conseguindo ver mais o contexto dos alunos, da por exemplo, da seriação, qual o limite para a segunda série, para a terceira então eu fui mediando, fui digamos assim me acalmando, eu estava muito ansiosa. Agora eu já consigo ter mais calma, não deu certo, mas na próxima aula eu vou continuar então eu tenho já, essa diferença. Antes eu me culpava muito, não deu certo porque eu não consegui planejar bem a aula e agora eu já vejo que há outros fatores que interferem além de mim, acho que esse foi algo que deu de diferença do começo para agora.

E - Você consegue perceber na organização da sua ação docente a na solução de possíveis problemas a presença da formação inicial?

P6 – Eu considero que totalmente, porque na primeira fase que é enquanto aluno na escola, eu tive uma Educação Física totalmente diferenciada do que a que estou tendo agora na formação inicial e na formação continuada porque a minha formação inicial na escola sempre foi esporte e era sempre a atividade. Era uma Educação Física ativista, só reprodução de atividades e na nossa formação inicial eu vi que não, que tem outras coisas para serem ensinadas e que tem um foco. E a Educação Física que eu ensino eu falo para os meus alunos, eu não tive essa educação Física, eu estou ensinando algo que eu aprendi durante a graduação, claro que eu tenho alguns conhecimentos que vieram da Educação Física na escola, mas a educação Física que eu ensino é a Educação Física que eu tive enquanto aluno da formação inicial. Então totalmente eu vejo que o meu ato de ensinar esta ligado a graduação.

E – Você considera a formação inicial suficiente para a prática profissional da docência?

P6 – Não, porque como eu logo que terminei a graduação já fiz uma especialização em educação Especial que era uma área que eu senti que eu tive dificuldade enquanto estava trabalhando na rede municipal de Ibiporã com os alunos inclusos então eu fui conhecer mais sobre isso porque o que eu tive na graduação não me, não satisfiz, eu precisava saber mais como lidar com aqueles alunos, então eu fiz a pós em educação especial e agora no mestrado também e com os grupos de professores porque as dificuldade que eu encontro dialogando com outros professores eu consigo ver um contexto maior e foi assim que eu consigo sair do foco eu, que eu consigo ver algo maior então, a graduação por si só não basta..

E – Que conhecimentos da sua formação inicial você utiliza para organizar sua ação docente na escola?

P6 – Nossa, muitos né, vou focar por exemplo pelas disciplinas de currículo, planejamento, ensino aprendizagem, das teorias educacionais, do perfil e identidade do professor, então tudo, tudo vai se envolvendo e vai gerando o meu ensino então cada disciplina eu vejo que tem uma parceria na minha atuação desde as disciplinas até de esporte individuais e coletivos porque é um conhecimento específico. Então eu vejo que cada disciplina teve um peso e tem uma participação na minha atuação em sala de aula, eu vejo que, claro que em certos momentos aparece mais uma do que outra mas todas eu considero que são válidas no meu ato de ensinar que faz parte do meu conhecimento.

E: Você considera que a sua experiência te ajuda a se tornar professor?

P5 – Sim, mas considerar a experiência como a união de todos os conhecimentos diante de um contexto, então, diante desse contexto eu consigo evoluir porque eu tenho um conhecimento e eu analiso o que esta acontecendo, volto para estudar e pesquisar e acontece o momento de sala de aula, sem que eu tivesse esses conflitos dentro do contexto da sala de aula, esse momento experiencial, esse contato com a realidade, dificilmente eu teria esse conhecimento que eu tenho hoje, então eu preciso do elemento externo para poder evoluir, então a experiência eu vejo com essa relação do meu conhecimento e do contexto em que esta acontecendo a aula por exemplo.

E – Em que aspectos esta experiência pode ser fundamental?

P6 – Pra mim seria isso a relação do conhecimento que no caso eu tenho com o contexto e esse contexto onde é a minha prática docente ele me ajuda a evoluir porque eu consigo ver diferentes focos e reestruturar aquilo que eu conheço então a experiência para mim seria isso, a relação do meu conhecimento com o contexto da sala de aula.

E – Você gostaria de falar mais alguma coisa sobre o seu início de carreira ou alguma coisa que você gostaria de dizer?

P5 – A eu tenho, tem uma coisa que foi marcante para mim, é essa falta talvez que assim o contato com outros professores logo no comecinho eu me senti um pouco sozinha porque a gente saiu da graduação a gente tinha muitos outros alunos pra discutir sobre o estágio e quando eu comecei lá o grupo de estudos ainda não estava em andamento então com quem que eu ia discutir o que estava acontecendo, eu estava com problemas e não tinha com quem discutir então isso pra mim foi difícil, aí quando eu voltei para o grupo de estudos e encontrei outros professores e comecei a conversar eu me senti mais segura, acho que quando o professor vai atuar sozinho e ele não tem um grupo de estudos, ele não tem um grupo de professores ele acaba se afastando ou deixando de acreditar nos seus ideais, nos seu conhecimento e acaba se acostumando no contexto de escolas como eu vi no depoimento de algumas amigas minhas que se sentem sozinhas e não tem com quem discutir, então acho que isso aí é importante.

Professor 07

Idade: 29

Sexo: Masculino

Ano de Formação: 2008

Ano que começou a atuar: 2009

Participa ou participou de processos de formação continuada?

Especialização em fisiologia e grupo de estudos.

Onde você começou a dar aula?

Rede pública. Educação infantil e ensino fundamental.

E - Desde o início qual foi a sua maior satisfação e a maior dificuldade em dar aula?

P7 – A maior dificuldade era quanto ao horário, organizar meu horário dentro daqueles minutos disponíveis para a aula, até você aprender né ter uma certa experiência, uma certa noção. Ou sobrava ou faltava e eu não conseguia me acertar. E uma satisfação foi a de ver o trabalho que se iniciou no começo das aulas, você ver o desenvolvimento dos alunos, é participar dessa melhora na, nessa bagagem motora dos alunos. Isso foi uma das coisas que me fez continuar na docência, saber que eu podia ajudar a melhorar a vida desses alunos.

E – E o que você fez para tentar solucionar a dificuldade?

P7 – Foi tentativas de erros e acertos, eu acho assim, depende muito dos alunos, da turma que você pega, tem turmas mais dinâmicas outras mais calmas.

E - Você já ficou em uma situação de aula em uma situação de dúvida quanto a sua ação?

P7 – Ah, acontece, acontece sim. Agora com menos frequência, mas sempre acontece principalmente erros de estratégias, você para para pensar e as vezes você fala nossa será que eu fiz a coisa certa, será que eu não fiz mas eu aprendi assim, agora já não ta funcionando mais, acho que foi isso, as estratégias usadas no começo eram meio furadas assim.

E - E o que você fazia quando via que tinha alguma coisa errada?

P7 – Eu ia atrás, atrás de pessoas mais experientes, perguntava para outros professores, esclarecia dúvidas se era assim mesmo e foi assim.

E - Você consegue perceber na organização da sua ação docente a na solução de possíveis problemas a presença da formação inicial?

P7 – No início eu recorria muito as disciplinas que eu tinha na faculdade, eu tenho separado pro pastas todo o material que eu usei, Xerox, tudo o que eu fiz de trabalho, cada professor etiquetado. Então quando eu tenho dúvidas eu tenho essa minha biblioteca particular aí começou a comprar alguns livros.

E – Você considera a formação inicial suficiente para a prática profissional da docência?

P7 – Não, eu acho que faltou mais conhecimentos, umas disciplinas serem mais apuradas. Senti falta de psicologia e assim eu tive pessoas que me ajudaram bastante no começo. A primeira coordenadora minha era psicóloga, então ela me indicou vários livros que tratavam do crescimento e desenvolvimento do adolescente, isso me ajudou muito.

E – Que conhecimentos da sua formação inicial você utiliza para organizar sua ação docente na escola?

P7 –

E: Você considera que a sua experiência te ajuda a se tornar professor?

P7 – A eu acho que essa relação interpessoal é fundamental, o contato com outros professores você acaba evoluindo. Você tem a sua formação inicial, mas depois, essas relações, essas trocas voc–e cresce muito. A formação inicial te da subsidio para o inicio mas não para a continuação por isso da formação continuada né, influencia muito assim essa relação interpessoal no ambiente escolar.

E – Em que aspectos esta experiência pode ser fundamental?

P7 – Para o crescimento profissional e pessoal, acho que é isso.

E – Você gostaria de falar mais alguma coisa sobre o seu início de carreira ou alguma coisa que você gostaria de dizer?

P7 – Não, é isso.

Professor 08

Idade: 26

Sexo: Feminino

Ano de Formação: 2009

Ano que começou a atuar: 2010

Participa ou participou de processos de formação continuada?

Especialização em educação especial. Participo de grupo de estudos.

Onde você começou a dar aula?

Rede estadual no PSS. 1º ao 5º Ano.

E - Desde o início qual foi a sua maior satisfação e a maior dificuldade em dar aula?

P8 – Eu acho que assim a gente começa meio perdida, sem saber, porque a gente estava acostumada a fazer o estágio só e como a gente fazia o estágio em dupla tinha sempre alguém ajudando e o professor colaborador observando e ajudando. Eu acho que conseguir dar uma aula e conseguir ver eles aprendendo, eles assimilando as coisas que a gente fala, os conteúdos. Acho que é essa assimilação, pelo menos alguma coisinha eles estão aprendendo. E a dificuldade é o medo no começo, não é nem a questão de conteúdo, é mais o medo de como os alunos vão te receber. Na verdade acho que tem o medo no geral né, de como eles vão te receber, será que eu sei dar uma aula, como que eu vou ensinar esse conteúdo pra eles, será que é assim, acho que é medo, um receio assim porque é uma coisa nova.

E – E o que você fez pra solucionar isso?

P8 – A, acho que eu fui indo, fui conversando com colegas assim, que já tinham dado aula, os depoimentos mesmo que a gente no grupo de estudo mas fuyi acho que a cada ida mesmo. Conversar mesmo, porque a gente pesquisa tudo, lê livros mas não é lá na prática né, e ali é a sua turma né, você que esta ali com eles, acho que é isso, ir a cada dia. E a coordenação da escola também dar um apoio absurdo assim, eu tenho muita carta branca assim com eles, acho que eles também me deram uma força muito grande em como solucionar, em tudo assim, em aula, em até livro de chamada, de tudo assim, porque a gente chega sem saber né, nunca tinha feito então de não preenche assim, então acho que é isso de colegas e conversas mesmo.

E - Você já ficou em uma situação de aula em uma situação de duvida quanto a sua ação?

P8 – Ah, acho que já, na verdade o tempo todo acho que a gente fica meio, eu fico me perguntando assim, será que é bom, será que porque eu tenho mania de anotar bastante assim, então enquanto eles estão fazendo eu fico anotando o que ta acontecendo, eu tenho o costume de anotar, não o comportamento do aluno, mas acho que é a resposta dele mesmo assim. Do como eu to dando e como ele reage a essa aula assim e depois eu tenho mania de enquanto eu to preparando a outra aula dar uma olhada assim, ver sei lá, acho que não deveria ter dito isso e assim como tem as turmas, terceiro, segundo e quarto ano eu tenho de manhã e a tarde também então as vezes dou a aula de manhã e falo, não, não foi isso, eles não entenderam o que eu falei, é melhor mudar para tarde então assim, na maioria das aulas, confesso que não são em todas que eu anoto mas eu tenho mania de anotar sim e depois dar uma olhada.

E – Onde você faz as pesquisas?

P8 – Tem os dois livros da Angela e do palma que a gente usa bastante e alguns outros livros de educação Física. Quando são dúvidas mais generalizadas, mais populares ai em sites mais confiáveis, na internet, dar uma olhada.

E - Você consegue perceber na organização da sua ação docente a na solução de possíveis problemas a presença da formação inicial?

P8 – Percebo, eu assumi as aulas no colégio entrando no lugar de uma professora que também se formou no nosso curso, então a visão do planejamento já é, eu comecei seguindo o planejamento dela no primeiro semestre e segundo semestre e depois puxei mais pro meu né mas é uma visão muito parecida o meu e o dela, mas eu vejo por exemplo na escola particular eu to seguindo o planejamento dela que foi formada no mesmo curso que eu e nas escolas do estado que eu peguei uma licença de uma professora que é bem mais antiga ai eu já vi uma diferença absurda, uma diferença muito grande. Então em tudo na prática no planejamento a gente carrega todo nosso curso nas costas.

E – Você considera a formação inicial suficiente para a prática profissional da docência?

P8 – Eu acho que suficiente ela na, acho que foi muito boa mas eu acho que eu preciso sempre ta que nem ano passado fiz a especialização, to no grupo de estudos, ela é suficiente mas eu preciso de mais coisa, preciso continuar estudando. Mas com certeza foi muito válida, principalmente os estágios, como a gente passa por todos os níveis assim, a gente vê muita coisa.

E – Que conhecimentos da sua formação inicial você utiliza para organizar sua ação docente na escola?

P8 – Eu acho que principalmente ta vendo o aluno como um ser humano, como alguém, não uma maquina pra reproduzir, mas eu acho que um ser humano que ta entendendo e assimilando as coisas que a gente ta ensinando e fazendo a relação porque tudo que a gente ensina na aula tem que relaciona com a vida dele né, acho que é uma das coisas que eu mais vejo na aula, a questão de questionamento mesmo de problematizar, acho que são as coisas que eu mais carrego do curso.

E: Você considera que a sua experiência te ajuda a se tornar professor?

P8 – Eu acho que muito, todo di a assim, cada dia que você ta ali é uma experiência diferente, nem que a gente ficasse dez anos em uma graduação estudando, nada vai ser comparado ao que a gente vive ali na pratica mesmo, de experiência mesmo de ver ali dia a dia, acho que a gente vai se tornando professor né porque nunca uma aula que eu dei ali hoje vai ser igual a de amanha. Por mínima que seja a diferença sempre vai ter alguma coisa que vai ta acrescentando na minha experiência.